

COLEÇÃO
SHERLOCK HOLMES
Série 2

A CAIXA MACABRA E OUTRAS HISTÓRIAS

Sir Arthur Conan Doyle

1ª Edição

 EDITORA
RIDEEL



PREFÁCIO

Sir Arthur Conan Doyle nasceu em Edimburgo, a 22 de Maio de 1859, de ascendência aristocrática anglo-irlandesa. Seus pais, com poucos recursos financeiros, tiveram de fazer consideráveis sacrifícios para oferecer-lhe o que, então, se considerava uma educação condigna. Assim, como fidalgo pobre, entre colegas privilegiados, Doyle estudou nas escolas qualificadas de Hodder e Stonehurst; depois em colégios de Jesuítas, tanto na França, como na Alemanha. Aos dezessete anos dominava o latim e o grego, falava fluentemente francês e alemão, além do inglês e irlandês, e adquirira uma formação metodológica que viria a ser-lhe útil como investigador e escritor.

O polivalente Doyle acabou se formando em Medicina, na Universidade de Edimburgo, após o que resolveu embarcar num veleiro, como cirurgião de bordo, para uma expedição predatória à baleia, no Mar Ártico. No final desta viagem, ele percorreu as costas da África, ocidental e oriental, como médico de um navio mercante.

Em 1885, casou-se com Jane Hawkins, que, vítima de uma enfermidade crônica, ficou inválida durante muitos anos, até falecer em 1906. Foi no ano seguinte ao seu casamento que, sempre escrevendo para a Imprensa, Doyle criou a famosa figura de Sherlock Holmes.

Recordando-se do professor de Cirurgia, Dr. Joseph Bell, com o seu nariz aquilino que lhe dava uma expressão de ave de rapina, a sua inclinação frustrada para a música e os seus hábitos peculiares, Doyle moldou Sherlock Holmes à imagem daquele médico com quem estudou na “Enfermaria Real” de Edimburgo, anexa à Universidade.

O Dr. Bell, com base nas autópsias, contribuiu com algumas descobertas no campo da Medicina Legal, fundamentando-as na Anatomia, na Antropometria e até na nova teoria científica da Frenologia, correlacionando as deformações cranianas com a Psicopatologia; e soube encantar os discípulos com as suas faculdades de análise e dedução lógica.

Assim, à imitação do mestre, Doyle dedicou a atenção a alguns casos criminais, chegando, posteriormente, a ser convidado a participar de vários inquéritos policiais. Mas não foi só à influência do Dr. Bell — e sim a todo um conjunto de circunstâncias — que se deve o seu interesse pela criminologia. Em 1807, foi criada, na Universidade de Edimburgo, a cadeira de Jurisprudência Médica (Medicina Legal). O professor catedrático era *Sir* Henry Littlejohn, Cirurgião-Chefe da Polícia daquela cidade.

Embora Doyle tivesse se apaixonado pelos métodos dedutivos e confessasse ter se inspirado no Dr. Bell ao criar Sherlock Holmes, não foi com Bell, mas sim com *Sir* Henry Littlejohn que estudou investigação criminal e que, como seu assessor, teve vontade de ser “testemunha da Coroa” (Acusação) em casos de homicídio debatidos no tribunal. Enquanto o personagem de Sherlock Holmes, pelo seu temperamento idiossincrático, não podia ser considerado encantador, o Dr. Bell, pelo contrário, possuía um coração terno e um vivo senso de humor.

Contribuíram para a escolha do nome Sherlock Holmes: um detetive particular chamado Wendell Scherer que ficou famoso em Londres, pois, em tribunal, se recusou a revelar o segredo de um cliente, alegando, tal como os médicos, o sigilo profissional; e Wendell Holmes, o autor cuja leitura Doyle preferia. Ora, o apelido Scherer assemelhava-se ao termo alemão *Shearer*, que significa “barbeiro”, assim como *sherlock* na gíria inglesa. Assim, a personagem que Doyle criou à semelhança do Dr. Bell foi batizada com o nome Sherlock Holmes.

Na realidade, Doyle fez de Sherlock Holmes uma espécie de cavaleiro andante na luta do Bem contra o Mal, embora profissionalmente o herói apenas procurasse a verdade, sobrepondo a análise científica a qualquer tipo de sentimentalismo.

Foi realmente pelo indiscutível mérito de Doyle que, em 1902, o governo britânico induziu a Coroa a homenageá-lo com um título de nobreza .

Outro fato significativo que altamente dignifica a obra de *Sir* Arthur Conan Doyle reside na adoção, por parte de todas as Polícias do mundo civilizado, dos métodos e investigação estruturados pelo genial personagem fictício Sherlock Holmes. Nas palavras do seu companheiro, Dr. Watson:

“(...) a dedução elevada à categoria de ciência exata”.

Publicando no “Strand Magazine” a sua primeira novela, “Um Estudo em Vermelho”, Doyle recebeu por ela apenas 25 libras, ou seja, quinhentas vezes menos do que hoje se paga por um exemplar dessa edição. O interesse manifestado pelo público inglês não parecia promissor. Mas um editor americano encomendou-lhe outra obra, que veio a se chamar “O Signo dos Quatro”, a qual, sendo publicada em 1890, obteve um êxito surpreendente.

No ano seguinte, o “Strand Magazine” propôs-lhe a edição de doze contos; e depois, outros doze; e, então, o sucesso de Sherlock Holmes não teve limites, verificando-se a constante procura por suas obras, não só seqüentes, mas também anteriores, mesmo após a morte do autor, na sua casa de Sussex, a 7 de Julho de 1920, com 71 anos de idade.

Mais tarde fundaram-se sociedades e clubes em várias cidades da Europa e da América, e muitos outros escritores têm feito análise “biográfica” sobre esse investigador da Baker Street, como se ele tivesse realmente existido. Atualmente, nos Estados Unidos, o preço de cada exemplar das primeiras edições de Sherlock Holmes chega a atingir, conforme a sua raridade, 7500 dólares.

Assim, a Editora Rideel lança agora a “Coleção Sherlock Holmes”.

SUMÁRIO

A CAIXA MACABRA	7
O ESCRITURÁRIO EM APUROS	27
O HOMEM DO LÁBIO TORCIDO	43
O TRATADO NAVAL	63
O POLEGAR DO ENGENHEIRO	97
UM ESCÂNDALO NA BOÊMIA.....	114

A CAIXA MACABRA

Ao escolher alguns casos típicos que demonstram os extraordinários dotes mentais do meu amigo Sherlock Holmes, esforcei-me para selecionar aqueles que, embora ofereçam um vasto campo para demonstração das suas qualidades, apresentam um mínimo de sensacionalismo. Contudo, não há infelizmente possibilidade de separar o elemento sensacional do criminal, e o cronista fica de braços cruzados perante o dilema de sacrificar pormenores essenciais à narrativa, dando assim uma falsa impressão do problema, ou de usar o material fornecido pelo acaso e não pela escolha.

Com este breve preâmbulo, volto às minhas anotações sobre o caso que se revelou uma sucessão de acontecimentos estranhos e, caracteristicamente, apavorantes.

Era um dia sufocante de agosto. A *Baker Street* parecia um forno, e o reflexo do sol projetado pelos azulejos amarelos da fachada da casa fronteira tornava-se intolerável à vista. Custava a crer que aquelas fossem as mesmas paredes sombrias entre as quais eu vivera e que, no inverno, mal se distinguiam através da névoa espessa.

Tínhamos descido as persianas das janelas, e Holmes estava recostado no sofá lendo e relendo uma carta que recebera pelo correio da manhã. Quanto a mim, o tempo de serviço na Índia habilitara-me a suportar melhor o calor do que o frio, e por isso, o termômetro a 35° não me incomodava. Mas o jornal dessa manhã nada continha de interessante. O parlamento suspendera os seus trabalhos, grande parte da população abandonara a cidade e eu ansiava pelas clareiras verdejantes de New Forest ou pelas praias cobertas de seixos de Southsea. Contudo, a debilidade da minha conta bancária obrigara-me a adiar as férias e, quanto a Holmes, nem o campo nem o mar o atraíam. Deliciava-se em permanecer no meio de cinco milhões de pessoas, qual aranha a desenvolver em torno de si os fios da teia, sempre alerta ao menor rumor ou suspeita de um crime inextricável. O amor à natureza não encontrava lugar entre os seus inumeráveis predicados, e a única mudança que podia suportar era desviar o seu espírito do criminoso da cidade para perseguir o da província.

Percebendo que Holmes estava demasiado absorto para conversar, pus de lado o jornal inútil e recostei-me na cadeira, concentrando-me numa melancólica divagação. Subitamente, a voz do meu amigo interrompeu-me o curso dos pensamentos.

— Você tem razão, Watson. Essa maneira de resolver contendas é realmente absurda.

— Incrivelmente absurda! — exclamei. No mesmo instante, compreendendo que ele adivinhara o que eu estava pensando naquele momento, endireitei-me na cadeira e fitei-o atônito.

— Como é possível, Holmes? Isto ultrapassa tudo quanto eu poderia imaginar.

Riu-se gostosamente da minha perplexidade.

— Deve lembrar-se de que quando, há pouco tempo, li para você um trecho de um conto de Poe, em que um personagem acompanha pelo raciocínio os pensamentos íntimos do companheiro, você se mostrou inclinado a considerar o caso como um *tour-de-force* do autor. Como eu afirmasse que costumava fazer a mesma coisa, mostrou-se incrédulo.

— Não é verdade!

— Talvez não tenha dito com palavras, meu caro Watson, mas o movimento das suas sobrancelhas deu-me a entender. Assim, quando o vi abandonar o jornal e pôr-se a pensar, aproveitei o ensejo para seguir o curso da sua meditação e, eventualmente, interrompê-la com uma oportuna observação, para provar-lhe que o conseguira.

— No exemplo que você me leu — retruquei —, o raciocinador tira as suas conclusões dos atos praticados pelo homem que ele observava. Se não me engano, este tropeçou num monte de pedras, olhou para as estrelas e assim por diante. Contudo, eu permaneço sentado tranqüilamente na minha cadeira. Portanto, que indicação forneci?

— Você não está sendo justo consigo próprio. As feições foram dadas ao homem como meio de exprimir as suas próprias emoções, fato que em si pode muito bem ser absurdo.

— Quer dizer que seguiu o curso dos meus pensamentos pela expressão do meu rosto?

— Do seu rosto e especialmente dos seus olhos. Talvez não se recorde de como principiou o seu devaneio, não é verdade?

— De fato, não me lembro.

— Pois vou lembrar-lhe. Depois de ter atirado o jornal para o chão (gesto esse que me atraiu a atenção para a sua pessoa) deixou-se ficar sentado durante meio minuto com o rosto inexpressivo. Em seguida, os seus olhos

fixaram-se no retrato recentemente emoldurado do General Gordon¹, e percebi, pela mudança da sua fisionomia, que este lhe provocara uma série de reflexões. Estas, porém, não o levaram muito longe. O seu olhar voltou-se subitamente para o retrato ainda sem moldura de Henry Ward Beecher² que se encontra em cima dos seus livros. Depois disso, você olhou para a parede e adivinhei-lhe claramente o pensamento. Achava que, se o retrato estivesse emoldurado, caberia exatamente naquele espaço vago e ficaria simétrico com o de Gordon, do outro lado.

— Você acompanhou maravilhosamente o meu pensamento! — exclamei.

— Até aí, dificilmente poderia enganar-me. Mas, nesse momento, você voltou a pensar em Beechar, e o seu olhar tornou-se fixo como se estivesse estudando o caráter do homem. Depois os seus olhos perderam a firmeza, mas continuou a fitar o retrato com ar pensativo, evocando os incidentes da carreira de Beechar. Tinha a certeza de que não poderia fazer isso sem se lembrar da missão por ele empreendida a favor do norte, durante a guerra civil, pois recorde-me de ter ouvido dar vazão à sua indignação pela maneira como fora recebido pelos mais exaltados dos nossos compatriotas. O seu ressentimento era tão forte a esse respeito, que compreendi não lhe ser possível pensar em Beecher sem se recordar disso.

Quando, um instante depois, vi o seu olhar desviar-se do retrato, suspeitei que o seu pensamento se voltara para a Guerra Civil e, ao observar-lhe os lábios cerrados e os punhos fechados, fiquei certo de que estava se recordando da admirável bravura demonstrada por ambas as partes naquela luta desesperada. Todavia, o seu rosto novamente se sombreou e você sacudiu a cabeça. Refletia sobre a tristeza e o horror daquele conflito e o inútil desperdício de vidas.

A sua mão pousou quase inadvertidamente sobre a antiga cicatriz, e um sorriso lhe pairou nos lábios, o que me veio demonstrar que notara o ridículo desse modo de resolver questões internacionais. Foi então que concordei consigo afirmando-lhe que era absurdo o sistema, e fiquei satisfeito ao ver que todas as minhas deduções eram exatas.

(¹) *Charles George Gordon, cognominado “Gordon Paxá”, (1833/1885). Foi governador do Sudão, tendo morrido heroicamente em combate durante a tomada de Cartum pelos Muçulmanos. (N. do T.)*

(²) *Henry Ward Beecher (1813/1887), ministro da ala liberal e pastor protestante em Indianápolis. Foi autor de vários livros sobre moral, exigindo a punição de todos os vícios. Paradoxalmente, a sua carreira terminou escandalosamente, ao ser acusado de praticar adultério com a mulher do seu protegido Theodore Tilton. (N. do T.)*

— Exatíssimas! — confirmei. — Mas confesso que estou tão perplexo como antes.

— Asseguro-lhe que foi uma experiência muito superficial, caro Watson. E nem lhe teria chamado a atenção, não fosse a incredulidade demonstrada por você no outro dia. Entretanto, tenho aqui nas mãos um pequeno problema que talvez se mostre de solução bem mais difícil do que o meu modesto ensaio de leitura de pensamento. Leu por acaso no jornal um breve parágrafo referente ao estranho conteúdo de um pacote enviado pelo correio à Srta. Cushing, residente na Cross Street, em Croydon?

— Não, não li nada.

— Ah! Deve ter-lhe escapado então. Passe-me o jornal. Cá está ele, sob a coluna financeira. Quer fazer o favor de ler em voz alta?

Tomei o jornal que ele me devolveu e li o parágrafo indicado. Trazia o título **Um Pacote Macabro** e constava do seguinte:

“Srta. Susan Cushing, residente na Cross Street, em Croydon, foi vítima do que pode considerar-se uma brincadeira de mau gosto particularmente revoltante, a não ser que se prove que o incidente tenha significado mais trágico.

Às duas horas da tarde de ontem, foi-lhe entregue pelo carteiro um pacote envolto em papel pardo. Dentro, encontrava-se uma caixa de papelão cheia de sal grosso. Ao esvaziá-la, a Srta. Cushing deparou, horrorizada, com duas orelhas humanas aparentemente cortadas pouco tempo antes. A caixa fora despachada de Belfast, como encomenda, na manhã anterior.

Não há a menor indicação quanto à identidade do remetente e o caso torna-se ainda mais misterioso ao considerar-se que a destinatária é solteira, tem cinquenta anos de idade, sempre levou uma vida muito isolada e possui tão poucos conhecidos ou correspondentes que raro é receber qualquer carta ou encomenda pelo correio. Contudo, há alguns anos, quando morava em Penge, alugou quartos a três jovens estudantes de Medicina que foi forçada a despedir de casa, devido aos hábitos irregulares e turbulentos que eles manifestavam.

A Polícia é de opinião que se trata de obra desses estudantes que, por vingança, enviaram à Srta. Cushing essas sobras da sala de Anatomia. Essa hipótese apresenta certas probabilidades pelo fato de um dos estudantes ser oriundo do Norte da Irlanda, possivelmente de *Belfast*.

O caso está sendo ativamente investigado, sob a direção do Sr. Lestrade, um dos nossos mais hábeis agentes policiais.”

— Isto é o que diz o Daily Chronicle — acrescentou Holmes quando terminei a leitura. — Vejamos agora o que nos diz o nosso amigo Lestrade. Recebi um bilhete dele, hoje de manhã, informando:

“Suponho que este caso seja muito do seu gosto. Temos grandes esperanças de esclarecê-lo. No entanto, encontramos certa dificuldade em obter uma pista concreta. Já telegrafamos para a agência do correio de Belfast, mas, como naquele dia foi ali entregue grande número de encomendas, não se tornou possível identificar o que nos interessa, nem o remetente. A referida caixa é de tabaco para cachimbo, de meia libra, e não nos fornece qualquer indicação. Segundo me parece, a hipótese referente ao estudante de Medicina é a mais viável. Mas, se o senhor pudesse dispor de algumas horas, teria muito prazer em vê-lo aqui. Poderá encontrar-me a qualquer hora do dia, na casa da Srta. Cushing ou no posto policial”.

Que me diz a isto, Watson? Sente-se com coragem para enfrentar o calor e acompanhar-me a Croydon com a vaga esperança de mais um caso para os seus anais?

— Estava ansioso por fazer alguma coisa.

— Aí tem uma boa oportunidade. Peça ao criado que nos arranje um carro. Estarei pronto num instante; apenas o tempo de mudar de roupa e encher a charuteira.

Enquanto seguimos no trem choveu fortemente e, em Croydon, o calor era muito menos apreensivo do que na cidade. Holmes fizera-se anunciar por telegrama, de modo que Lestrade, nervoso como sempre, aguardava a nossa chegada na estação. Uma caminhada de cinco minutos conduziu-nos à Cross Street onde residia a Srta. Cushing.

Era uma rua comprida, de casas de tijolos elegantes e bem conservadas, com degraus de pedra branca, vendo-se pequenos grupos de mulheres a tagarelar no limiar das portas. No meio do caminho, Lestrade parou e bateu a uma porta, que foi aberta por uma criadinha. Fomos introduzidos na sala da frente, onde se encontrava a Srta. Cushing, mulher de fisionomia plácida, de olhos grandes e meigos e cabelos grisalhos que caíam em bandos sobre as têmporas. Via-se no seu colo uma coberta de poltrona, já quase toda bordada e, sobre um tamborete próximo, um cesto com novelos de seda de diversas cores.

— Aquelas coisas horrendas estão lá fora, no quarto de despejos — apontou, ao ver Lestrade entrar. — Ficaria grata se as levassem daqui definitivamente.

— É o que vou fazer, Srta. Cushing. Deixei-as aqui para que este meu amigo, Sr. Holmes, as visse na sua presença.

— Por que na minha presença?

— Para o caso de ele desejar fazer-lhe alguma pergunta.

— Que adianta fazer-me perguntas, quando já lhe afirmei nada saber a esse respeito?

— Perfeitamente, minha senhora — interveio Sherlock Holmes, com o seu tom conciliador. — Estou certo de que já foi muito importunada por causa desse caso desagradável.

— Fui, sim. Sou amiga do sossego e levo uma vida retirada. Nunca vi o meu nome nos jornais e a polícia em minha casa. Não quero aquelas coisas aqui, Sr. Lestrade. Se deseja examiná-las deve fazê-lo no quarto de despejos.

Era um cubículo, no jardim dos fundos da casa. Lestrade entrou e trouxe de lá uma caixa amarela de papelão, um pedaço de papel pardo e um cordão. Nos sentamos num banco, a um canto do jardim, enquanto Holmes observava os objetos que Lestrade lhe entregara.

— Este cordão é extremamente interessante — considerou Holmes, levantando-o contra a luz e cheirando-o. — Que me diz disto, Lestrade?

— Foi besuntado com alcatrão.

— Precisamente. Deve ter notado que a Srta. Cushing o cortou com uma tesoura, como se depreende das duas pontas desfiadas. Isto é importante.

— Não vejo a importância disso — resmungou Lestrade.

— Reside no fato de o nó não ter sido tocado. Ora, este nó é característico.

— Foi feito com muita precisão — acrescentou Lestrade com ar complacente.

— Isso no que diz respeito ao cordão — continuou Holmes sorrindo. — Vejamos agora o invólucro da caixa. Papel pardo com pronunciado cheiro de café. Não tinha notado? Endereço em maiúsculas muito irregulares: “Srta. C. Cushing, Cross Street, Croydon”. Escrito com pena de ponta grossa e tinta de qualidade muito ordinária. A palavra *Croydon* foi a princípio ortografada com i, que depois foi transformado em y. O pacote foi enviado por um homem, visto que a letra é visivelmente masculina. Pessoa de pouca cultura e que não conhece a cidade de Croydon. Até aqui, muito bem!

A caixa é de tabaco para cachimbo, de meia libra, amarela, sem nada de especial, exceto duas marcas de polegar no ângulo inferior esquerdo. Está cheia de sal grosso, da qualidade usada para conservar peles e outros produtos comerciais de tipo inferior. Dentro dele, introduziram estes exemplares macabros.

Enquanto falava, retirou as duas orelhas da caixa e, colocando-as sobre uma tábua, em cima dos joelhos, pôs-se a examiná-las atentamente, ao passo que eu e Lestrade, curvados a seu lado, olhávamos alternadamente para aqueles despojos horrorosos e para o rosto atento e sagaz do nosso companheiro. Finalmente, repôs as orelhas na caixa e deixou-se ficar imerso em meditação.

— Decerto já reparou que estas duas orelhas não pertencem a um mesmo indivíduo.

— Sim, deve ser brincadeira de mau gosto da parte de alguns estudantes. Seria tão fácil para eles subtrair da sala de anatomia duas orelhas diferentes como um par.

— Perfeitamente; mas não se trata de brincadeira de estudantes.

— Tem certeza disso?

— Os indícios são contrários a essa hipótese. Os cadáveres usados para dissecação normalmente são injetados com um líquido próprio para conservá-los. Ora, estas orelhas não apresentam sinais desse líquido e o seu corte foi recente. Foram cortadas com instrumento cortante mal afiado, o que dificilmente aconteceria se fosse obra de um estudante de medicina. Por outro lado, não ocorreria por certo a esse estudante escolher sal grosso como elemento preservativo, mas sim o formol ou o álcool retificado. Repito que não existe aqui nenhuma brincadeira de mau gosto, mas que nos encontramos em face de um crime grave.

Senti um vago arrepio percorrer-me a espinha. Este prelúdio brutal parecia vaticinar uma estranha tragédia. Lestrade, duvidoso, comentou:

— Certamente, podem ser levantadas objeções à hipótese de uma brincadeira, mas há circunstâncias contrárias à sua teoria. Sabemos que esta mulher levou sempre uma vida tranqüila durante os últimos vinte anos, tanto em Penge como aqui. Durante esse período quase não se afastou de casa. Por que diabo um criminoso iria enviar-lhe as provas da sua culpabilidade? A menos que seja atriz consumada, a Srta. Cushing parece entender tanto do caso como nós!

— É esse o problema que nos cumpre resolver — replicou Holmes —, e vou iniciar as pesquisas na suposição de ter sido cometido um duplo assassinio. Uma dessas orelhas é de mulher; pequena, de contornos delicados e com um orifíciozinho para brincos. A outra é de homem, queimada de sol, descorada e também furada para brincos. Ambas as pessoas devem estar mortas; caso contrário, já teríamos sabido alguma coisa. Hoje é sexta-feira. O pacote foi expedido na quinta-feira cedo; portanto, a tragédia ocorreu na quarta ou terça-feira, ou talvez mesmo antes. Ora, se essas duas pessoas foram assassinadas, quem, senão o assassino, teria enviado à Srta. Cushing o indício do crime? Podemos, pois, considerar o remetente do pacote como o homem que nos interessa. Contudo, alguma razão poderosa devia tê-lo feito mandar esta caixa à Srta. Cushing. Qual seria? Teria agido dessa maneira para mostrar-lhe que o crime havia sido cometido, ou talvez para impressioná-la? Nesse caso, ela sabe de quem se trata. Saberá realmente? Duvido. Se soubesse, por que teria chamado a Polícia? Poderia ter enterrado as orelhas e ninguém saberia do crime. É o que teria feito se quisesse proteger o criminoso. No entanto, se não tivesse intenção de protegê-lo, teria indicado o seu nome. Há aqui uma confusão que precisa ser esclarecida.

Holmes falara rapidamente, olhando absorto por cima da cerca do jardim. De súbito, pôs-se de pé e encaminhou-se para a casa.

— Preciso fazer algumas perguntas à Srta. Cushing — explicou.

— Nesse caso, vou deixá-lo aqui — decidiu Lestrade, — pois tenho de tratar de outro assunto. Creio já ter obtido da Srta. Cushing todas as informações que poderiam interessar-me. Me encontrará no posto da Polícia.

— Passaremos por lá quando formos para a estação — indicou Holmes.

Momentos depois, ele e eu encontrávamo-nos de novo na sala da frente, onde a impassível senhora continuara a trabalhar tranqüilamente no seu bordado. Ao entrarmos, colocou-o no colo e fitou-nos com os seus olhos azuis inquiridores.

— Estou convencida — declarou — de que toda essa história não passa de um engano e de que a encomenda não era destinada a mim. Já o repeti, várias vezes, àquele senhor da Scotland Yard, que se limitou a rir de mim. Que eu saiba, não tenho um único inimigo no mundo. Por que iria alguém fazer-me essa estúpida brincadeira?

— Creio que tem razão, Srta. Cushing — replicou Holmes sentando-se ao seu lado. — É provável...

Calou-se e notei o interesse com que fitava o perfil da Srta. Cushing. Nesse instante foi-me possível ler-lhe na expressão surpresa e contentamento, mas quando ela se voltou, já ele recuperara a impassibilidade habitual. Observei, por minha vez, os cabelos lisos e grisalhos da Srta. Cushing, a graciosa touca, os pequenos brincos dourados e as suas feições serenas; porém, nada encontrei que justificasse a evidente emoção do meu amigo.

— Gostaria de fazer-lhe uma ou duas perguntas...

— Já estou farta de perguntas — exclamou ela, com impaciência.

— Tem duas irmãs, segundo creio.

— Como sabe isto?

— Logo que entrei nesta sala, vi sobre a prateleira da lareira o retrato de três moças, uma das quais é indiscutivelmente a Srta. Cushing, enquanto as outras são deveras parecidas consigo.

— Tem razão. São as minhas irmãs, Sarah e Mary.

— E aqui ao meu lado está outro retrato, tirado em Liverpool, de sua irmã mais nova em companhia de um homem que, pelo uniforme, me parece comissário de bordo. Vejo que nessa ocasião ela ainda não era casada.

— Que grande observador!

— É a minha profissão.

— Realmente, acertou. Contudo, Mary casou-se poucos dias depois com Browner. Na época desta fotografia, ele estava no serviço regular de navegação para a América do Sul, mas amava-a tanto que não se resignou a passar tanto tempo longe dela e conseguiu transferência para o serviço costeiro entre Londres e Liverpool.

— No *Conqueror*, por acaso?

— Não; no *May Day*, pelo menos até a última vez que dele tive notícias. Em certa ocasião, Jim veio visitar-me. Foi antes de quebrar a sua promessa de não voltar a beber. Desde então, sempre que desembarcava punha-se a beber e transformava-se num doido varrido. Deixou de procurar-me, depois zangou-se com a Sarah e, agora que a Mary deixou de me escrever, não sei como andam as coisas entre ambos.

Como a maioria das pessoas solitárias, a Srta. Cushing no início tinha-se mostrado tímida, mas acabara por tornar-se excessivamente eloqüente. Contou-nos numerosas particularidades a respeito do seu cunhado e, depois, passou a falar dos seus antigos pensionistas, estudantes de medicina, cujas desordens relatou dando-nos os seus nomes e os dos hospitais em que praticavam. Holmes fazia ocasionalmente uma ou outra pergunta.

— A propósito da sua segunda irmã, Sarah, não compreendo como, sendo ambas solteiras, não pensaram em montar casa juntas.

— Se o senhor conhecesse o temperamento de Sarah, compreenderia. Tentei morar com ela quando da minha mudança para Croydon, e estivemos juntas, até há cerca de dois meses, quando fomos forçadas a separar-nos. Não quero falar mal da minha própria irmã, mas Sarah foi sempre muito difícil de aturar.

— A senhora disse que ela se dava mal com os seus parentes de Liverpool?

— Sim, mas houve tempo em que foram ótimos amigos, a ponto de ela se mudar para lá. No entanto, agora diz o pior acerca de Jim Browner. Nos últimos seis meses que aqui passou, não fazia outra coisa senão falar na maneira como ele bebia e no seu mau comportamento. Suspeito que Jim a apanhou fazendo alguma intriga, ficou seriamente zangado, e aí principiou a inimizade entre ambos.

— Obrigado, Srta. Cushing — despediu-se Holmes pondo-se de pé e fazendo um aceno. — Disse-me que sua irmã Sarah mora na *New Street*, em Wallington? Lastimo que tenha sido tão importunada num caso com o qual nada tem a ver.

Ao sairmos dali, passava um coche e Holmes fez sinal ao cocheiro para que parasse.

— Qual é a distância daqui a Wallington? — indagou.

— Não chega a uma milha.

— Muito bem. Suba, Watson. Precisamos malhar enquanto o ferro está quente. Embora simples, este caso oferece alguns aspectos muito instrutivos. Pare um momento na agência telegráfica mais próxima, cocheiro.

Holmes expediu um breve telegrama e, durante o resto do trajeto, permaneceu recostado no fundo da carruagem, com o chapéu caído sobre os olhos para resguardar-se do sol. O carro parou diante de uma casa não muito diferente da que acabáramos de deixar. O meu companheiro ordenou ao cocheiro que esperasse, e ia bater à porta quando esta se abriu e um jovem de maneiras circunspectas, vestido de preto e usando uma cartola muito reluzente, apareceu na entrada.

— Srta Sarah Cushing está em casa?

— Srta. Cushing acha-se gravemente doente — respondeu o jovem. — Desde ontem apresenta distúrbios cerebrais de extrema intensidade. Como seu médico, não me é possível permitir-lhe que receba visitas. Tomo a liberdade de pedir-lhes para não voltarem antes de dez dias.

Dizendo isto, calçou as luvas, fechou a porta e afastou-se a pé, pela rua abaixo.

— Bom, o que não tem remédio, remediado está — observou Holmes, matreiramente.

— Talvez ela não esteja em condições, ou queira falar... — sugeri.

— Não pretendia que ela falasse; queria apenas vê-la. Contudo, creio ter obtido tudo quanto desejava. Leve-nos a algum hotel decente, cocheiro, onde possamos almoçar; depois, passaremos pelo posto da Polícia para contatar o nosso amigo Lestrade.

Durante o agradável almoço, Holmes não falou de outra coisa senão de violinos, explicando-me, radiante, como tinha comprado de um judeu vendedor de objetos em segunda mão, pela ridícula soma de cinquenta e cinco xelins, na *Tottenham Court Road*, o seu *Stradivarius*, que valia, no mínimo, quinhentos guinéus. Este assunto fê-lo divagar sobre Paganini e, durante uma hora, ficamos sentados diante de uma garrafa de vinho palhete, enquanto desfiava histórias sobre histórias acerca desse extraordinário músico. A tarde já declinava e a luz ardente do sol transformara-se em amena claridade, quando chegamos ao posto da Polícia. Lestrade esperava-nos à porta.

— Está aqui um telegrama à sua espera, Sr. Holmes — anunciou.

— É a resposta que eu aguardava. — Holmes abriu, leu rapidamente o texto e guardou-o no bolso. — Vai tudo bem — acrescentou.

— Consegui descobrir alguma coisa?

— Tudo!

— Como?! — exclamou Lestrade assombrado. — Está brincando!

— Estou o mais sério possível. Foi perpetrado um crime espantoso e creio tê-lo desvendado em todos os pormenores.

— E o criminoso?

Holmes rabiscou algumas palavras no verso de um cartão de visita e estendeu-o a Lestrade.

— Eis o nome dele, mas não poderá prendê-lo senão amanhã à noite. Gostaria que o meu nome não fosse mencionado no que diz respeito a este caso, porque prefiro associá-lo unicamente a crimes cuja solução ofereça realmente dificuldades. Vamos, Watson.

Nos encaminhamos para a estação, enquanto Lestrade fixava os olhos, entre atônito e satisfeito, no cartão que Holmes acabara de entregar-lhe.

— Esse caso — declarou Sherlock Holmes enquanto conversávamos nessa noite em que fui ter com ele, saboreando os nossos charutos na *Baker Street* — assemelha-se aos que você já escreveu sob os títulos de “Um Estudo em Vermelho” e “O Signo dos Quatro”, nos quais fomos obrigados a raciocinar na ordem inversa, partindo das conseqüências para as causas. Escrevi a Lestrade pedindo-lhe para fornecer-nos os pormenores que ainda nos faltam e que só poderão ser obtidos depois de ele ter capturado o homem. Podemos ter a certeza de que o fará, pois, embora desprovido de argúcia, é dotado de uma tenacidade de buldogue quando compreende o que deve fazer. Aliás, foi justamente essa tenacidade a causa da sua ascensão na *Scotland Yard*.

— Então os seus dados ainda não estão completos? — perguntei.

— Estão quase completos no que se refere aos pontos essenciais. Sabemos quem é o autor desse crime revoltante, apesar de ainda ignorarmos a identidade de uma das vítimas. Você, naturalmente, já tirou as suas próprias conclusões.

— Imagino ser Jim Browner, comissário de bordo de um navio de Liverpool, a pessoa de quem você suspeita.

— É mais do que simples suspeita.

— Mas só temos indícios muito vagos.

— Pelo contrário, nada pode ser mais claro. Deixe-me recordar-lhe os pontos principais. Como deve estar lembrado, enfrentamos o caso com espírito completamente em branco, o que constitui sempre uma vantagem. Não tínhamos formulado qualquer hipótese. Limitamo-nos a observar e a tirar conclusões do que víamos. O que nos foi apresentado em primeiro lugar? Uma excelente senhora, calma e respeitável, que parecia completamente alheia ao mistério, e um retrato que revelava possuir duas irmãs mais novas. Instantaneamente, surgiu-me a idéia de que a encomenda talvez fosse destinada a uma delas. Essa hipótese poderia, em tempo oportuno, ser confirmada ou rejeitada. Fomos depois para o jardim, onde examinamos o singular conteúdo da caixa macabra.

O cordão era do tipo usado no velame dos navios, o que me levou a pensar no ambiente do mar. Quando observei tratar-se de um nó característico de marinheiro, vir a encomenda de um porto de mar e a orelha masculina apresentar um orifício para brinco, coisa mais comum entre marujos do que entre homens da terra firme, convenci-me de que os protagonistas da tragédia deviam encontrar-se nos meios marítimos.

Ao examinar o endereço do pacote, notei ter sido dirigido à “Srta. S. Cushing”. Ora, a irmã mais velha seria, naturalmente, também Srta. Cushing mas embora a sua inicial fosse S, essa letra poderia pertencer da mesma forma a uma das outras. Nesse caso, deveríamos iniciar as nossas pesquisas em base completamente nova. Entrei, portanto, na casa com o intuito de esclarecer esse ponto. Talvez se lembre de que, quando eu estava para afirmar à Srta. Cushing a minha convicção de ter havido algum engano, caiei-me subitamente. O fato é que acabara de notar algo que me encheu de surpresa e, ao mesmo tempo, restringiu consideravelmente o campo das investigações.

Na qualidade de médico, Watson, deve saber que não existe parte do corpo humano que apresente tantas variações como a orelha. Cada uma tem as próprias características e difere de todas as demais. Na *Revista Antropológica* do ano passado, você encontrará duas breves monografias da minha autoria acerca do assunto. Por isso, examinei as orelhas contidas na caixa e verifiquei cuidadosamente as suas peculiaridades anatômicas. Imagine, pois, o meu espanto quando, ao olhar para a Srta. Cushing, reparei que a sua orelha correspondia à orelha feminina que eu acabava de inspecionar. Não era possível pensar em coincidência. Ali estava o mesmo encurtamento da aurícula, a mesma curva larga do lóbulo superior, a mesma circunvolução da cartilagem interna. Em todos os pontos essenciais era perfeita a semelhança.

Percebi logo a enorme importância de tal observação. Era evidente ser a vítima uma consangüínea e até, provavelmente, parente muito próxima. Comecei a falar-lhe da família e ela prestou-nos informações preciosas.

Em primeiro lugar, o nome da irmã era Sarah, e até há pouco tempo o endereço de ambas era idêntico, o que explicava o engano quanto à pessoa a quem se destinava a encomenda. Falou-nos, depois, daquele comissário de bordo, casado com a irmã mais nova, Mary, e ficamos sabendo que as suas relações com Sarah foram, durante algum tempo, tão íntimas que esta passara a residir em Liverpool para ficar mais próxima dos Browners, até que se zangaram. Essa discórdia fizera com que cortassem relações durante alguns meses. Por isso, se Browner tivesse enviado uma encomenda à Srta. Sarah, tê-la-ia endereçado para a anterior morada.

O assunto principiava a tornar-se extremamente claro. Tínhamos sabido da existência deste embarcadicho: homem impulsivo, de paixões violentas (lembre-se de que para ficar mais perto da esposa renunciou a uma carreira superior) e dado a freqüentes bebedeiras. Tínhamos razões para crer que sua mulher fora assassinada e que um outro homem (talvez também

marítimo) fora morto na mesma ocasião. Surge o ciúme como motivo. Mas por que mandara à Srta. Sarah Cushing as provas do crime? Possivelmente porque, durante a sua estada em Liverpool, ela teve qualquer influência na sucessão de acontecimentos que levaram à tragédia. Repare que os navios dessa linha escalam em Belfast, Dublin e Waterford; presumindo que Browner tivesse cometido o crime e depois embarcado no May Day, Belfast teria sido o primeiro porto do qual podia expedir a caixa macabra.

Evidentemente, era possível uma segunda solução e, embora a achasse menos provável, resolvi averiguá-la antes de ir mais além. Um apaixonado repudiado poderia ter matado o Sr. e a Sra. Browner. A orelha masculina seria então do marido. Contra essa hipótese existiam ponderáveis objeções, mas ela era admissível. Por conseguinte, telegrafei ao meu amigo Algar, da Polícia de Liverpool, e pedi-lhe que me informasse se a Sra. Browner se encontrava na residência e se Browner partira no May Day. Feito isso, dirigimo-nos a Wallington, para visitar a Srta. Sarah Cushing.

Antes de mais nada, estava curioso para ver até que ponto os traços de família da orelha tinham-se reproduzido nela. Por outro lado, talvez pudesse fornecer-nos informações importantes, coisa com que, aliás, eu não contava muito. Já devia ter ouvido falar sobre o assunto no dia anterior, pois em toda Croydon não se comentava outra coisa, e só ela podia ter compreendido a quem se destinava a encomenda. Se fosse sua intenção ajudar a Justiça, decerto já teria comunicado a Polícia. Em todo o caso, era nosso dever procurá-la, e por isso fomos até lá. Verificamos que a notícia da encomenda tinha produzido nela um efeito tão violento que a prostrara de cama com uma febre cerebral; tinha então compreendido todo o seu significado. Por outro lado, percebi ter de esperar algum tempo antes de poder contar com qualquer auxílio da sua parte.

Mas a resposta já me esperava no posto da Polícia onde dera a Algar instruções para remetê-la. Não poderia ser mais conclusiva. A casa da Sra. Browner encontrava-se fechada há mais de três dias, e os vizinhos julgavam que ela fora para o Sul, para visitar parentes. Algar certificara-se, na companhia de navegação, da partida de Browner a bordo do May Day, que, calculo, entrará amanhã à noite no Tâmesa. Ao chegar, será acolhido pelo obtuso mas resolutos Lestrade, e não tenho dúvidas de que, então, obteremos os pormenores que ainda nos faltam.

Sherlock Holmes não viu frustradas as suas expectativas. Dois dias mais tarde, recebia um envelope volumoso que continha um bilhete do detetive e um documento datilografado, com várias páginas.

— Como eu esperava, Lestrade apanhou-o — anunciou Holmes dirigindo-me um olhar significativo. — Talvez lhe interesse ouvi-lo:

“Caro Sr. Holmes.

De acordo com o plano por nós estabelecido para provarmos as nossas teorias — *este nós é precioso, não acha, Watson?* —, dirigi-me ao cais Albert, ontem às 18 horas, e subi a bordo do May Day, da Liverpool. Dublin and London Steam Packet Company. Procedendo indagações, fui informado de que efetivamente se encontrava ali um comissário de nome James Bowner que, durante a viagem, se portara de maneira tão estranha que o capitão se vira forçado a dispensá-lo do serviço. Descendo à sua cabina, fui encontrá-lo sentado num caixote, com a cabeça entre as mãos, agitando-se como um demente.

É tipo corpulento, de faces escanhoadas e moreno (bastante parecido com o Aldridge que nos auxiliou no caso da falsa lavanderia). Quando soube do fim da minha visita, pôs-se de pé num salto ameaçador. Eu já estava com o apito na boca para chamar dois homens da Polícia fluvial que me esperavam do lado de fora, quando Browner, desanimando, estendeu as mãos às algemas, sem opor resistência. Levamos o homem imediatamente para a prisão, juntamente com o caixote, que pensávamos pudesse conter algo de acusador; no entanto, só encontramos um facalhão afiado, desses que são usados pela maioria dos marinheiros. Diante do inspetor de serviço, pediu para fazer uma declaração que foi anotada literalmente pelo nosso estenógrafo. Mandamos fazer três cópias datilografadas, das quais lhe mando uma. O caso, como sempre esperei, resolveu-se de maneira extremamente simples. Contudo, agradeço-lhe a sua gentil assistência na investigação deste caso. Com as melhores saudações, creia-me com amizade. G. Lestrade.”

— A investigação era realmente muito simples, comentou Holmes. — No entanto, não creio que assim lhe parecesse, quando nos procurou pela primeira vez. Vejamos agora o que diz Jim Browner. Eis a sua declaração feita diante do inspetor Montgomery, no posto de Polícia de Shadwell:

“Se tenho alguma coisa que dizer? Sim. Sinto necessidade de aliviar a minha consciência. Se quiserem, podem enforcar-me. A mim pouco me importa. O que posso afirmar é não ter pregado olho desde que fiz aquilo e não sei se jamais conseguirei dormir, até o descanso eterno.

Algumas vezes vejo o rosto dele mas é o dela que me aparece com mais frequência. Ele fita-me ameaçador, mas ela olha-me espantada. O que não teria sentido ao ver uma ameaça de morte estampada num rosto onde até então só tinha visto amor?

A culpa foi toda de Sarah e que a maldição caia sobre a sua cabeça! Não digo isto para me inocular. Eu tinha recomeçado a beber como um bruto que sou. Mas Mary teria me perdoado e continuaria ligada a mim como a unha à carne, se aquela mulher não tivesse ensombrado o nosso lar. Sarah Cushing amava-me e esta foi a origem da tragédia. Amava-me, mas a sua paixão desvairada transformou-se em ódio, quando percebeu que para mim tinham mais valor as pegadas de minha mulher na lama do que todo o seu corpo e alma juntos.

Eram três irmãs. A mais velha era uma boa criatura; a segunda um demônio, e a terceira um anjo. Quando me casei, Sarah tinha trinta e três anos e Mary vinte e nove. No princípio, a felicidade era completa no nosso lar e, em Liverpool, não existia melhor esposa do que a minha Mary. Certo dia convidamos Sarah para passar uma semana conosco, mas a semana converteu-se num mês, os meses sucederam-se e ela acabou por tornar-se pessoa da casa.

Naquela época, a minha situação financeira era boa, tínhamos começado a economizar algum dinheiro e tudo corria bem. Quem poderia supor que iríamos terminar assim?

Eu passava os fins-de-semana em casa e, às vezes, quando o navio ficava retido para estiva, tinha sete dias de licença, o que me proporcionava maior contato com a minha cunhada. Era uma bela mulher, alta, morena, de porte altivo e olhos que pareciam chamejar. Contudo, quando Mary estava em casa, nem pensava nela. Juro-o pela esperança que tenho na Misericórdia Divina.

Às vezes, tinha a impressão de que ela desejava ficar só comigo, ou procurava convencer-me a sair na sua companhia. Mas nunca dei importância a isso. Porém, certa noite, ao chegar em casa, só encontrei Sarah à minha espera.

— Onde está Mary? — indaguei.

— Saiu para pagar umas contas.

Fiquei impaciente e comecei a andar de um lado para o outro.

— Você, Jim, não pode passar cinco minutos sem a Mary? É pouco lisonjeiro para mim. Não lhe agrada a minha companhia, mesmo por pouco tempo?

— Não fique zangada — desculpei-me, estendendo-lhe a mão num gesto carinhoso. Sarah agarrou-a entre as suas, febrilmente. Fitei-a nos olhos e compreendi, sem que tivéssemos necessidade de falar. Com um ar severo retirei a mão de entre as suas. Sarah permaneceu algum tempo em silêncio. Depois, bateu-me no ombro.

— Paciência, meu velho — proferiu, com uma risada irônica.

Desse dia em diante Sarah passou a odiar-me. Fui parvo em deixá-la continuar a viver conosco, mas nunca contei nada à minha mulher, para não a desgostar.

Algum tempo depois, comecei a notar certas mudanças em Mary. Ela, que sempre se mostrara confiante e inocente, tornava-se agora nervosa e desconfiada. Queria saber onde eu estivera, a proveniência das minhas cartas e o conteúdo dos meus bolsos.

Dia a dia se tornava mais estranha e irritável, provocando discussões pelas coisas mais fúteis. Tudo isso me deixava perplexo. Sarah passou a evitar-me. Em contrapartida, ela e Mary tinham-se tornado inseparáveis. Sarah conspirava contra mim e envenenava a alma de minha mulher.

Foi então que quebrei a promessa e recomecei a beber, mas não creio que o tivesse feito se Mary continuasse a ser a mesma para mim. Tinha agora motivos para sentir-se desgostosa comigo e o desentendimento entre nós aumentava cada vez mais. Entretanto, apareceu em cena esse maldito Alec Fairbairn e a situação piorou.

Foi para ver Sarah que ele veio pela primeira vez à nossa casa, mas em breve as suas visitas destinavam-se a todos, pois era um homem de maneiras insinuantes e arranjava amigos em todo o lado. Era um homem elegante, vira meio mundo, sabia falar do que vira e a sua educação excedia a de um simples marítimo. Julgo que viajara mais como passageiro do que como tripulante.

Durante um mês não fez outra coisa senão ir à minha casa, e nem por um momento pensei que qualquer mal pudesse resultar de seus modos gentis. Finalmente comecei a suspeitar dele e, a partir de então, a minha tranquilidade desapareceu para sempre.

O episódio foi insignificante. Eu entrara em casa de improviso e, ao transpor a soleira da porta, notei um clarão de alegria no rosto de minha mulher. Contudo, quando viu que se tratava de mim, essa luz extinguiu-se e ela virou-me as costas, com ar desiludido. Isso bastou-me. Não existia ninguém, além de Alec Fairbairn, cujo andar

ela pudesse confundir com o meu. Se naquele momento o tivesse ao alcance das minhas mãos, o teria morto, pois, sempre que fico fora de mim, procedo como um louco. Mary adivinhou a minha fúria, correu para mim e segurou-me pela manga.

— Não, Jim, pelo amor de Deus! — suplicou.

— Onde está Sarah? — perguntei.

— Na cozinha — respondeu.

— Sarah — gritei —, não quero que Fairbairn volte a esta casa.

— Por quê?

— Porque assim o ordeno.

— Oh! — exclamou. — Se os meus amigos não são dignos desta casa, também não sou.

— Faça como quiser — repliquei —, mas, se Fairbairn tornar a aparecer, mandarei a você uma das suas orelhas como lembrança.

Creio que a assustei com a expressão do meu rosto, pois nada mais disse e, no dia seguinte, abandonou a nossa casa.

Não sei se essa mulher assim agia por simples ciúme, ou se pensava revoltar-me contra minha mulher, encorajando esta a separar-se de mim. Seja como for, foi instalar-se a dois quartos da nossa casa, numa pensão para marinheiros. Fairbairn costumava alojar-se lá, e Mary ia freqüentemente tomar chá com eles.

Não sei dizer quantas vezes lá ela teria ido. Certo dia, segui-a e ao chegar à porta Fairbairn fugiu covardemente, pulando o muro do quintal. Jurei à minha mulher matá-la, se voltasse a encontrá-la na companhia daquele homem, e levei-a para casa, soluçante e trêmula, branca como a cal. Já não existia entre nós a menor sombra de amor. Percebia o ódio e o medo que ela tinha de mim, e quando, por causa disso, me punha a beber, o seu desprezo juntava-se a esses sentimentos.

Entretanto, Sarah compreendeu que não lhe era possível ganhar o suficiente para viver em Liverpool. Por isso, segundo creio, voltou a viver com a outra irmã em Croydon. Mas a situação em minha casa continuou na mesma. Finalmente, chegou esta última semana de maldição e ruína.

Tínhamos embarcado no May Day para uma viagem de sete dias, mas, devido a uma avaria a bordo, fomos obrigados a permanecer no porto, durante doze horas. Deixei o navio e fui para casa, pensando na surpresa que iria causar a minha mulher e esperando que talvez ela ficasse contente por ver-me de volta tão cedo. Essa idéia ainda

me animava, quando dobrei a esquina da rua. Então passou por mim um carro e vi minha mulher sentada ao lado de Fairbairn, ambos conversando e rindo, sem me verem a observá-los, imóvel, na rua.

Asseguro-lhes que, daquele momento em diante, já não fui senhor de mim, e tudo me parece um pesadelo confuso.

Andara a beber muito, e as duas coisas transtornaram-me completamente. Fiquei como louco.

Precipitei-me atrás do carro. Tinha nas mãos uma pesada bengala e afirmo-lhes que, desde o princípio, comecei a ver tudo vermelho; mas a corrida tornou-me astuto e, de vez em quando, deixava-me ficar para trás, para poder ver, sem ser visto.

Pouco depois, pararam na estação. Estavam muitas pessoas junto à bilheteria, e pude aproximar-me deles sem ser notado. Compraram bilhetes para New Brighton; fiz o mesmo, mas instalei-me três vagões atrás. Chegados ao seu destino, desceram e dirigiram-se para a praia. Eu seguia-os a uma centena de metros de distância. Vi-os, por fim, alugar um barco a remos, pois fazia muito calor e, sobre a água, o ar devia estar mais fresco.

Na verdade, era como se estivessem nas minhas mãos. O dia estava bastante enevoado e nada se via além de certa distância. Aluguei também um barco e fui-lhes no encalço. Conseguia distinguir-lhes o contorno do barco, mas iam quase tão depressa como eu, e já deviam estar a uma boa milha da praia, quando os alcancei. A neblina formava como que uma cortina que nos cercava.

Jamais poderei esquecer a expressão deles, quando viram quem estava no barco que se aproximava! Mary soltou um grito de pavor. Fairbairn pôs-se a praguejar e atirou um remo na minha direção, pois deve ter lido nos meus olhos um presságio de morte. Esquivei-me ao golpe e atingi-o com a bengala que lhe estourou a cabeça como se fosse um ovo. É possível que, apesar da minha loucura, eu ainda tivesse poupado Mary. Ela, porém, abraçou-o, gritando desesperadamente e tratando-o por “Alec”. Desferi, então, novo golpe e prostrei-a a seu lado.

Se Sarah estivesse presente, teria se juntado a eles. Puxei da faca... já disse o bastante. Experimentava certa alegria selvagem ao pensar no que Sarah sentiria perante as provas resultantes das suas intrigas.

Amarrei os corpos ao barco, parti uma tábua do fundo e fiquei ali perto até afundarem. Sabia que o dono do barco julgaria que ambos tinham-se perdido na névoa, sendo impelidos para o mar alto.

Regressei a terra e reembarquei no meu navio, sem que pessoa alguma suspeitasse do que se passara. Naquela noite preparei a caixa para a enviar a Sarah Cushing e, no dia seguinte, expedi-a para Belfast.

Aqui têm a verdade. Podem enforcar-me, mas não poderão punir-me mais do que já fui. Não consigo fechar os olhos, sem ver aqueles rostos a fitar-me... como quando viram o meu barco surgir a seu lado, entre a névoa. Matei-os rapidamente, mas estão a matar-me lentamente. Se isto durar mais uma noite, ficarei louco ou morrerei. O senhor não vai me colocar sozinho numa cela, pois não? Pelo amor de Deus, não o faça!”

— Qual é o significado disto tudo, Watson? — proferiu Holmes em tom solene ao terminar a leitura. Que propósito anima este ciclo de desgraça, violência e terror? Deve tender para um fim. De outro modo, o nosso universo seria governado pelo acaso, o que é inadmissível. Mas, qual será esse fim? Eis o imenso, imutável e eterno problema do qual a mente humana se encontra bem longe de desvendar.



O ESCRITURÁRIO EM APUROS

Logo após o meu casamento comprei uma clínica no distrito de Paddington. O velho Sr. Farquahar a vendera para mim. Tivera noutros tempos uma excelente clientela. Porém, a idade e a doença do antigo dono levaram o negócio quase à falência. O público, como é natural, baseia-se no princípio de que quem cura os outros deve curar-se a si próprio, e desconfia da capacidade daquele cujos remédios não fazem efeito em si mesmo. Portanto à medida que o meu predecessor enfraquecia a sua clientela diminuía.

Quando comprei a clínica, os pacientes tinham baixado de mil e duzentos para pouco mais de trezentos ao ano. Mas eu confiava na minha juventude e energia, e estava convencido de que em poucos anos o negócio estaria tão florescente como antes.

Durante três meses, depois de ter adquirido a clínica, conservei-me muito apegado ao trabalho. Muito pouco via o meu amigo Sherlock Holmes, pois estava demasiado ocupado para visitar a *Baker Street* e raras vezes saía, exceto no desempenho da minha profissão. Por isso fiquei surpreso, numa certa manhã de junho, quando, depois da refeição matutina, ao ler o *British Medical Journal*, ouvi o som da campainha seguido da voz estridente do meu companheiro.

— Meu caro Watson — proferiu ele entrando na sala a passos largos. — Estou muito contente em vê-lo. Espero que a Sra. Watson tenha se refeito das emoções com a nossa aventura de o “Signo dos Quatro”.

— Obrigado. Estamos ótimos! — respondi, apertando-lhe a mão.

— Espero também — continuou, sentando-se na cadeira de balanço — que os cuidados com a clínica não lhe tenham afastado completamente do interesse que costumava ter pelos nossos pequenos problemas dedutivos.

— Pelo contrário. Ainda a noite passada estive relendo minhas notas e classificando alguns dos nossos resultados.

— Espero que não considere a sua coleção encerrada.

— De forma alguma. Gostaria muito de passar por mais algumas das nossas experiências.

— Hoje, por exemplo?

— Sim, hoje mesmo, se quiser.

— E mesmo num lugar longe, como Birmingham?

— Certamente.

— E a clínica?

— Também cuido da clínica de meu vizinho, quando ele se ausenta! E ele está sempre pronto a pagar-me a dívida.

— Magnífico! — exultou Holmes, encostando-se na cadeira e olhando vivamente para mim por entre as pálpebras semicerradas. — Vejo que não tem passado bem, ultimamente. Os resfriados do verão são sempre incômodos.

— Fiquei em casa três dias na semana passada, por causa de um resfriado. Mas não supunha que ainda se notasse.

— Ah, não. Até parece muito bem disposto!

— Então, como soube que estive gripado?

— Você já conhece os meus métodos.

— Deduziu-o?

— Certamente.

— Como?

— Pelos seus chinelos.

Olhei para os chinelos que eu tinha nos pés. — Que diabo! — comecei, mas Holmes respondeu às minhas perguntas ainda antes de eu as formular.

— Os seus chinelos são novos — observou. — Não têm mais de algumas semanas. A sola está levemente queimada. A princípio pensei que estivesse molhada e ficasse chamuscada ao secar. Mas perto do salto vê-se um pequeno rótulo circular de papel com os dados do fabricante. A umidade o teria removido. Portanto você esteve sentado com os pés estendidos para o fogo, coisa que uma pessoa não faria nem mesmo num mês de junho tão úmido como este, se estivesse em perfeita saúde.

Uma vez explicada, a dedução pareceu-me óbvia, como todo o raciocínio de Holmes. Ele leu o meu pensamento, e o seu sorriso teve um laivo de amargura.

— Então está pronto a vir comigo para Birmingham?

— Certamente. Qual é o assunto?

— No trem eu lhe conto. O meu cliente está lá fora num carro. Pode vir já?

— Só um instante.

Rabisquei uma nota para o meu vizinho, precipitei-me escada acima para explicar o caso à minha mulher, e juntei-me a Holmes no degrau da porta.

— O seu vizinho é médico? — sondou, indicando com a cabeça a placa de bronze.

— É. Comprou uma clínica como eu.

— Um velho estabelecimento?

— Exatamente como o meu. Ambas têm estado aqui desde que as casas foram construídas.

— Então ficou com a melhor das duas.

— Penso que sim. Mas como sabe?

— Pelos degraus, meu rapaz. Os seus estão gastos na largura dez centímetros mais do que os dele. Aquele cavalheiro na carruagem é o meu cliente, Sr. Hall Pycraft. Permita-me que o apresente. Chicoteie os cavalos, cocheiro! Estamos em cima da hora do trem!.

O homem com quem deparei era um jovem de bela constituição, pele fresca, fisionomia franca e honesta, e com um pequeno bigode amarelo e encrespado. Usava uma cartola luzidia e uma veste de um preto sóbrio que o fazia parecer um jovem da cidade grande, da chamada classe dos Cockneys¹, que fornece os nossos regimentos voluntários de atletas, os mais exímios desportistas destas ilhas.

O seu rosto redondo e corado estava naturalmente cheio de jovialidade, mas os cantos da boca pareceram-me caídos, com uma expressão de tristeza meio cômica. Entretanto, só quando já estávamos no vagão de primeira classe e com a nossa viagem a Birmingham iniciada é que soube do problema que o obrigara a procurar Sherlock Holmes.

— Vamos ter setenta minutos de viagem, Sr. Pycroft — observou Holmes.

— Quero que conte ao meu amigo a sua interessante experiência, exatamente como me contou, ou, se possível, com mais pormenores. Será útil, para mim, ouvir outra vez a sucessão dos acontecimentos. É um caso, Watson, que pode ter muita ou pouca importância, mas que apresenta características outréas² que agradam tanto a mim como a você. Agora, Sr. Pycroft, não o interromperei mais.

(¹) *Naturais de Londres, com características e maneira de falar especiais. (N. do T.)*

(²) *Em francês, no original: exageradas, no sentido de “invulgares”, “fora de série”. (N. do T.)*

O nosso jovem companheiro olhou para mim com um piscar de olhos.

— O pior da história — começou — é ter de apresentar-me como o mais abominável idiota. Contudo, não percebo como poderia ter agido de outra maneira. Se eu tivesse perdido o emprego sem nenhuma compensação, me sentiria um imbecil. Não sou bom em contar histórias, Sr. Watson, mas o que se passou é mais ou menos o seguinte:

Eu estava habituado ao meu emprego na “Coxon & Woodhouse”; do Draper’s Gardens, mas a firma ficou depauperada, no começo da primavera, por causa do empréstimo venezuelano, como deve recordar-se, e sofreu um terrível colapso. Eu estava lá há cinco anos e o velho Coxon deu-me uma ótima carta de apresentação quando chegou a falência. Mas vinte e seis de nós, escriturários, ficamos desempregados. Tentei arranjar um novo trabalho, mas havia tantos outros na mesma situação que, por muito tempo, foi um completo fracasso.

Eu recebia três libras por semana na casa “Coxon”. Tinha economizado setenta, mas depressa as gastei. Em breve já não podia sequer comprar selos para responder aos anúncios, nem envelopes onde colá-los. Gastei as solas dos sapatos subindo os degraus de tantos escritórios, e parecia impossível conseguir um emprego.

“Finalmente soube de uma vaga na “Mawson & Williams”, a grande empresa de corretagem da *Lombard Street*. Suponho que não se interesse muito pelos negócios da Bolsa, mas posso afirmar que é uma das casas mais ricas de Londres. O anúncio tinha de ser respondido por carta. Mande-i-a com minhas referências e aptidões, mas sem a menor esperança de conseguir o emprego. Veio a resposta pelo correio dizendo que, se eu aparecesse na segunda-feira, poderia iniciar o trabalho imediatamente, desde que a minha aparência satisfizesse. Ninguém sabe como essas coisas acontecem. Há pessoas que dizem que o gerente meteu a mão num monte de cartas e tirou a primeira, a olho. Seja como for, nunca me senti tão feliz. O salário era de uma libra, com uma ajuda de custo semanal e o trabalho, quase o mesmo da casa “Coxon”:

Bem, estava eu sentado no meu quarto, na *Hampstead 17, Potter’s Terrace*, fumando, naquela mesma tarde em que me havia sido prometida a colocação, quando a proprietária subiu com um cartão onde estava impresso: “Arthur Pinne, agente de finanças”.

Jamais tinha ouvido aquele nome e não podia imaginar o que ele poderia querer de mim. Mas pedi que subisse. É entrou uma pessoa de estatura

média, cabelos e olhos escuros e barba preta, com uma cicatriz no nariz. Possuía maneiras vivas e falava com precisão, como quem sabe o valor do tempo.

— Sr. Pycroft, creio — sondou.

— Exatamente — respondi.

— Esteve empregado ultimamente na casa “Coxon & Waodhouse”?

— Sim, senhor.

— E agora entrou para o quadro de funcionários da “Mawson”?

— Perfeitamente.

— Bem, tenho ouvido algumas histórias realmente extraordinárias a respeito das suas habilidades em finanças. Com certeza lembra-se de Parker, que era o gerente da “Coxon”. Ele não se cansa de elogiá-lo.

— Alegra-me ouvir isso. Sempre me dediquei ao trabalho no escritório, mas nunca sonhei vir a ser falado na City.

— Tem boa memória? — perguntou.

— Bastante clara — respondi, modestamente.

— Permaneceu em contato com o mercado, enquanto esteve desempregado?

— Sim. Leio a lista da Bolsa, todas as manhãs.

— O que mostra uma verdadeira vocação — exclamou. — É a maneira de prosperar. O senhor não me levará a mal se lhe fizer umas perguntas, não é mesmo? Deixe-me ver... Como estão as “Aryshires”?

— Cento e cinco a cento e cinco e um quarto.

— E as “consolidadas” da Nova Zelândia?

— Cento e quatro.

— *E as “British Broken Hills”?*

— Sete, a sete e seis.

— Admirável! — exclamou erguendo as mãos. Está perfeitamente de acordo com tudo o que ouvi a seu respeito. Meu rapaz, você é bom demais, para escriturário da casa “Mawson”!

— Bem, Sr Pinner. Tenho lutado muito para arranjar essa colocação, e estou contente com ela.

— Nem pense nisso! Você merece muito mais. Não está na sua verdadeira esfera. Vou-lhe dizer o que penso sobre isso. Aquilo que tenho a oferecer é muito pouco em relação à sua competência, mas comparado com a colocação na “Mawson” é como a luz em vez das trevas. Quando vai para a “Mawson”?

— Segunda-feira.

— Pois permita-me arriscar um palpite de que não colocará os pés lá.
— Não vou para a “Mawson”?
— Não, senhor. Nesse dia será nomeado gerente da “Franco-Midland Hardware Company, Limited”, fábrica de louça, com cento e trinta e quatro filiais na França, mais uma em Bruxelas, e uma em San Remo.

Aquilo quase me fez perder o fôlego.

— Mas eu nunca ouvi falar nessa companhia.

— É natural. Tem sido mantida em sigilo, porque o capital investido era todo particular, o que não convém ser publicado. Meu irmão, Harry Pinner, é o seu administrador. Sabendo que eu andava por aqui tratando de negócios, pediu-me para arranjar um homem qualificado, por um salário módico; um jovem competente, que tenha bastante energia. Parker falou-me do senhor, o que me trouxe aqui esta noite. Só podemos oferecer-lhe a bagatela de quinhentas libras para começar.

— Quinhentas libras por ano! — exultei.

— Para começar. Mas terá uma comissão extra, de um por cento, em todos os negócios feitos pelos seus agentes. E posso dar a minha palavra, garantindo que ela lhe renderá mais que o salário.

— Mas nada sei a respeito de louça!

— Ora, meu rapaz, você conhece os números.

A minha cabeça zumbiu, e foi com dificuldade que pude sentar-me na cadeira. Mas um súbito sentimento de desconfiança se apoderou de mim.

— Tenho de ser franco — objetei. — Mawson me dá apenas duzentos, mas a “Mawson” é garantida. Na realidade, nada sei da sua companhia que.

— Vejo que é esperto! — exclamou, numa espécie de êxtase de contentamento. — O senhor é o nosso homem. Não se deixa levar por palavras, e faz muito bem. Mas aqui está uma nota de cem libras, se acha que podemos firmar um contrato. Fique com ela, como adiantamento do seu salário.

— É muita generosidade sua — reconheci. Quando começo a trabalhar?

— Esteja amanhã, à uma hora, em Birmingham. Tenho aqui no bolso um bilhete que o senhor levará ao meu irmão. Encontre-se com ele na *Corporation Street*, onde estão instalados temporariamente os escritórios da companhia. É claro que ele precisa confirmar o contrato. Mas, cá entre nós, está tudo combinado.

— Realmente, Sr. Pinner, não sei como expressar a minha gratidão.

— Não pense nisso, meu rapaz. Apenas conseguiu o que merece. Há uma ou duas coisas, meras formalidades, que devo ainda combinar com você. Tem aí um pedaço de papel? Escreva, por favor:

— Pretendo *trabalhar* como gerente da *firma* “Franco-Midland Hardware Company, Limited”, com o salário mínimo de 500 libra.

Fiz como me pediu e ele meteu o papel no bolso.

— Há outro pormenor — acrescentou. — Que pensa fazer em relação à “Mawson”?

Com alegria, eu já havia esquecido tudo o que dizia respeito à “Mawson”.

— Escreverei pedindo demissão.

— É exatamente o que não quero que faça. Já tive um atrito com o gerente da “Mawson” por sua causa.

Quando pedi a ele informações a seu respeito, mostrou-se agressivo, acusando-me de querer afastá-lo do serviço na empresa. Por fim, perdi a calma:

— Se querem bons profissionais, devem pagar um bom salário — critiquei.

— E se ele preferir o nosso pequeno salário em vez do seu? — replicou.

— Aposto cinco libras — disse eu — como o senhor nunca mais ouvirá falar do Sr. Pycroft, se eu lhe fizer a nossa oferta.

— Está dito — respondeu. — Nós o tiramos da sarjeta e ele não nos deixará facilmente.

— Que patife! — indignei-me. — Nunca o vi na minha vida. Certamente, não lhe escreverei, se assim preferir.

— Ótimo! É um compromisso! — concluiu, levantando-se da cadeira. — Estou muito contente por conseguir uma pessoa tão qualificada para meu irmão. Aqui está o adiantamento de cem libras e aqui está a carta. Tome nota do endereço, *Corporation Street*, 126-B. Lembre-se de que amanhã, à uma hora, é o seu encontro. Boa-noite e que tenha a sorte que merece.

Foi tudo o que se passou entre nós. O senhor deve imaginar, Dr. Watson, como eu estava contente com aquele golpe extraordinário de sorte. Passei quase toda a noite em claro, congratulando-me, e no dia seguinte fui para Birmingham, num trem que me levaria, com tempo de sobra, ao meu emprego. Mudei as minhas coisas para um hotel da *New Street* e, depois, dirigi-me para o endereço indicado. “Faltava ainda um quarto de hora para o encontro, mas achei que não faria diferença. O 126-B era uma passagem entre duas grandes lojas, conduzindo a uma escada de pedra em espiral onde havia muitos apartamentos alugados a escritórios. Os nomes dos ocupantes estavam pintados na parede embaixo. Mas não estava lá o nome da “Franco-Midland Hardware Company, Limited”. Por uns instantes fiquei indeciso, receando que tudo aquilo não passasse de um engano, mas logo apareceu

um homem que se dirigiu a mim. Era muito parecido com o sujeito que eu tinha visto na noite anterior: a mesma figura e a mesma voz, mas sem barba e com o cabelo mais claro.

— É o Sr. Hall Pycraft? — perguntou.

— Sim, senhor — respondi.

— Estava à sua espera, mas o senhor chegou um pouco antes da hora. Recebi, esta manhã, uma carta do meu irmão, com grandes elogios.

— Estava exatamente à procura dos escritórios quando o senhor chegou.

— Ainda não pusemos o nome na porta, porque só na semana passada arranjamos estes apartamentos temporários. Venha comigo para discutirmos o assunto.

Acompanhei-o até o alto de uma escada íngreme. Justamente embaixo do patamar, havia um conjunto de salas pequenas, vazias e empoeiradas, sem cortinas e sem tapetes. Pensava num grande escritório com filas de escreventes e mesas envernizadas, tal como estava acostumado. Mas, ao contrário, vi duas cadeiras de pinho, uma mesinha com o livro de contabilidade e o cesto de papel: o mobiliário era apenas isto.

— Não se preocupe, Sr. Pycroft — animou-me, ao ver que estava desapontado —. Roma não foi feita num dia e, atrás de nós, há muito dinheiro, embora os nossos escritórios ainda não façam boa figura. Sente-se, por favor, e deixe-me ver a sua carta.

Entreguei a carta e ele leu com atenção.

— Parece que o senhor causou ótima impressão ao meu irmão Arthur — concluiu —, e sei que ele é um juiz muito arguto. Ele trata da parte que diz respeito a Londres e eu, da de Birmingham. Considere-se, portanto, definitivamente contratado.

— Quais são as minhas atribuições? — perguntei.

— Irá dirigir a central de Paris, que distribuirá pela França um dilúvio de louça inglesa nas lojas de cento e trinta e quatro agentes. O negócio será ultimado dentro de uma semana. Entretanto, o senhor permanecerá em Birmingham e já poderá ser útil para nós.

— Como?

Como resposta, tirou da gaveta um grande livro vermelho.

— É o guia de Paris, com as profissões ao lado dos nomes das pessoas. Quero que o leve para casa e marque todos os vendedores de louça e seus endereços. Serão de grande utilidade.

Mas por que não procurar nas listas classificadas? — sugeri.

— Não estão atualizadas. Tome o livro e devolva-me a lista na segunda-feira ao meio-dia. Passe bem, Sr. Pycraft. Se continuar a demonstrar zelo e competência, conseguirá uma boa posição na companhia.

Voltei ao hotel com o livro debaixo do braço. Por um lado, estava empregado definitivamente e com cem libras no bolso. Por outro, a aparência do escritório e a ausência do nome na fachada tinham-me causado má impressão quanto à situação dos meus patrões. Entretanto, podia vir o que viesse, eu já tinha o dinheiro e dediquei-me à minha tarefa. Passei o domingo todo a trabalhar e, na segunda-feira, apenas havia conseguido chegar à letra H. Procurei o meu patrão. Encontrei-o na mesma sala desguarnecida. Disse-me que persistisse até quarta-feira, e então voltasse. Quarta-feira ainda estava por terminar. Então trabalhei até sexta-feira, que foi ontem, e levei a lista ao Sr. Pinner.

— Muito obrigado — disse, sorrindo. — Receio ter avaliado mal a dificuldade da tarefa. Esta lista será muito útil.

— Gastei bastante tempo com ela.

— E agora quero que me faça uma lista das casas de móveis, porque também vendem louças.

— Muito bem.

— Venha amanhã, às sete da noite, para que eu possa acompanhar o progresso dessa lista. Não trabalhe demais. Um pedaço da noite no “*Day’s Music-Hall*” depois do trabalho não o prejudicará.

Enquanto ele falava, notei que o seu segundo dente do lado esquerdo tinha sido muito mal incrustado de ouro.

Sherlock Holmes esfregou as mãos com leite e eu olhei com espanto para o nosso cliente, que prosseguiu:

— Pode ficar surpreso, Dr. Watson, mas quando eu falava com o irmão dele, em Londres, num momento em que riu, também reparei que tinha um dente incrustado daquela maneira. Quando comparei a mesma voz e a mesma figura, alteradas apenas pelo que uma navalha ou uma cabeleira podem fazer, não duvidei de que era o mesmo homem. É claro que não é de estranhar que dois irmãos sejam parecidos, mas não que tenham o mesmo dente incrustado do mesmo modo.

De volta ao hotel, meti a cabeça em água fria e tentei resolver o problema. Por que teria ele me mandado de Londres para Birmingham; por que teria ido antes de mim; e por que teria escrito uma carta para si próprio? Era tudo muito complexo. E então lembrei-me de que o que eram trevas para

mim podia ser luz para Sherlock Holmes. Apenas tive tempo de vir no trem da noite para consultá-lo, esta manhã, e trazê-los comigo para Birmingham.

Fez-se uma pausa, depois de o escriturário ter concluído a sua surpreendente narrativa. Então Sherlock Holmes piscou-me o olho e, encostando-se na poltrona, sorriu, radiante.

— É excelente, Watson, não é? Há pontos que me agradam. Creio que concordará comigo como uma entrevista com Sr. Pinner no escritório da “*Franco-Midland Hardware Company, Limited*” seria uma experiência muito interessante para ambos.

— Como conseguiremos isso? — interessei-me.

— É fácil! — interveio Hall Pycroft. — Os senhores são dois amigos meus que procuram emprego. Nada mais natural do que levá-los até o diretor-gerente.

— Muito bem! — exclamou Holmes. — Gostaria de ver se descubro alguma coisa sobre o jogo desse sujeito.

— Diga-me, Sr. Pycroft, que qualidades possui que tornam o seu serviço tão valioso? Ou talvez seja possível que... — Começou a morder as unhas e a olhar vagamente pela janela, sem falar nada mais até chegarmos à *New Street*.

Às sete horas da noite, descíamos os três a *Corporation Street* em direção ao escritório da Companhia.

— Não vale a pena chegarmos antes da hora — advertiu o nosso cliente. — A casa está deserta.

— Isto é sugestivo. — observou Holmes.

— Com os diabos, reparem! — exclamou o escriturário. — Ali vai ele, à nossa frente.

Apontou para um homem relativamente baixo, loiro e bem vestido, que caminhava depressa do lado oposto da rua.

Nesse momento, o homem aproximou-se de um garoto que anunciava a última edição do jornal da tarde e comprou um exemplar. Então, segurando o jornal, desapareceu atrás da porta.

— Lá vai ele! — apontou Hall Pycroft. — Ali são os escritórios da Companhia. Venham comigo.

Seguindo-lhe os passos, subimos cinco andares até encontrarmos uma porta entreaberta, onde o nosso cliente bateu. Uma voz convidou a entrar.

Era um quarto desguarnecido, como Hall Pycroft tinha descrito. Junto da única mesa estava sentado o homem que tínhamos visto na rua, com o jornal à sua frente e, quando olhou para nós, pareceu-me nunca ter encarado um rosto com tantos sinais de angústia. As suas sobranceiras brilhavam de suor, a face era lívida e os olhos pareciam espantados. Olhou para o escriturário como se não o reconhecesse e deduzi, pelo assombro que se estampou na fisionomia do nosso guia, que aquela não era a aparência habitual do seu patrão.

— Parece estar doente, Sr. Pinner! — observou Pycroft.

— É verdade. Não me sinto bem — respondeu o outro, fazendo óbvios esforços para recompor-se e lambendo os lábios secos antes de falar.

— Quem são estes cavalheiros?

— Este é O Sr. Harris, de Bermondsey, e este outro é O Sr. Price, aqui mesmo da cidade — apresentou o escriturário com desembaraço. — São meus amigos, homens experientes, mas ficaram há pouco tempo desempregados e esperavam que o senhor talvez lhes pudesse arranjar um lugar no quadro de funcionários da Companhia.

— É muito possível. É muito possível — repetiu com um sorriso forçado. — Talvez possamos arranjar qualquer coisa. Qual é a sua profissão, Sr. Harris?

— Contabilista — disse Holmes.

— Muito bem. E o senhor, Sr. Price?

— Escriturário — respondi.

— Espero que a Companhia possa colocá-los. Depois me comunicarei com os senhores por intermédio do Sr. Pycroft. E agora peço-lhes que se retirem. Deixem-me só, por favor.

As últimas palavras foram uma espécie de descarga de um constrangimento recalcado. Holmes e eu olhamos um para o outro, e Pycroft aproximou-se da mesa.

— Mas o senhor, Sr. Pinner, mandou que eu viesse aqui para receber instruções — retrucou.

— É verdade, Sr. Pycroft, é verdade — respondeu Pinner num tom mais calmo. — O senhor pode esperar um momento, e não vejo razão para que os seus amigos não esperem também. Dentro de três minutos estarei inteiramente à sua disposição.

Levantou-se com ar muito cortês, e fez um aceno quando passava pela porta que fechou atrás de si.

— E agora? — murmurou Holmes. — Está escapando sorrateiramente?
— Impossível — respondeu Pycroft.
— Por que não?
— A porta dá para uma sala interior.
— Não há saída?
— Nenhuma.
— Está mobiliada?
— Ontem estava vazia.
— Então que diabo estará fazendo ali dentro? Há coisas aqui que não entendo. Parece aterrorizado!
— Talvez suspeite que somos detetives — sugeri.
— Talvez — admitiu Pycroft. Holmes meneou a cabeça.
— Ele não empalideceu. Já estava pálido quando entramos na sala — observou Holmes. — É possível que...

As suas palavras foram interrompidas por um estampido repetido na porta de dentro.

— Por que diabo estará batendo na sua própria porta? — espantou-se o escriturário.

Ouviu-se novamente e mais alto o *rat-tat tat*. Todos olhamos para a porta fechada. Notei que o rosto de Holmes endurecia e que se inclinava para a frente com emoção. Então, ouviu-se um som cavernoso e um animado tamborilar no madeiramento. Holmes precipitou-se para a sala e empurrou a porta violentamente. Estava trancada por dentro. Seguindo o seu exemplo, investimos contra ela com todo o nosso peso. Uma dobradiça quebrou-se; depois, a outra cedeu e a porta caiu num estrondo. Precipitamo-nos no interior.

Estava vazia.

Mas o engano foi apenas momentâneo. No canto mais próximo da sala que tínhamos deixado, havia uma segunda porta. Holmes arremessou-se contra ela e abriu. Um casaco e um colete jaziam no chão e, num gancho atrás da porta, com os suspensórios em volta do pescoço, estava suspenso o diretor da *“Franco-Midland Hardware Company”*. Tinha os joelhos encolhidos e a sua cabeça pendia num ângulo medonho sobre o corpo. O bater dos tornozelos contra a porta provocava o ruído que havia interrompido a nossa conversa. Agarrei o homem pela cintura e o coloquei de pé, enquanto

Holmes e Pycroft desatavam as faixas elásticas que tinham se incrustado entre as rugas azuladas da pele. Em seguida, o levamos para a outra sala, onde ficou estendido com a rosto cor de ardósia, agitando os lábios, para dentro e para fora a cada movimento de respiração.

— Que lhe parece, Watson? — perguntou Holmes. O pulso de Pinner estava fraco e intermitente, mas a respiração aumentava, e havia uma pequena contração das pálpebras que mostrava uma tênue faixa branca do globo ocular na parte interior.

— Escapou por um triz, mas viverá. Abram aquela janela e dêem-me a garrafa de água fria.

Afrouxei-lhe o colarinho, joguei água fria no seu rosto e movimentei os seus braços até voltar à respiração natural.

— Agora é só questão de tempo — concluí, afastando-me.

Holmes ficou ao lado da mesa, com as mãos mergulhadas nos bolsos das calças e o queixo sobre o peito.

— Devemos chamar as autoridades — observou —, mas confesso que gostaria de dar uma explicação completa quando viessem.

— É um mistério para mim — exclamou Pycroft, coçando a cabeça.

— Pois é tudo muito lógico — resmungou Holmes, com impaciência. — Menos este último gesto repentino.

— Compreende o resto?

— Perfeitamente. Que me diz, Watson?

Encolhi os ombros.

— Confesso que não percebo.

— Percebe, sim, se considerar que os acontecimentos só podem ter uma conclusão.

— Como os explica?

— Tudo gira em torno de dois pontos. O primeiro foi fazer Pycroft escrever uma declaração por meio da qual entrou para essa companhia imaginária. Não vê como isto é sugestivo?

— Receio não estar acompanhando o seu raciocínio.

— Por que iriam querer que Sr. Pycroft a escrevesse? Não por uma questão comercial, porque esses arranjos habitualmente são verbais e não há razão para que essa fosse uma exceção. Não percebe, meu jovem amigo, que estavam muito ansiosos para obter uma amostra da sua caligrafia, e que não havia outro meio de consegui-lo?

— E para quê?

— Para quê? Só poderá haver um motivo adequado. Alguém queria aprender a imitar a sua caligrafia, e para isso precisava de uma amostra. Depois temos o pedido de Pinner para que o senhor não desistisse do lugar, deixando o gerente da “*Mawson*” à espera de que um Sr. Hall Pycroft, que nunca tinha visto, entrasse no escritório na segunda-feira de manhã.

— Santo Deus! Como fui estúpido!

— Suponhamos — continuou Holmes — que alguém se apresentasse em seu lugar e escrevesse com uma letra completamente diferente da sua ao pedir a colocação: seria certamente descoberto. Mas o patife aprendeu a imitá-la, ficando numa posição segura, pois presumo que ninguém no escritório ainda o conhecesse.

“Era da maior importância afastá-lo do contato com alguém que pudesse dizer que o seu dublê estava no escritório da “*Mawson*”. Portanto fizeram-lhe um generoso adiantamento e mandaram-no para Midlands, onde lhe deram trabalho suficiente para impedi-lo de ir a Londres, onde poderia estragar o jogo deles.”

— Mas por que havia esse homem de se fazer passar por seu próprio irmão?

— Também é claro. Há apenas dois homens metidos nesse negócio. O outro está substituindo o senhor no escritório. Um atua como contratante, e descobriu que não podia lhe arranjar um patrão sem admitir uma terceira pessoa no conluio. E era justamente isso que ele não queria. Mudou a aparência o quanto pôde e confiou que a semelhança, que o senhor notaria, seria considerada parença de família. Mas, por um feliz acaso, o dente de ouro levantou suspeitas.

O Sr. Pycroft agitou as mãos no ar.

— Enquanto fiz papel de idiota, o que estaria fazendo o outro “*Hall Pycroft*” no escritório da “*Mawson*”? O que devo fazer, Sr. Holmes?

— Telegrafar para a “*Mawson*”.

— Mas, aos sábados, fecham ao meio-dia.

— Pode ser que haja um porteiro ou guarda.

— Sim. Têm um guarda permanente, por causa dos títulos que conservam. Lembro-me de ter ouvido falar nisso na cidade.

— Vamos telegrafar e veremos se um escriturário com o seu nome está trabalhando lá. Tudo é claro, menos a motivo por que um dos patifes ao nos ver saiu imediatamente da sala e se enforcou.

— O jornal — exclamou uma voz atrás de nós.

O homem tentava sentar-se, pálido, e esfregando com as mãos o vergão vermelho que ainda se via ao redor do seu pescoço.

— O jornal! Exatamente! — exclamou Holmes, excitado. — É claro que nele é que está o segredo.

Inclinou-se para ler e soltou uma exclamação de triunfo.

— Olhe isto, Watson! É o jornal de Londres, uma primeira edição do *Evening Standard*. Aqui está o que queremos. Olhe para os títulos: “Crime no centro da cidade, “Assassinato na casa ‘*Mawson & Williams*” e “Gigantesca tentativa de roubo” e “Prisão do criminoso”.

— Tenha a bondade, Watson, de ler em voz alta. Pelo destaque que ocupava no jornal, parecia ser o único acontecimento de importância.

“Uma desesperada tentativa de roubo, culminando com a morte de um homem e a prisão do criminoso, ocorreu esta tarde no centro de Londres. Há algum tempo, a “*Mawson & Williams*”, famosa empresa de finanças, tem sido a guardiã de títulos que somam mais de um milhão de libras. O gerente estava tão consciente da responsabilidade que lhe cabia, em consequência dos interesses em jogo, que cofres dos mais modernos vinham sendo utilizados, e um guarda armado ficava, dia e noite, no edifício.

Parece que, na última semana, um escriturário chamado Hall Pycroft foi contratado pela firma. Mas essa pessoa transformou-se noutra: Beddington, o famoso falsário e arrombador, que recentemente saiu, com seu irmão, de uma prisão penal, após cinco anos de trabalhos forçados. Conseguiu, sob um nome falso, essa colocação no escritório e utilizou-a para tirar moldes de várias fechaduras, obtendo um conhecimento perfeito da sala forte e dos cofres.

É costume, na “*Mawson*”, dispensar os funcionários ao meio-dia de sábado. O sargento Tusan, da Polícia municipal, ficou surpreso ao ver um cavalheiro carregando um saco descer as escadarias do prédio, à uma e vinte da tarde. Desconfiado, o sargento seguiu a homem e, com o auxílio de outro policial, chamado Pollock, conseguiu prendê-lo depois de uma desesperada resistência.

Verificou-se logo que um gigantesco roubo tinha sido cometido. Quase cem mil libras em ações de ferrovias americanas, uma grande quantidade de títulos de minas de outras companhias foram encontradas no saco. O cadáver do vigia foi encontrado dobrado, dentro do cofre maior, onde só na segunda-feira de manhã seria descoberto, não fosse a pronta ação do sargento Tuson.

O Homem tinha a cabeça esmigalhada por um atizador abandonado pelo criminoso. Provavelmente, Beddington alegou ter-se esquecido de qualquer coisa. Depois de matar o guarda, roubou o cofre e saiu. Seu irmão, que habitualmente trabalha com ele, não participou desse assalto, mas a Polícia já iniciou as investigações para descobrir o seu paradeiro.”

— Já podemos poupar à polícia esse trabalho, comentou Holmes, olhando para a figura extremamente pálida do enforcado frustrado. — Note, Watson, como a natureza humana manifesta um estranho amálgama de sentimentos. Até um vil criminoso pode inspirar tal afeição a um irmão, que este, ao saber que o outro está inevitavelmente condenado à forca, decide suicidar-se pelo mesmo meio.

Agora, Sr. Pycroft, tenha a bondade de ir chamar a polícia, enquanto o Dr. Watson e eu tomamos conta deste sujeito.



O HOMEM DO LÁBIO TORCIDO

O falecido Elias Whitney, Reitor do Colégio Teológico de St. George, tinha um irmão, Isa Whitney, que se viciara em ópio. Devido a um capricho extravagante, quando estava no colégio, depois de ter lido a descrição que De Quincey dá dos seus efeitos e sensações, impregnou fortemente o tabaco que usava com tintura de ópio, para ver se conseguia o mesmo resultado. Verificou, como tantos outros, que é mais fácil adquirir o vício do que abandoná-lo e continuou durante muitos anos a ser escravo da droga, tornando-se alvo do pesar dos seus amigos e parentes. Parece que o estou vendo agora, com o rosto amarelo e inchado, sobrancelhas caídas e as pupilas reduzidas, encolhido numa cadeira, verdadeira ruína de um homem honrado.

Numa noite de Junho de 89 tocaram a campainha de minha casa, mais ou menos à hora em que a gente começa a bocejar, olha para o relógio e quer recolher-se à cama. Estremeci na cadeira, minha mulher largou a costura que a ocupava e olhou-me desapontada.

— Um cliente! — observou. — Vai ter de sair.

Suspirei, porque havia chegado há poucos minutos do consultório, após um dia atarefado.

Ouvimos abrir a porta da rua, algumas palavras apressadas e, depois, uns passos ligeiros pelo corredor. A porta da sala abriu-se, deixando entrar uma senhora de vestido escuro e véu preto.

— Queiram desculpar-me por vir incomodá-los tão tarde — começou a dizer, mas depois, perdendo o controle, correu para minha mulher e lançou-se em redor do seu pescoço, chorando sobre o seu ombro.

— Estou tão aflita! — exclamou. — Preciso tanto que me ajude!

— Por quê? — perguntou minha mulher, erguendo-lhe o véu. — É Kate Whitney! Como me assustou, Kate! Não fazia idéia de que fosse você quando entrou.

— Não sabia o que fazer. Por isso vim procurar por vocês.

— Fez bem em ter vindo. Agora vai tomar um copo de refresco e sentar-se confortavelmente para desabafar... ou prefere que eu mande James para a cama?

— Oh, não! Preciso do conselho do Doutor e também do seu auxílio. É a respeito de Isa. Não voltou para casa nestes dois últimos dias. E tenho muito receio quanto ao local onde deve estar.

Era a primeira vez que Kate nos falava da desgraça de seu marido, a mim como médico e à minha mulher como amiga de sempre e colega de escola.

Procuramos acalmá-la. Perguntamos se sabia onde estava o marido e se não seria possível que nós o levássemos para casa.

Parecia que sim. Ela tinha a certeza de que ultimamente, quando o vício o atacou, ele tinha ido a um bar chinês, na parte leste da cidade, para fumar ópio. Mas já haviam passado mais de 48 horas e ele continuava lá, deitado entre homens das docas, respirando aquele terrível veneno e dormindo sob os seus efeitos. Tinha a certeza de que Isa estava no “Bar Dourado”, do Upper Swandam Lane. Como poderia ela, mulher jovem e tímida, ir a um lugar daqueles para arrancar o marido do meio dos bandidos que o freqüentavam?

Não poderia eu acompanhá-la àquele lugar? Então perguntei-lhe por que ela teria de ir também. Eu era médico da família e, como tal, tinha influência sobre ele. Certamente seria mais bem-sucedido se eu fosse sozinho. Prometi a ela que o mandaria para casa num trem dentro de duas horas, se de fato ele estivesse no lugar que ela me indicava.

E assim, dez minutos depois, deixei a minha boa poltrona e a minha confortável sala de estar, para meter-me num trem e correr à parte leste da cidade.

Não surgiram grandes dificuldades na primeira parte da aventura. O Upper Swandam Lane é um beco da Ponte de Londres. Entre uma loja de roupas feitas, baratas, e uma casa de bebidas. Descendo por uma escadaria íngreme que levava a uma abertura como se fosse a entrada de uma verdadeira caverna, cheguei ao interior do antro onde estava a pessoa que eu procurava. Mande o cocheiro esperar e desci a escadaria gasta pelos pés dos infelizes viciados. Sob a luz fraca de uma lanterna suspensa na porta, entrei num salão comprido, de teto baixo, com uma atmosfera pesada, impregnada de ópio, que parecia o porão de um navio de emigrantes.

Através da fumaça podia ver os corpos que jaziam em posições fantásticas, ombros curvos, joelhos dobrados, cabeças atiradas para trás, com queixos suspensos e olhares amortecidos que espiavam o recém-chegado.

Na penumbra luziam, ora brilhantes, ora fracos, pequenos círculos de luz vermelha, conforme a bola de ópio acesa se tornava mais viva ou apagada

no forninho dos cachimbos. Quase todos os fumantes jaziam imóveis, alguns murmurando para si próprios e outros falando em voz baixa e monótona, ninguém se importando com a conversa do vizinho. Na extremidade da sala via-se um pequeno braseiro com carvão aceso, ao lado do qual, sentado num banco de três pés, estava um velho alto, com o queixo pousado nas mãos, cotovelos sobre os joelhos, olhando fixamente o fogo.

Quando entrei, um empregado malaio aproximou-se apressadamente e ofereceu-me um cachimbo e uma bala de droga, indicando-me um dos beliches.

— Obrigado. Não vim para ficar — recusei. — Está aqui um amigo meu, Sr. Isa Whitney, e eu preciso falar com ele.

Houve um movimento e uma exclamação à minha direita e, espiando através da escuridão, vi Whitney, pálido, desfigurado e despenteado, olhando para mim.

— Meu Deus! É Watson — reconheceu-me. Estava num estado lastimável, com os nervos agitados.

— Diga-me, Watson, que horas são?

— Quase 23 horas.

— De que dia?

— De sexta-feira, 19 de Junho.

— Com os diabos! Pensei que fosse quarta-feira... Não pode ser sexta! É quarta-feira. Porque pretende assustar-me?

Encostou o rosto em um dos braços e começou a chorar convulsivamente.

— Estou dizendo que é sexta-feira. Sua mulher está à sua espera há dois dias. Você devia ter vergonha.

— E tenho. Mas está enganado, Watson. Estou aqui apenas há algumas horas. Fumei três pitadas, aliás. quatro... Já não sei quantas. Mas irei para casa com você. Não quero assustar Kate. Minha pobre Kate. Dê-me as suas mãos. Trouxe um carro?

— Sim, está à espera.

— Nesse caso, vou com você. Mas devo ter feito despesas. Veja quanto é. Não estou muito bem. Watson, não consigo fazer nada sozinho.

Passei pela ala de beliches, contendo a respiração, para não absorver a fumaça da droga, à procura do gerente.

Quando passei perto do braseiro, o homem alto que ali estava sentado puxou-me pela aba do casaco e segredou:

— Passe perto de mim e depois olhe para trás. Ouvi essas palavras distintamente e baixei o olhar. As palavras só podiam ter sido ditas pelo velho ao meu lado, mas permanecia tão absorto como dantes, muito magro, muito enrugado e curvado pela idade, com um cachimbo de ópio tombado entre os joelhos, como se tivesse escorregado, devido à fraqueza dos dedos.

Dei dois passos, olhei para trás e quase não pude evitar um grito de admiração. Ele havia se virado para que ninguém pudesse vê-lo, a não ser eu. O seu corpo cresceu, as rugas desapareceram, os olhos baços retomaram o brilho. Ali sentado, perto do fogo e rindo da minha surpresa, estava Sherlock Holmes. Fez um leve sinal para que me aproximasse e, virando-se para os companheiros, transformou-se novamente no homem trêmulo, senil, de lábio caído.

— Holmes! — murmurei. — Que faz você nesta caverna?

— Fale o mais baixo possível, ouço perfeitamente. Se fizer o favor de despachar aquele seu amigo drogado, gostaria de conversar com você.

— Tenho um carro lá fora.

— Faça o favor de mandá-lo embora. Pode deixar o seu amigo ir sozinho, pois parece mole demais para causar tumultos pelo caminho. Seria bom mandar um bilhete à sua mulher, avisando-a de que vai me ajudar. Espere-me lá fora, uns cinco minutos.

Era difícil recusar. Os pedidos de Sherlock Holmes eram sempre bem definidos, como se fossem ordens. Senti, aliás, que colocando Whitney no carro, a minha missão estava praticamente terminada e, além disso, não podia desejar coisa melhor do que associar-me ao meu amigo, numa daquelas singulares aventuras que constituíam a condição normal da sua existência.

Em poucos minutos havia escrito um bilhete a minha mulher e pago a conta de Whitney. Levei-o até sua condução e vi-o seguir para casa, no meio da escuridão. Logo um vulto decrepito emergiu da caverna do ópio e acompanhei Sherlock Holmes, que pelas ruas próximas continuava a andar com o dorso encurvado, dando passos irregulares. Então, depois de olhar para trás, endireitou-se e soltou uma gargalhada.

— Evidentemente, Watson, você pensa que adquirir o vício de fumar ópio, além das minhas outras pequenas fraquezas a respeito das quais, como médico, já tem dado a sua opinião.

— Certamente. Admirei-me de vê-lo ali.

— Mas não mais do que eu, quando o vi chegar.

— Vim à procura de um amigo.

— E eu atrás de um inimigo.

— Um inimigo?

— Um dos seus inimigos naturais ou, melhor, uma vítima natural.

Enfim, Watson, estou procedendo a uma investigação admirável e tenho esperanças de poder encontrar uma pista no meio dos murmúrios incoerentes desses drogados, como já fiz outras vezes. Se fosse reconhecido nessa caverna, não viveria mais um instante, porque já utilizei esse estratagema antes. Lascar, dono do negócio, jurou vingar-se de mim. Há um alçapão atrás daquele edifício, perto da esquina do cais de S. Paulo, onde se passaram umas estranhas histórias em noites escuras.

— O quê? Cadáveres?

— Sim, Watson. Seríamos homens ricos se recebêssemos mil libras por cada pobre diabo que morreu naquela caverna. É a mais vil armadilha de todo o cais e receio que Neville St. Clair tenha entrado lá para nunca mais sair. Vamos pegar aquele carro.

Colocou os dois dedos indicadores entre os dentes e assobiou. Logo um assobio semelhante respondeu à distância, seguido pelo ruído das patas de cavalos e o girar de rodas.

— Agora, Watson — convidou Holmes, enquanto o coche se aproximava lançando dois túneis de luz pelas suas lanternas laterais. — Vem comigo?

— Se posso ser útil!

— Um companheiro fiel é sempre útil, e um cronista, ainda mais. O meu quarto nos “Cedros” tem duas camas.

— Nos “Cedros”?

— Sim, é a casa de Sr. St. Clair. Estou hospedado lá, enquanto investigo.

— Onde é que fica?

— Em Lee Kent. Temos uma viagem de sete milhas à nossa frente.

— Não estou entendendo nada!

— É natural, mas daqui a pouco saberá tudo a respeito do caso. Vá, suba! Está bem, John, não precisamos mais de você. Tome esta gorjeta. Procure-me amanhã à uma hora da tarde. Até logo.

Estalou o chicote e passamos apressadamente através de uma série de ruas, sombrias e desertas, que se alargavam gradualmente, até que atravessamos

uma ponte larga, com balaústres, sobre uma água suja. Em seguida, outra grande extensão de casas cujo silêncio era apenas violado pelos passos irregulares do policial que fazia a ronda.

Nuvens escuras atravessavam o céu, deixando entrever apenas uma ou duas estrelas. Holmes conduzia o carro em silêncio, com a cabeça baixa, mergulhado nas suas meditações enquanto, a seu lado, sentia-me curioso para saber quais eram essas novas investigações que pareciam exigir toda a sua concentração.

Tínhamos percorrido várias milhas e estávamos chegando ao subúrbio, quando Holmes encolheu os ombros e acendeu o cachimbo, como quem está satisfeito.

— Você tem um dom formidável, Watson: o silêncio — comentou —, o que o torna um companheiro de inestimável valor. Estava pensando no que direi a essa boa mulher quando ela vir à porta.

— Esquece-se de que nada sei dos fatos!

— Terei tempo para contar-lhe tudo, antes de chegarmos a Lee. A simplicidade do caso parece ridícula. Contudo, não consigo encontrar a menor pista. Vou contar-lhe concisamente, Watson, e talvez você vislumbre qualquer solução.

— Conte então.

— Alguns anos atrás, precisamente em maio de 1884, veio para Lee um cavalheiro chamado Neville St. Clair que parecia rico. Arranjou uma grande casa, cultivou muito bem os jardins e vivia de maneira elegante. Travou relações na vizinhança e finalmente casou-se com a filha de um fabricante de cerveja local, tendo com ela dois filhos. Não trabalhava, mas tinha interesses em diversas companhias e, por isso, ia a Londres todas as manhãs, voltando todas as tardes da Cannon Street no trem das 17:14. O Sr. St. Clair tem agora 37 anos de idade, é homem de hábitos moderados, bom marido, pai bondoso e todos o apreciam. As suas dívidas atualmente não ultrapassam 88,10 libras, tem um crédito de 220 libras no “Capital and Counties Bank”. Não há portanto razão para alguém pensar que tivesse dificuldades financeiras que o desesperassem.

Na segunda-feira passada, o Sr. Neville St. Clair foi para a cidade um pouco mais cedo que de costume, alegando que tinha duas missões importantes a realizar e que, na volta, traria uma caixa de cubos para montar para os filhinhos. Acontece que, por mera coincidência, sua mulher recebeu

um telegrama dizendo que um pacotinho de valor inestimável, que ela esperava, estava à sua disposição nos escritórios da “Companhia de Navegação de Aberdeen”.

“Ora, esses escritórios ficam na Fresno Street, que se ramifica com o *Upper Swandam Lane*, onde você me encontrou esta noite. A Sra. St. Clair almoçou, foi à cidade, fez algumas compras e, depois, seguiu para os escritórios da Companhia, levou o pacote e, justamente às 16:35 horas, encontrava-se no Swandam Lane, a caminho da estação. Compreendeu?

— Perfeitamente.

— Não sei se se recorda de que segunda-feira foi um dia excessivamente quente e a Sra. St. Clair andava devagar, olhando de um lado para o outro na esperança de arranjar um carro, porque não gostava da região onde se encontrava. Ao descer a *Swandam Lane*, ouviu de repente um grito e viu o seu marido fazendo-lhe sinais para que fosse ao segundo andar da casa onde ele se encontrava. A janela estava aberta e ela notou que ele parecia estar muito agitado. Agitou as mãos freneticamente e depois desapareceu da janela tão rapidamente como se tivesse sido agarrado por trás por uma mão irresistível. Com a sua aguçada intuição de mulher, também reparou que, embora o marido estivesse vestido com o paletó escuro com que saíra de casa, estava sem colarinho nem gravata. Convencida de que algo lhe acontecera, desceu rapidamente as escadas, porque a casa não era outra senão a caverna onde me encontrou, e, correndo pela sala da frente, experimentou subir as escadas até o 1º andar. Foi quando encontrou o canalha do Lascar, que a puxou para trás e, ajudado por um dinamarquês que ali trabalha, empurrou-a para a rua.

Louca de medo, correu rua abaixo e, por sorte, na Fresno Street, encontrou o inspetor e diversos policiais que se dirigiam às suas rondas.

O inspetor e dois guardas acompanharam-na e, apesar da resistência do proprietário, entraram no lugar onde o Sr. St. Clair fora visto pela última vez. Não havia sinais dele. De fato, em todo aquele andar não havia ninguém a não ser um aleijado de aspecto hediondo, que parecia morar lá. Tanto este como o Lascar juraram que ninguém tinha estado na sala da frente, naquela tarde, e tão decisiva era a sua negativa que o inspetor ficou com dúvidas e quase chegou a crer que a Sra. St. Clair estivesse enganada. De repente, com um grito, ela dirigiu-se à mesa sobre a qual estava uma caixinha de pinho e arrancou-lhe a tampa. Dela caíram cubozinhos de brinquedo de criança. Era a caixa que ele prometera levar para casa.

Esta descoberta e a ansiedade em que o aleijado ficou provaram ao inspetor que o caso era sério. Todos os aposentos da casa foram cuidadosamente examinados, e os resultados indicavam um crime abominável.

A sala da frente estava mobiliada como uma sala-de-estar e dava entrada para um pequeno quarto que se abria para os fundos de um dos cais. Entre o cais e a janela do quarto há uma estreita passagem que, na vazante, fica seca, mas que tem água na enchente, pelo menos com metro e meio de fundo.

A janela do quarto era larga e abria-se por baixo. Ao examinar o peitoril, viram-se sinais de sangue no soalho do quarto. Atiradas para trás de uma cortina na sala da frente, estavam todas as roupas do Sr. St. Clair, menos o casaco, mas não havia outro sinal do homem. Certamente ele passara pela janela, porque não havia outra saída que se pudesse descobrir e as numerosas manchas de sangue sobre o peitoril davam poucas esperanças de que pudesse salvar-se a nado, dado que a maré estava muito alta no momento da tragédia.

E, agora, falemos dos canalhas que parecem mais implicados no caso. Esse Lascar tinha os mais vis antecedentes, mas, pelas declarações da Sra. St. Clair, sabe-se que ele estava ao pé da escada momentos após a aparição de seu marido, sendo portanto provável que seja apenas um cúmplice do crime. Defendeu-se, dizendo ignorar tudo o que fazia o seu inquilino Hugh Boone, e que não podia prestar declarações a respeito da roupa do cavalheiro desaparecido.

Falemos agora do aleijado que mora no 2º andar e foi o último a ver Neville St. Clair. O nome dele é Hugh Boone e é conhecido por todos quantos freqüentam o centro da cidade. É mendigo profissional, embora, para evitar a violação dos regulamentos policiais, finja ser vendedor de velas de cera.

A pouca distância de Threadneedle Street, do lado direito, existe um pequeno ângulo no muro. Senta-se ali, todos os dias, de pernas cruzadas, com fósforos e velas no colo e, como se trata de uma criatura lastimável, jogam-lhe esmolas dentro do boné sujo que tem à sua frente.

Já tinha reparado nele, mais de uma vez, e fiquei surpreso com a coleta que faz em tão pouco tempo. A sua aparência é tão extraordinária que ninguém pode passar sem o notar. Tem um tufo de cabelo amarelo sobre a rosto desfigurado por uma cicatriz horrível que, pelas contrações, lhe faz subir o canto do lábio superior; tem queixo de bulldogues, olhos escuros e penetrantes, em contraste com a cor dos cabelos. Destaca-se, assim, da multidão vulgar dos mendigos, até pela astúcia, porque tem sempre uma resposta pronta para qualquer graça que alguém lhe diga ao passar. Eis o homem que era inquilino da caverna de ópio e a última pessoa que viu o cavalheiro que procuramos.

— Mas um aleijado? — comentei. — Que poderia ele ter feito, sozinho, contra um homem no vigor da idade?

— É aleijado porque coxeia, mas, fora disso, parece um homem forte e bem constituído. A sua experiência de médico, Watson, com certeza lhe dirá que a fraqueza de um membro é freqüentemente compensada nos outros por uma força excepcional.

— Peça-lhe o favor de continuar o seu relato.

— A Sra. St. Clair havia desmaiado ao ver o sangue no peitoril, e um policial acompanhou-a até o coche em que foi para casa, porque a sua presença em nada ajudaria as pesquisas. O inspetor Barton, a quem foi entregue o caso, fez um exame minucioso no edifício, mas sem descobrir coisa alguma.

Foi um grande erro não terem prendido Boone, naquele momento, porque houve uns minutos durante os quais ele pôde comunicar-se com Lascar. Porém, o erro foi logo remediado: foi preso, embora não se encontrasse nada que o incriminasse.

Havia algumas manchas de sangue na manga direita da camisa, mas ele apontou para o seu dedo anelar, que fora cortado junto da unha, e explicou que o sangue viera dali, manchando a janela. Negou ter visto Neville St. Clair e disse que o fato de a roupa dele estar no seu quarto era tão misterioso para ele como para a Polícia.

Quanto ao fato de a Sra. St. Clair ter visto o marido na janela, estava doida ou sonhava. Levaram Boone para o posto policial, enquanto o inspetor permanecia no local para ver se a vazante traria alguma nova pista. E trouxe, porque encontraram o casaco de Neville St. Clair. Mas o cadáver não apareceu no baixar da maré. E sabe o que foi encontrado nos bolsos?

— Não faço idéia.

— Tinha os bolsos cheios de moedas: 421 pennies e 270 half-pennies. Não era para admirar que a maré não o tivesse levado. Mas um corpo humano é diferente. Há uma forte corrente entre o cais e o edifício. É possível que o casaco permanecesse no fundo, enquanto o corpo era levado pelo rio.

— Disse-me que as outras roupas foram encontradas no quarto. Será que o corpo só estava vestido com o casaco?

— Não, mas os fatos podem ser explicados com um pouco de reflexão. Pense que, se esse Boone lançou Neville St. Clair através da janela, não haveria quem pudesse ter visto o ato? Tratou de fazer desaparecer as roupas

comprometedoras. Pegou o casaco, mas lembrou-se de que este flutuaria, em vez de afundar. Teve pouco tempo, porque ouviu a esposa subindo, ou talvez já tivesse sido avisado por Lascar da chegada da Polícia. Não podia perder um instante. Foi ao depósito secreto de dinheiro que acumulara com a sua mendicidade. Pegou em tantas moedas quantas pode e meteu-as no bolso para que o casaco afundasse. Lançou-o fora e teria feito o mesmo com as roupas, se a Polícia não tivesse chegado, dando-lhe apenas tempo para fechar a janela.

— É uma reconstituição coerente. Boone foi preso, mas nada se provou contra ele. Há muitos anos que é conhecido como mendigo profissional, com uma vida calma e inocente.

Aqui terminam as investigações. Falta saber por que razão Neville St. Clair se encontrava ali e que papel teve esse Hugh Boone no seu desaparecimento. Confesso que não me recordo de nenhum caso que, no princípio, parecesse tão simples e que, no final, apresentasse tantas dificuldades.

Enquanto me narrava estes fatos, passamos por uma vasta cidade e, agora, atravessávamos um caminho ladeado por cercas-vivas que dava acesso a duas casas onde havia algumas janelas.

— Estamos nos limites de Lee — informou o meu companheiro. — Atravessamos três condados ingleses nesta curta viagem; começamos no de Middlesex, cortamos pelo de Surrey, terminamos em Kent. Está vendo aquela luz entre as árvores? Aquilo é o “Cedros” e, ao lado daquela luz, está sentada uma senhora que já deve ter ouvido as ferraduras do nosso cavalo.

— Mas por que não trata do caso na *Baker Street*? — estranhei.

— Porque temos muitas investigações a fazer aqui. A sra. St. Clair pôs ao meu dispor dois quartos e você pode estar certo de que um amigo e colega meu será bem-vindo. Cá estamos.

Parou o carro em frente a uma casa de campo cercada pelos prados que lhe pertenciam. Um rapaz, ajudante de cocheiro, correu para pegar o cavalo e seguiu Holmes pela estreita vereda que conduzia à casa. Ao chegarmos à porta, esta abriu-se e apareceu uma senhora loura, trajando um vestido caseiro leve, enfeitado com fita cor-de-rosa na gola e nos punhos. Ela ficou, com uma das mãos a segurar a porta e a outra meio suspensa, aflita, com o corpo inclinado, olhos vivos e lábios entreabertos.

— Ele está bem? — perguntou.

E então, vendo que éramos dois, soltou um grito de esperança que terminou num gemido quando reparou que o meu amigo sacudia a cabeça e encolhia os ombros.

— Não traz boas notícias?

— Nenhuma.

— E más?

— Não.

— Graças a Deus! Mas entrem. Devem estar cansados, pois tiveram um dia longo e fatigante.

— Este é o meu amigo, Dr. Watson. Tem sido utilíssimo colaborador em vários dos meus assuntos e, por um acaso feliz, fez o possível para acompanhar-me nas investigações.

— Estou contente por vê-lo — afirmou, dando-me um aperto de mão.
— O Doutor desculpará qualquer falta aqui em casa, quando pensar no golpe que tão repentinamente sofremos.

— Sou um velho soldado, minha senhora, e mesmo que o não fosse, vejo que não tem motivo para desculpar-se. Ficarei feliz em ajudá-los.

— Gostaria, Sr. Sherlock Holmes — disse ela enquanto entrávamos para a sala de estar onde, sobre a mesa, já estava posta uma ceia fria, — de fazer-lhe duas perguntas bem claras e peço-lhe que me dê também respostas claras.

— Certamente.

— Acha que Neville ainda está vivo?

Sherlock Holmes ficou embaraçado.

— Honestamente — insistiu ela fitando-o, ainda de pé.

— Francamente, não.

— Pensa, portanto, que está morto?

— Sim.

— Assassinado?

— Talvez.

— E em que dia morreu?

— Segunda-feira.

— Então, Sr. Holmes, faça o favor de explicar-me como é que recebi esta carta dele hoje?

Sherlock Holmes pulou da cadeira.

— O quê?

— Sim, hoje!

E, rindo, agitou um pedaço de papel.

— Posso ver?

— Certamente.

Alisando-a sobre a mesa, Holmes puxou o candeeiro para mais perto e examinou a carta atentamente. Abandonei a cadeira e espreitei por sobre o ombro do meu amigo. O envelope era vulgar e trazia o carimbo de Gravesend com a data daquele dia, ou, melhor, com a do dia anterior porque já passava da meia-noite.

— Caligrafia grosseira! — murmurou Holmes. — Certamente, minha senhora, esta não é a letra do seu marido.

— Não, mas é a que está dentro.

— O seu nome, veja, está com tinta muito preta, a qual secou. O resto é de cor cinzenta, o que demonstra que foi usado um mata-borrão. Se tivesse escrito tudo de uma vez e usasse o mata-borrão, ficaria igual. O homem escreveu o nome e parou antes de escrever o endereço, o que significa que não estava familiarizado com ele. É uma insignificância, claro, mas não há nada tão importante como os pequenos pormenores. Examinemos agora a carta. Continha mais alguma coisa dentro?

— Sim. Um anel. O seu anel de sinete.

— E a senhora tem certeza de que esta letra é de seu marido?

— Tenho. É a sua caligrafia, quando escreve às pressas. É muito diferente da letra habitual, todavia. Conheço-a bem.

“Minha querida, não tenha medo, Tudo correrá bem. Houve um grande engano que levará algum tempo a ser retificado. Espere com paciência.

Neville”

Estava escrita numa folha branca, arrancada de um livro.

— Hum! Foi colocada hoje no correio por um homem com o polegar sujo. Se não me engano, quem colou a dobra foi um homem que masca tabaco. E a senhora não tem dúvidas de que a letra seja de seu marido?

— Nenhuma. Foi ele quem escreveu essas palavras.

— E foi posta hoje em Gravesend. Bem, Sra. St. Clair, as nuvens estão menos escuras, embora não creia que o perigo já tenha passado.

- Mas Neville deve estar vivo, Sr. Holmes.
- A não ser que seja um subterfúgio para perdemos a pista. O anel, afinal de contas, nada significa. Pode ter sido roubado.
- Não! A letra é mesmo dele.
- Muito bem; a carta deve ter sido escrita no domingo, mas foi enviada hoje.
- Isso é possível?
- Se for, muito poderá ter acontecido desde então.
- Não deve desencorajar-me, Sr. Holmes. Estou certa de que tudo corre bem, pois, entre nós, existe tal afinidade, que eu logo saberia se algo de mau lhe acontecesse. No mesmo dia em que o vi pela última vez, ele cortou-se no quarto e eu logo saí da sala com a intuição de que havia acontecido qualquer coisa. O senhor acha que, se me preocupei com uma coisa tão fútil, não era possível que pressentisse a sua morte?
- Tenho experiência suficiente para não desprezar as intuições femininas: são por vezes mais valiosas do que as conclusões de um investigador analítico. Com essa carta a senhora tem fortes razões que corroboram o seu ponto de vista. Mas, se o seu marido está vivo e pôde escrever-lhe, por que permanece ausente?
- Não posso imaginar o motivo.
- Na segunda-feira. não disse nada, antes de sair?
- Não, nada.
- E a senhora ficou surpresa ao vê-lo em Swandan Lane?
- Muitíssimo.
- A janela estava aberta?
- Sim.
- Um apelo de socorro? Foi nisso que pensou?
- Sim. Neville chamou-me com as mãos.
- Mas poderia ter sido surpresa por vê-la ali.
- É possível.
- E pareceu-lhe que alguém o tivesse puxado para trás?
- Desapareceu tão repentinamente!...
- Podia ter saltado para trás. Não viu mais ninguém?
- Não, mas aquele homem horrível confessou que se encontrava lá e Lascar estava ao pé da escada.

— Muito bem. Pelo que pôde ver do seu marido, ele estava com a roupa habitual?

— Menos a gravata e o colarinho. Vi distintamente o pescoço.

— Ele jamais lhe falou em Swandam Lane?

— Nunca.

— Muito obrigado, Sra. St. Clair. São estes os pontos principais que eu desejava esclarecer. Algumas vezes o sr. St. Clair deu sinais de ter tomado ópio?

— Nunca.

— Bem. Vamos comer qualquer coisa e, depois, para a cama; é provável que amanhã tenhamos um dia muito ocupado.

Um quarto com duas camas estava à nossa disposição; meti-me logo entre os lençóis, pois sentia-me fatigado após essa noite excitante.

Contudo, Sherlock Holmes era homem que, enquanto tinha um problema para resolver, passava dias, até semanas, sem descansar, reajustando os fatos e estudando o caso sob todos os pontos de vista, até convencer-se de que os dados que possuía eram suficientes.

Pareceu-me que ia ficar ali sentado a noite toda: tirou o casaco, o colete, vestiu um roupão e andou pelo quarto, tirando os travesseiros da cama e as almofadas do sofá e das cadeiras. Com estas, fez uma espécie de divã oriental sobre o qual se sentou, cruzando as pernas, com uma onça de tabaco e uma caixa de fósforos ao lado.

Vi-o sentado na penumbra com o cachimbo na boca, olhando para o teto e soltando círculos de fumaça azul. Caí no sono e acordei com o sol de Verão iluminando o apartamento. Estava tudo como quando adormeci, menos o tabaco, que ele tinha gasto completamente.

— Está acordado, Watson? — perguntou.

— Estou.

— Com ânimo para um passeio matinal?

— Certamente.

— Então, vista-se. Ainda não há movimento, mas sei onde dorme o cocheiro; num instante estaremos prontos.

Riu para si próprio enquanto falava e parecia outro, sem vestígios da preocupação da noite anterior. Não era para admirar que ainda ninguém

estivesse de pé, pois eram apenas 6:25 horas. Mal havia acabado de me vestir quando Holmes voltou, dizendo que o rapaz estava atrelando o cavalo.

— Quero verificar uma teoria — explicou, calçando as botas. — Creio, Watson, que você hoje se encontra na presença de um dos maiores idiotas da Europa. Mereço ser obrigado a voltar para Charing Cross a pontapés. Mas suponho que tenho agora a chave do problema.

— E onde está ela? — perguntei, rindo.

— No quarto de banho — respondeu. — Não estou brincando — afirmou, vendo o meu olhar de incredulidade. — Fui lá agora, apanhei-a e coloquei-a na minha mala. Vamos, rapaz. Vamos ver se serve para abrir a fechadura.

Descemos depressa e saímos. Entramos no nosso carro e logo iniciamos a viagem para Londres. Algumas carroças transportando legumes para a cidade já se movimentavam, mas as casas estavam fechadas e silenciosas, como se fossem de sonho.

— Sob alguns aspectos tem sido um caso singular — comentou, enquanto fugitava o cavalo com o chicote até fazê-lo galopar. — Confesso que tenho estado tão cego como uma toupeira, mas é melhor aprender tarde e ser sábio, do que nunca o conseguir.

Na cidade algumas pessoas sonolentas já olhavam pelas janelas, do lado de *Surrey*. Passando pela rua da *Ponte de Waterloo*, atravessamos o rio e, subindo a *Wellington Street*, fizemos uma curva e chegamos à *Bow Street*.

Sherlock Holmes era muito conhecido da força policial, e os dois guardas que estavam à porta saudaram-no. Um deles segurou o cavalo, enquanto o outro nos levou para dentro.

— Quem está de serviço? — perguntou Holmes.

— O inspetor Bradstreet, senhor.

— Olá, Bradstreet, como está?

Um oficial alto e forte aproximava-se pelo corredor.

— Quero falar-lhe, Bradstreet.

— Certamente, Sr. Holmes. Venha até aqui para o meu gabinete.

Era uma sala pequena, com um enorme arquivo e um telefone na parede.

O inspetor sentou-se à escrivaninha.

— Em que posso ser útil, Sr. Holmes?

— Vim conversar a respeito daquele mendigo, o Boone, que foi acusado de estar implicado no desaparecimento do Sr. Neville St. Clair, de Lee.

— Sim, está detido até serem feitas mais pesquisas.

— Está aqui?

— Na cela.

— Está calmo?

— Sim. Não dá trabalho, mas é porco! Não quer lavar as mãos e o rosto. Está tão sujo como um caldeirão de rancho. Mas quando o caso for resolvido, tomará um bom banho de prisão. O senhor concordaria comigo se o visse.

— Gostaria muito de poder vê-lo.

— É fácil. Venha por aqui. Deixe aí a sua pasta.

— Não. Prefiro levá-la.

— Muito bem. Venha então por aqui.

Levou-nos por um corredor, abriu uma porta que estava trancada, desceu uma escada em espiral e entramos noutra corredor, bem caiado, com uma fila de portas de cada lado.

— Aqui está.

Puxou para trás um painel, na parte superior da porta, e olhou para dentro.

— Boone está dormindo, mas pode vê-lo bem. Olhamos pela grade. O homem estava com o rosto virado para o nosso lado, dormindo e respirando pesadamente. Era de estatura mediana, estava malvestido e extremamente sujo. A cicatriz de uma velha ferida vinha do olho até o queixo, suspendendo assim a lábio superior num canto por onde apareciam três dentes, como se quisesse rosnar constantemente. Um monte de cabelo avermelhado cobria-lhe quase toda a testa.

— É bonito, não é? — perguntou o inspetor.

— Certamente, precisa lavar-se — concordou Holmes. — Tive uma idéia do que precisávamos e tomei liberdade de trazer os aparelhos necessários para isso.

— Abriu a mala e, para grande surpresa minha, tirou uma enorme esponja.

— Ah! O senhor é formidável! — riu o inspetor.

— Agora, se tiver a bondade de abrir essa porta, depressa o tornaremos apresentável.

Entramos devagar na cela. O homem virou-se e caiu novamente em sono profundo.

Holmes molhou bem a esponja no jarro de água e depois esfregou com força o rosto do prisioneiro.

— Deixem-me apresentar-lhes o Sr. Neville St. Clair de Lee, do Condado de Kent.

O rosto do homem desencardiu-se sob a esponja, como se descortixa uma árvore. Foi-se a tinta, a cicatriz e o lábio torto que lhe davam um ar tão repulsivo. Um puxão arrancou o cabelo vermelho e, sentado na cama apareceu um homem pálido, mas de fisionomia delicada e triste, de cabelos pretos e pele limpa, esfregando os olhos e olhando ao redor, desnorteado. Então, subitamente, compreendendo o escândalo, gritou e atirou-se para cima do leito, com o rosto contra o travesseiro.

— Céus! — gritou o inspetor. — É o indivíduo que está sendo procurado! Conheço-o pelo retrato.

O prisioneiro virou-se, como quem se abandona ao seu destino.

— Paciência! — proferiu. — De que sou acusado?

— Do desaparecimento do Sr. Neville St. Clair. Bem, você não pode ser acusado disso, a não ser que digam que se tratou de uma tentativa de suicídio, — reconheceu o inspetor com um sorriso. Há 27 anos que estou na força policial e nunca vi caso semelhante. É o cúmulo!

— Se sou Neville St. Clair e sendo óbvio que não se cometeu crime algum, estou detido ilegalmente.

— Nenhum crime, mas uma grave falta. — censurou Holmes. — Teria feito melhor se confiasse na sua esposa.

— Não era só pela minha mulher, mas também pelos meus filhos — justificou o preso. — Não queria que eles ficassem envergonhados do pai. Que vergonha! Que posso fazer?

Sherlock Holmes sentou-se a seu lado na cama e bateu-lhe levemente nos ombros.

— Se deixar que o tribunal de Lee esclareça o caso, não pode evitar a publicidade. Por outro lado, se puder convencer as autoridades policiais de que não há crime contra si, não vejo de que maneira os jornais lhe dêem publicidade. O inspetor Bradstreet tomará nota das suas declarações e as apresentará às autoridades competentes. E o caso não irá a nenhum tribunal.

— Deus o abençoe — exclamou o homem. — Eu agüentaria a prisão e até a execução para não deixar o meu segredo cair como uma mancha sobre

os meus filhos. O senhor é o primeiro que ouve a minha história! Meu pai era professor em Chesterfield, onde recebi boa educação. Viajei durante a mocidade e trabalhei no palco. Finalmente, tornei-me repórter de um jornal vespertino de Londres.

Um dia o meu editor pediu uma série de artigos sobre a mendicidade na metrópole e eu ofereci-me para a tarefa. E só tornando-me mendigo amador poderia obter os fatos em que basear os meus artigos. Quando era ator, aprendera os segredos da caracterização e fiquei famoso devido à minha habilidade. Procurei tirar vantagem disso, pintei o rosto e, para ficar tão deplorável quanto possível, arranjei uma boa cicatriz e torci um dos lábios com o auxílio de uma tira de adesivo. Depois pus o cabelo postiço e vesti-me de acordo com esse papel.

Fui colocar-me num dos lugares de maior movimento do centro da cidade, como vendedor de fósforos mas, realmente, era um mendigo. Durante sete horas fiquei no meu lugar e, quando voltei para casa, à tardinha, descobri que já tinha recebido nada menos que 26 *xelins* e 4 *pence* de esmolas. Escrevi os meus artigos e não pensei mais no ocorrido, até que, dias depois, avalizei uma nota promissória para um amigo, que foi protestada, e tive de pagar 25 libras. Não sabia como obter o dinheiro, quando me lembrei de pedir quinze dias de prorrogação aos credores e uma licença aos patrões. Então, passei o tempo a mendigar na cidade, com o meu disfarce. Em dez dias obtive o dinheiro e paguei a dívida.

A partir daí, tornou-se difícil para mim voltar para a rotina quotidiana do trabalho, ganhando apenas 2 libras por semana, quando sabia que poderia ganhar tanto num só dia com o meu disfarce. Custou-me abater o orgulho, mas o dinheiro venceu e abandonei a reportagem. Sentava-me, dia após dia, no canto que escolhera, com o meu aspecto medonho, causando dó, e enchia os bolsos de níqueis. Só um homem sabia do meu segredo. Era o dono do antro de ópio onde eu me alojava, no *Swandam Lane*, e de onde saía todas as manhãs, corro mendigo sujo, transformando-me, à tarde, num homem de bem. Pagava-lhe regamente como inquilino. Portanto, sabia que o meu segredo estava seguro com Lascar.

Descobri logo que estava ganhando bastante dinheiro. Isto não quer dizer que um mendigo de Londres possa ganhar 700 libras por ano, mas tive vantagens excepcionais devido à minha caracterização e também à facilidade em dar respostas prontas. “Tornei-me conhecido na região.

Continuava a ganhar uma correnteza de moedas e, às vezes, até uma moeda de prata. Era um “mau dia” quando não recebia 2 libras.

Enquanto enriquecia, a ambição aumentava. Consegui uma casa no campo e, depois, casei-me, sem ninguém suspeitar da minha verdadeira ocupação. Minha mulher sabia que eu trabalhava, mas não em que serviço.

Segunda-feira passada, havia terminado a dia e estava me vestindo no meu alojamento em cima do antro de ópio, quando olhei pela janela e vi, com horror, que minha mulher estava ali na rua, olhando fixamente para mim. Dei um grito de surpresa, ergui os braços para tapar o rosto e roguei a Lascar que não permitisse que alguém subisse. Ouvi a voz dela lá em baixo, mas sabia que não podia subir. Novamente tirei a roupa, vesti as do mendigo, coloquei a cabeleira e pinte-me. Nem minha mulher poderia descobrir aquele disfarce.

Lembrei-me de que talvez quisessem examinar o quarto e que a roupa me trairia. Abri a janela e, com a violência, reabri um corte que havia feito pela manhã, no quarto. Peguei depressa o casaco (pesado devido às moedas que retirara do meu saco de couro onde levava os ganhos) e lancei-o pela janela no Tâmis. Desapareceu logo. O resto da roupa teria seguido com ele mas, naquele momento, ouvi os policiais correndo pela escada e poucos minutos depois descobri, para meu alívio, que, em vez de ser identificado como Neville St. Clair, fui preso como se fosse o assassino.

Não sei se há mais alguma coisa para explicar. Resolvi ficar com o meu disfarce todo o tempo que fosse possível. Por isso, preferi continuar sujo. Sabendo que minha mulher ficaria aflita, tirei o anel e confiei-o a Lascar, num momento em que nenhum dos guardas estava olhando, juntamente com um rascunho, dizendo-lhe que não se preocupasse demasiado.

— Esse bilhete só ontem chegou às mãos dela — informou Holmes.

— Que semana horrível ela deve ter passado!

— A Polícia tem vigiado esse Lascar — interveio o inspetor Bradstreet.

— Deve ter sido difícil para ele enviar a carta sem ser visto. Talvez a tenha entregue a qualquer freguês que a esqueceu durante alguns dias.

— Deve ter sido isso — concordou Holmes. — Diga-me, Sr. St. Clair, nunca foi multado por mendigar?

— Muitas vezes, mas o que representava uma multa para mim?

— Contudo, terá de pagar agora — avisou Bradstreet. — Se quer que a Polícia não dê publicidade a este caso, Hugh Boone tem de acabar.

— Já o jurei solenemente.

— Dessa forma, é provável que o caso não vá adiante. Contudo, se for encontrado, outra vez, a mendigar... Se quer que a Polícia não dê publicidade a este não poderemos pagar os seus esforços no esclarecimento de todo o problema. Gostaria de saber como chegou às suas conclusões.

— Sentado sobre cinco travesseiros e fumando um pacote de tabaco. Calculo, Watson, que, se formos depressa para a Baker Street, encontraremos o almoço à nossa espera.



O TRATADO NAVAL

O mês de Julho, logo em seguida ao meu casamento, tornou-se memorável por três casos de interesse nos quais colaborei com Sherlock Holmes. Encontrei-os registrados nas minhas notas, com os títulos: “A Segunda Nódoa”, “O Tratado Naval” e “A Aventura do Capitão Cansado”¹.

A primeira dessas histórias trata de interesses tão importantes e nela estão implicados tantos elementos das principais famílias do Reino, que a sua publicação será inviável por muitos anos. Contudo, nenhum outro caso investigado por Sherlock Holmes ilustrou, tão eloqüentemente, o valor dos seus métodos analíticos, ou impressionou tão profundamente aqueles que com ele se associaram.

Conservo ainda, quase textualmente, uma reportagem da entrevista em que Holmes esclareceu os fatos do caso ao diretor Dubuque, da Polícia de Paris, e a Fritz von Waldbaum, famoso especialista de Dantzig, que tinham esgotado as suas energias para apenas obterem um resultado parcial. Quando se tornar possível contar a história, em segurança, certamente já terá chegado o novo século. Portanto, passo a narrar a segunda história da minha lista, que também se revelou de extrema importância e assinalada por incidentes que lhe atribuem um caráter ímpar.

Durante os meus tempos de escola, tive como amigo íntimo um rapaz chamado Percy Phelps, quase da minha idade, embora estivesse dois anos adiantado em relação a mim. Era um moço vitorioso e ganhou todos os prêmios que a escola tinha para oferecer, coroando os seus méritos com

(¹) O presente conto, “O Tratado Naval”, foi escrito por Conan Doyle em 1893 e, como se lê, a sua ação passa-se no mês de Julho, logo a seguir ao casamento de Watson, ou seja, em 1889.

Os casos a que Doyle se refere como *A Segunda Nódoa* (*The Second Stain*) e *A Aventura do Capitão Cansado*, que se presume seja a do Capitão Croker, personagem do conto *The Abey Grange*, só foram escritos muito mais tarde. Este, que figurará na coleção com o título de “O Crime da Abadia”, foi escrito em Setembro de 1904 e passa-se no Inverno de 1897; o outro, que será publicado com o título “As Nódoas de Sangue”, foi escrito no mês seguinte (Outubro de 1904) e passa-se no Outono de 1898, nele se fazendo referência “ao conto anterior.

Portanto, nem um nem outro podiam ter-se passado no mês de Julho, logo a seguir “ao meu casamento”, como cita o narrador Watson. Este lapso deve-se a terem instado com Doyle no sentido de não deixar de escrever os dois contos a que se referira em *O Tratado Naval*. (N. do T.)

uma bolsa de estudo que lhe permitiu continuar, em Cambridge, a sua série de triunfos. Pertencia à sua esplêndida família e, embora fôssemos pequenos, todos os colegas sabiam que o tio, irmão de sua mãe, era *Lord Holdhurst*, o famoso político conservador.

Contudo, este brilhante parentesco não lhe deu grandes vantagens na escola, pois até nos divertíamos no campo de jogos, a bater-lhe nas canelas com o taco de *cricket*. Porém, quando Phelps saiu para o mundo, tudo se tornou diferente. Constou, vagamente, que não só as suas aptidões, mas também a influência familiar lhe tinham permitido obter uma boa colocação no ministério dos Negócios Estrangeiros. A partir de então, perdi-lhe o rasto, até que recebi a seguinte carta, que me relembrou a sua existência:

“Briarbrae — Woking.

Meu Caro Watson,

Espero que ainda se lembre do “Sapozinho” Phelps, que freqüentava o quinto ano, quando você estava no terceiro. E talvez tenha ouvido dizer que, por influência do meu tio, consegui uma ótima colocação nos Negócios Estrangeiros. A verdade é que estava num excelente lugar de confiança, quando uma horrível desgraça me destruiu a carreira.

Não vale a pena descrever os pormenores deste desastre. Contudo, se atender ao meu pedido, terá, provavelmente, de ouvir-me relatá-los.

Acabo de restabelecer-me de uma febre cerebral e sinto-me ainda demasiado fraco. Acha que seria possível convencer o seu amigo Sr. Holmes a visitar-me?

Gostaria de ouvir a opinião dele acerca do meu caso, embora as Autoridades me assegurem que já nada é possível fazer. Mesmo assim, tente trazê-lo consigo, tão depressa que possa. Para quem vive nesta terrível incerteza, cada minuto parece uma hora.

Asseguro-lhe que, se mais cedo não procurei o Sr. Holmes, não foi por duvidar do seu talento, mas porque tenho estado fora de mim, desde que o escândalo eclodiu. Agora, conquanto não me atreva a pensar muito no assunto, com receio de uma recaída, já me sinto mais consciente.

Reconheço que ainda estou muito fraco, ao ponto de ser obrigado, como vê, a ditar esta carta. Faça o possível por trazê-lo até aqui.

Seu antigo colega,
Percy Phelps.”

Havia nessa carta algo que me impressionou vivamente. Deixou-me tão emocionado que decidi fazer todos os esforços para persuadir Holmes a visitar o meu antigo colega.

É certo que Holmes ama tanto a sua arte que está sempre disposto a auxiliar um cliente angustiado. Minha mulher concordou que este era um dos casos que eu não devia hesitar em apresentar ao meu amigo. Portanto, uma hora depois do café, já me encontrava de novo na velha casa da *Baker Street*.

Holmes ainda se achava de roupão, sentado a uma mesa, atentamente empenhado numa experiência química. Sobre a chama azulada de um bico de Bunsen, fervia uma enorme retorta. Gotas destiladas iam-se condensando numa medida de vidro de dois litros.

Quando entrei, o meu amigo quase não se dignou olhar para mim e, apercebendo-me de que a investigação a que ele procedia devia ser deveras importante, sentei-me numa poltrona e esperei pacientemente.

Holmes ora pegava numa garrafa, ora noutra, extraindo delas algumas gotas, com a sua proveta de vidro. Finalmente, ergueu um tubo de ensaio que continha uma solução qualquer. Na outra mão, segurava uma tira de papel de *tourne-sol*.

— Você, Watson, chegou no momento crítico — proferiu. — Se este papel continuar azul, provando uma reação alcalina, tudo está bem; mas, se ficar vermelha, significa a vida de um homem.

Mergulhou-o na proveta e logo ele se tornou purpúreo, de um vermelho pesado, que indicava uma reação ácida.

— Já calculava! — exclamou. — Dentro de instantes, Watson, estarei ao seu dispor.

Sentou-se à escrivaninha e rabiscou alguns telegramas que entregou ao criado. Então, mudou-se para a poltrona, em frente à minha, e ergueu os joelhos, unidos, até abraçar as canelas, com os dedos das mãos entrelaçados.

— Um assassinozinho bem vulgar — comentou. — Parece que você, Watson, descobriu alguma coisa melhor. De que se trata?

Entreguei-lhe, a carta, que leu atentamente. Ao devolvê-la, observou:

— Não nos diz muita coisa.

— Quase nada.

— Mas a caligrafia é interessante.

— Não é dele.

— Evidentemente, pois é de mulher.

— Que idéia a sua, Holmes! — estranhei. — Tem de ser de homem.

— Está enganado. É de mulher e com raro caráter. No início de uma investigação é sempre vantajoso saber-se que o cliente está intimamente relacionado, para o bem, ou para o mal, com alguém de natureza excepcional. Esse pormenor já contribuiu para despertar o meu interesse. Se quiser, amigo, partiremos imediatamente para Woking. Estou com vontade de conhecer esse diplomata, metido em confusão, e essa senhora a quem dita as suas cartas.

Tivemos a sorte de logo encontrar um trem na *Waterloo* e, em menos de uma hora, já rodávamos entre os pinhais e as charnecas de Woking.

Briarbrae era um vasto solar, isolado, no centro de extensas propriedades, a poucos minutos da estação. Depois de entregarmos os nossos cartões de visita fomos introduzidos numa sala-de-estar, espaçosa e elegantemente mobiliada.

Recebeu-nos, ali, um homem robusto, de aparência cordial e atitude hospitaleira. Devia ter cerca de quarenta anos, mas conservava umas bochechas tão coradas e uns olhos tão vivos que faziam-no parecer um grande menino gorducho e travesso.

— A vossa presença nesta casa dá-me muita alegria — afirmou, apertando-nos as mãos. — Desde a manhã que Percy não tem feito outra coisa, senão perguntar pelos senhores. Pobre rapaz! Tenta agarrar-se a qualquer bóia de salvação. Os pais dele pediram-me para que eu os recebesse, pois a simples menção do assunto torna-se penosa para Percy.

— Ainda não sabemos do que se trata — advertiu Holmes. — Vejo que o senhor não pertence à família...

O homem pareceu surpreso mas, tendo olhado para baixo, sorriu com ar entendido:

— Por momentos, pensei que se tratasse de um dos seus truques, Sr. Holmes! Naturalmente o senhor viu o monograma, “J. H.”, que trago nesta medalha. O meu nome é Joseph Harrison e, visto que Percy vai casar com minha irmã, virei a tornar-me seu parente. Vão encontrar Annie no quarto dele, pois tem-no tratado sempre, até agora. Não nos demoremos então, Percy está impaciente.

O quarto ficava no mesmo piso e estava mobiliado como saleta e quarto de dormir. Viam-se, nos cantos, flores arrançadas com capricho.

Um jovem, muito pálido e abatido, estava estirado num canapé perto de uma janela aberta, por onde penetrava a fragrância do jardim e do ar balsâmico do Verão. Ao entrarmos, a moça que estava junto dele ergueu-se e perguntou-lhe:

— Quer que me retire, Percy?

O jovem a segurou pela mão.

— Fique, Annie!

E virando-se para mim saudou, amigavelmente:

— Como vai, Watson? Custaria reconhecê-lo, com esse bigode! E este cavalheiro é, segundo creio, o seu famoso amigo, Sr. Sherlock Holmes.

Apresentei-os, Harrison saiu, mas Annie ficou à cabeceira do convalescente.

Era uma mulher ainda jovem, bastante atraente, embora um pouco baixa e um tanto quanto rechonchuda (talvez dando esse aspecto por não ser mais alta), com belos olhos do tipo meridional, grandes e negros, enfeitados por longas pestanas arqueadas, e com um maravilhoso cabelo também negro. As saudáveis cores do seu rosto tornavam, por comparação, ainda mais macilentas as da tez do magro noivo.

— Não quero abusar do seu tempo, Sr. Holmes, prefaciou Phelps, erguendo-se do canapé. — Vou entrar no assunto, sem preâmbulos escusados.

Eu era um homem feliz e bem-sucedido na vida, às vésperas de casar-me, quando um inexplicável incidente arruinou todas as minhas perspectivas de futuro.

Como talvez Watson já tenha lhe dito, eu entrara para o Ministério dos Negócios Estrangeiros e, por influência de meu tio, *Lorde* Holdhurst, ascendi rapidamente a um cargo de grande responsabilidade.

Quando o meu tio mudou de ministério e foi empossado Ministro dos Negócios Estrangeiros, encarregou-me de diversas missões de confiança e, como eu tivesse sido sempre bem-sucedido no meu desempenho, acabou por contar inteiramente com a minha aptidão e habilidade diplomática.

Ora, há quase dez semanas... no dia 23 de Maio, para ser mais exato... meu tio chamou-me ao seu gabinete e, depois de felicitar-me por um trabalho que eu concluía, encarregou-me de uma nova missão.

Tirou da gaveta da escrivaninha um rolo de papel cinzento e elucidou:

Está aqui o original do tratado secreto entre a Inglaterra e a Itália. Infelizmente constrange-me verificar que têm circulado na Imprensa certas inconfiáveis a respeito deste documento de importância capital. Torna-se absolutamente imprescindível que nada mais transpire a este respeito.

As embaixadas da Rússia e da França pagariam uma soma astronômica para saberem qual o conteúdo destes papéis. Se não fosse a necessidade de copiá-los, não os deixaria sair desta mesa... A mesa do seu escritório tem gavetas seguras?

— Tem, sim, senhor.

— Pois bem, confio a você este trabalho. Darei ordens para que possa permanecer ali, toda a noite, depois de todos saírem. Dessa maneira, poderá copiar o documento, sem que seja interrompido e sem que possam espiar. Quando tiver terminado, feche o original e a cópia, à chave, e leve-a com você, para que ninguém possa abri-la.

Peguei o rolo de papéis...

— Um momento — cortou Holmes. — Estiveram sempre a sós durante essa conversa?

— Certamente.

— Numa grande sala?

— Pode dizê-lo. Tem nove metros quadrados.

— E achavam-se no centro da sala, ou perto de uma porta?

— Estávamos praticamente no meio da sala, longe da única porta.

— Falavam baixo?

— Meu tio fala sempre baixo e eu limitei-me a dizer “sim, senhor”..

— Obrigado. Queira continuar, por favor.

— Fiz exatamente o que me fora recomendado e esperei que todos os outros funcionários saíssem. Como um deles, Charles Gorot, tinha o expediente atrasado, deixei-o trabalhando e fui jantar. Quando voltei ao escritório, Gorot já tinha saído. Eu estava desejoso de acabar depressa a minha longa cópia, porque Joseph Harrison, que acabaram de ver ainda há pouco, estava em Londres, e eu queria seguir com ele no mesmo trem das onze.

Quando iniciei o trabalho, compreendi logo, pela sua importância, que meu tio não exagerara a necessidade de manter-se um absoluto sigilo. Sem entrar em pormenores, posso dizer que aquele documento definia a posição da Grã-Bretanha em relação à Tríplice Aliança e esclarecia a atitude do nosso País, na eventualidade de a Armada francesa ganhar total ascendência sobre a italiana no teatro de operações do Mediterrâneo.

O teor do tratado era circunscrito à matéria naval e terminava com as assinaturas dos altos dignitários responsáveis.

Tratava-se de um extenso documento, constituído por vinte e seis artigos, bem destacados, redigidos em francês. Esforcei-me por copiá-lo tão rapidamente quanto me era possível, de maneira legível, mas às nove horas ainda não escrevera mais de nove artigos, pelo que reconheci ser impossível apanhar o trem das onze.

Sentia-me sonolento e pouco lúcido, não só por causa da natural reação do jantar, mas também e principalmente porque tivera um longo dia de trabalho.

Achei que uma xícara de café poderia ajudar-me a digestão e desanuviar-me o cérebro. Sabia que um guarda do ministério, que passa a noite num cubículo junto da escada, costumava fazer café para um ou outro funcionário que tivesse ficado fazendo horas extras. Portanto, toquei a campainha para chamá-lo e fiquei muito surpreso quando vi aparecer uma mulher.

Era uma velha muito alta, de fisionomia rústica, envergando um avental. Explicou-me ser a mulher do guarda e estar encarregada da limpeza. Então, pedi-lhe que me arranjasse uma xícara de café.

Ainda escrevi mais dois artigos, mas comecei a sentir-me de tal modo sonolento, que me ergui da cadeira e andei na sala, de um lado para o outro, para desentorpecer as pernas e reagir contra o cansaço cerebral. O café não chegava e, naturalmente, estranhei a demora. Abri a porta e percorri o corredor para investigar o que se passava.

— Qual a topografia dessa ala do ministério, perto do seu escritório? — interessou-se Holmes.

— A única saída do meu gabinete de trabalho dá para esse corredor, que é retilíneo e termina numa escadaria curva. Ao fundo desta, fica o cubículo do guarda. Contudo, a meio da escadaria, há um patamar que leva a uma passagem, em ângulo reto. Essa passagem dá acesso a outra escadaria que conduz à porta lateral do ministério, apenas utilizada pelos contínuos e pessoal menor, e que vai desembocar na *Charles Street*.

Tenho aqui, para o caso de interessar-lhe, um esboço da planta dessa área.

— Interessa, sim, obrigado. Estou compreendendo perfeitamente.

— Considero deveras importante, Sr. Holmes, que dê atenção a este ponto: desci a escadaria, entrei no cubículo do guarda e vi-o dormindo profundamente junto da cafeteira que já fervia sobre a lamparina.

Estendi a mão para acordá-lo, mas não cheguei a tocá-lo porque soou uma forte campainha e o homem despertou, sobressaltado. Ao ver-me, balbuciou:

— Sr. Phelps!

— Vim ver se o meu café estava pronto.

— Desculpe, senhor! Pus a água para ferver, mas adormeci.

Desviou os olhos de mim para a campainha que continuava a retinir e manifestou um espanto crescente.

— Se está aqui comigo, senhor, quem poderá estar tocando a campainha?

— Que campainha?

— A do gabinete onde estava trabalhando, senhor..

Tive a sensação de que uma mão gelada me apertava o coração. Alguém estava na escritório onde eu deixara o meu trabalho, bem em cima da mesa.

Como louco, corri pela escada acima e pelo corredor, não encontrando ninguém. Entrei no escritório e achei-o igualmente vazio. Ninguém, Sr. Holmes! Tudo se achava tal como eu deixara, menos o original do trabalho. A cópia incompleta parecia não ter sido tocada, mas o original... Sr. Holmes!... O original desaparecera!

— Que fez depois disso? — inquiriu Holmes, esfregando as mãos como que já dominando o caso.

— Deduzi imediatamente que o ladrão utilizara a porta de serviço do ministério... a que dá acesso ao patamar da escada, visto que, de outra maneira, eu o teria encontrado no caminho.

— Tem certeza, Sr. Phelps, de que o intruso não poderia ter-se escondido no escritório, nem no corredor?

— Nem um rato conseguiria esconder-se num ou noutro lado. Nada poderia servir-lhe de esconderijo.

— Obrigado. Por favor, queira continuar.

— O guarda, tendo notado, pela minha expressão, que algo de muito grave estava acontecendo, tinha-me seguido pela escada acima. Voltamos para trás, até o patamar e descemos a escada íngreme que dá para a *Charles Street*. Aí, verificamos que a porta estava fechada, mas não trancada por dentro.

Lembro-me perfeitamente de que, nesse momento, o sino de uma igreja vizinha dava três badaladas. Eram dez menos um quarto.

Abrimos a porta e saímos para o passeio. Não vimos viva alma.

— A hora é muito importante — comentou Holmes, anotando-a no punho postiço engomado da camisa... E depois?

— A noite estava muito escura, abafada, e caía uma chuva miudinha. A *Charles Street* estava vazia e só no *Whiterhall* se via o movimento de costume. Fomos ao longo da rua até à esquina, onde encontramos um policial. Expliquei-lhe que acabara de ser roubado um documento importantíssimo no Ministério dos Estrangeiros, e perguntei-lhe se tinha visto passar alguém.

— Estou aqui há um quarto de hora, senhor — respondeu o agente —, e apenas vi uma mulher alta, já de idade, com um xale de Paisley.

— Essa é a minha mulher — exclamou o guarda do ministério.

— Pois não passou mais ninguém.

Puxando-me pelo braço, o guarda sugeriu: “— Deve ter ido por outro lado.

Desconfiei da tentativa que ele fazia para desviar-me dali e perguntei ao policial:

— Para onde se dirigiu a mulher?

— Não sei. Não tinha qualquer motivo especial para reparar nela. Só notei que ia com pressa.

— Há quanto tempo a viu passar?

Há menos de cinco minutos.

O marido da velha insistia:

— Está perdendo tempo, senhor. Agora, cada minuto é de extrema importância. A minha mulher nada tem a ver com isso. Vamos correr até a outra esquina da rua, senhor... Se não quiser vir, vou eu...

Começou a correr, na direção oposta, mas segui-o imediatamente e segurei-o, inquirindo, cheio de suspeitas:

— Onde é que mora?

— Na *Ivy Lane*, nº 16, em Brixton, senhor.. Mas não se deixe levar por uma suposição errada. Se quer descobrir alguma coisa, Sr. Phelps, venha até o fim da rua.

Aceitei sua sugestão, pois já nada tinha a perder, e o policial correu ao nosso lado. Mas, chegados à esquina, apenas deparamos com um trânsito intenso e muita gente nos passeios, procurando fugir à chuva. Ninguém parecia ter estado ali estacionado tempo suficiente para informar-nos sobre quem teria vindo da *Charles Street*.

Voltamos ao escritório e revistamos todos os acessos, sem o mínimo resultado. Como o corredor está atapetado com oleado, que mantém facilmente sinais de pegadas, examinamos atentamente, mas não encontramos qualquer traço que revelasse a passagem de um intruso...

— Chovia o tempo todo?? — inquiriu Holmes.

— Desde as sete da noite.

— Nesse caso, como se explica que a mulher, ao entrar às nove horas, não tivesse deixado pegadas enlameadas?

— Também me ocorreu isso, nessa altura, mas fui informado de que as mulheres da limpeza passam sempre pelo cubículo do guarda, para descalçarem os sapatos e enfiarem chinelos.

— Portanto, apesar da chuva, não havia sinais de pegadas, no oleado. Que fez em seguida, Sr. Phelps?

— Fomos examinar o escritório, mas aí as janelas estão a 10 metros de altura em relação ao passeio, e a utilização de qualquer alçapão que, como se verificou mais tarde, também não existia. O teto de estuque branco também não tinha qualquer abertura. Quem roubou os documentos teria forçosamente de entrar pela única porta do escritório.

— E a lareira?

— Não é uma lareira propriamente dita. No seu lugar está um fogão de ferro de aquecimento a carvão... briquetes.

— E a campainha que ouviram tocar?

— A corda da campainha está fixa a um elo metálico, à direita da minha mesa.. Para tocá-la é necessário estar junto desta... Por que diabo o ladrão se lembrou de tocar a campainha?

— Parece uma atitude pouco vulgar... E que fez, a seguir? Revistou bem todo o escritório? Não viu vestígios materiais, deixados por precipitação?... Uma luva, um alfinete, uma ponta de cigarro?

— Nada.

— Nem um cheiro qualquer?

— Não pensei nisso.

— Se tivesse notado um cheiro de fumo...

— Não devia cheirar a coisa alguma. Como nunca fumei, noto logo o cheiro do tabaco dos outros. O único fato tangível incidia sobre a mulher do guarda, de maneira que, tanto eu como a polícia, concordamos que o melhor que tínhamos a fazer era agarrá-la, antes que se desfizesse dos documentos.

Avisamos a Scotland Yard e o detetive Sr. Forbes acorreu imediatamente para encarregar-se da investigação. Então, alugamos um coche e, meia hora depois, estávamos na casa do guarda.

Foi a filha mais velha deste que nos abriu a porta. A mãe, Sra. Tangey, ainda não tinha chegado em casa. Portanto, entramos e esperamos por ela.

Dez minutos depois, ouvimos bater à porta e, então, cometemos um erro grave de que me penitencio. Em vez de irmos abrir a porta, permitimos que a rapariga o fizesse e a ouvimos dizer:

— Mãe, dois homens estão à sua espera.

Nesse momento, Forbes e eu corremos à porta, mas a sra.. Tangey já tinha entrado na cozinha e olhava-nos desafiadoramente. Contudo, ao verme, admirou-se.

— Mas... o senhor é o sr. Phelps, do escritório!

— Quem pensou que seríamos — inquiriu o detetive, — quando fugiu de nós, aqui para a cozinha?

— Pensei que fossem os cobradores... Devemos uma conta a uns comerciantes...

— Pois temos motivos para suspeitar de que a senhora se apoderou de um documento muito importante do ministério e que veio para cá, com o intuito de escondê-lo. Portanto, terá de acompanhar-nos à Scotland Yard, para ser interrogada.

A mulher protestou e tentou resistir, indignadamente. Revistamos a cozinha e particularmente o fogão, mas nada encontramos, nem sequer cinzas de papéis.

Chamamos um carro e, quando chegamos a Scotland Yard, a sra. Tangey foi sujeita a uma revista minuciosa, mas a matrona apalpadeira nada lhe encontrou.

Então, pela primeira vez me apercebi, lucidamente, do verdadeiro desastre da minha situação. Estivera tão esperançado em reencontrar os documentos, que nem chegara a avaliar a posição em que me encontrava. Foi uma coisa horrível! Watson pode dizer-lhe, Sr. Holmes, como eu, já na escola, era um rapaz extremamente nervoso e sensível. Pensei no meu tio, nos meus colegas do ministério, e senti-me afundado na maior das vergonhas!

A ninguém importaria o fato de eu ter sido vítima de um roubo. Quando os altos interesses diplomáticos estão em jogo, não há desculpas para acidentes de qualquer natureza. Compreendi estar escandalosa e desgraçadamente arruinado.

Creio que perdi a cabeça, pois lembro-me de ter sido rodeado por vários funcionários que procuravam acalmar-me. Um deles teve a bondade de levar-me de carro até a estação de Waterloo, e colocar-me no trem para Woking.

Julgo que teria me acompanhado até aqui, se o dr. Ferrier, nosso vizinho, não viesse no mesmo trem.. E ainda bem que tal sucedeu, pois ainda na estação tive uma vertigem e quando cheguei em casa estava como louco.

Imagine agora, Sr. Holmes, o que todos sofreram nesta casa quando me viram naquele estado! Minha mãe e aqui a minha boa Annie ficaram terrivelmente angustiadas. O dr. Ferrier, que tivera oportunidade de falar com o detetive Forbes, na estação, pode explicar-lhes o que me sucedera no ministério.

Este quarto era o de Joseph, que logo me cedeu, pois caí de cama, inconsciente, e assim permaneci mais de nove semanas. Annie tem sido a minha enfermeira. Se não fosse ela e os cuidados do médico, não estaria agora falando com vocês.

Logo que recuperei a razão, telefonei ao Sr. Forbes, que fora encarregado do caso. Veio visitar-me e confessou-me que, embora tudo tivesse sido feito, não se encontrara o menor indício. Os interrogatórios do guarda e da mulher tinham sido absolutamente infrutíferos... e as suspeitas tinham recaído sobre o meu colega Gorot.

O fato de ele ter ficado trabalhando até mais tarde, naquela mesma noite, e também o seu apelido francês, contribuíram para essas suspeitas. Mas a verdade é que eu só começara a trabalhar depois de ele já ter saído. A família Gorot é de origem francesa, huguenote e, tanto por simpatia, como por tradição de três séculos, é tão inglesa como o senhor e eu.

Nada se descobriu que pudesse implicá-lo, de maneira que o caso foi arquivado, até “melhor prova”. Resta-me apelar para o senhor, Sr. Holmes. Se o senhor não conseguir resolver este problema diabólico, tanto a minha honra, como o meu futuro ficarão para sempre destruídos.

Esgotado pela longa narrativa, o doente caiu sobre as almofadas e o Sr. Harrison apressou-se em ministrar-lhe um estimulante.

Holmes, em silêncio, recostou-se na cadeira de braços e fechou os olhos, em profunda meditação. Por fim, proferiu em voz baixa:

— O seu relato foi tão explícito que poucas perguntas terei a fazer-lhe. Há uma, porém, que considero essencial: falou a alguém acerca de lhe terem confiado esse trabalho?

— A ninguém.

— Nem a Srta. Harrison, por exemplo?

— Não a vi, desde o momento em que meu tio me confiou até aquele em que iniciiei a cópia. As únicas pessoas que vi foram Gorot, a Sra. Tangey e o marido que dormitava no seu cubículo de vigilante noturno.

— Os seus familiares e alguns dos seus amigos conhecem os acessos ao escritório?

— Sim... além dos meus colegas.

— Sabe alguma coisa acerca do guarda Tangey?

— Só sei que foi militar.

— De que regimento?

— Ouvi dizer que serviu nos Coldstream Guards.

— Obrigado. Vou tentar saber mais pormenores através de Forbes. A Scotland Yard tem um pessoal exímio no levantamento de fatos... embora nem sempre os utilizem com eficiência.

Olhou para o exterior e exclamou:

— A rosa é uma flor admirável!

Dirigiu-se à janela e colheu uma rosa, demorando-se a admirar-lhe o vermelho das pétalas e o verde-escuro do cálice. Para mim, era uma nova faceta espiritual do meu amigo, tanto mais que nunca o vira interessar-se pelos fenômenos da natureza.

— Até a ciência da dedução pode relacionar-se com a religião — observou, apoiando-se ao peitoril. — Pelo raciocínio pode ser interpretada como ciência exata. A bondade está relacionada com a beleza. A rosa é um produto magnífico da Providência; o seu perfume e cor são um encanto, contudo tem espinhos... Parece-me que temos muito que deduzir das flores!

Percy Phelps e o Sr. Harrison entreolharam-se surpresos, manifestando um ligeiro desapontamento. Holmes, com a rosa entre os dedos, parecia no seu devaneio ter-se esquecido completamente do caso que o trouxera até ali.

Annie Harrison decidiu interromper-lhe a meditação.

— Vê alguma probabilidade de resolver este mistério, Sr. Holmes?

— Ah, sim! O mistério... É um caso realmente complexo, mas prometo estudá-lo e não deixarei de comunicar-lhes a minha conclusão.

— Vê alguns indícios?...

— Alguns. Só por si, Srta. Harrison, forneceu-me sete... mas tenho que analisá-los bem, antes de poder pronunciar-me acerca do seu valor para a solução do caso.

— Suspeita de alguém?

— De mim próprio.

— Que diz?

— Que receio chegar a conclusões precipitadas.

Annie Harrison replicou, irritada:

— Nesse caso, é melhor voltar para Londres para chegar a conclusões concretas.

— É um excelente conselho, Srta. Harrison — concordou Holmes, endireitando-se e deixando a janela. — Realmente, Watson, é o melhor que temos a fazer.

No entanto, Sr. Phelps, não se anime com falsas esperanças. É um assunto deveras complicado.

— Ficarei ansioso à sua espera — afirmou o diplomata.

— Tenciono voltar aqui amanhã, no trem da mesma hora, conquanto seja provável que os resultados se apresentem negativos.

— Basta-me saber que vai tentar fazer alguma coisa, para eu sentir um maior alento... Ah! A propósito... Recebi uma carta de meu tio, *Lord Holdhurst*.

— Sim? Que lhe diz?

— Mostra-se bastante frio comigo, mas não demasiado severo. O meu estado de saúde deve impedi-lo de ser agressivo... Nas entrelinhas, compreendi que deve antever a minha demissão, logo que eu me restabeleça.

— É uma atitude razoável... Vamos, Watson. Ainda temos muito que fazer esta tarde.

O Sr. Joseph Harrison levou-nos de carro à estação.

Durante a viagem de volta, no trem de Portsmouth, Holmes manteve-se meditativo e só abriu a boca depois do entroncamento de Clapham.

— É agradável entrar em Londres por estas linhas sobre viadutos. Abrange-se uma maior extensão de paisagem e podemos ver casas como esta.

— É um internato escolar...

— Sim, um farol do futuro; cápsulas contendo centenas de sementes cerebrais que hão de tornar melhor a Inglaterra futura. Acha que Phelps bebe?

— Não me parece.

— Também não me deu essa idéia, mas temos de encarar todas as possibilidades. Afundou-se em águas deveras perigosas e não sei se conseguiremos arrastá-lo para a margem. Que acha da Srta. Harrison?

— Pareceu-me uma jovem cheia de temperamento.

— Certo. Ela e o irmão são filhos de um industrial de siderurgia, com uma fábrica de aço, perto da estrada de Northumberland. Se não me engano, Phelps ficou noivo dela quando esteve lá no inverno passado. Ela veio para Woking, a fim de ser apresentada à família, e o irmão acompanhou-a. Instalaram-se na casa dos Phelps... Sobreveio a desgraça do seu antigo colega e ela ficou lá, para cuidar do noivo... Naturalmente, o irmão também ali ficou... Temos de fazer mais investigações, Watson...

— A minha clínica...

— Se ela lhe apresenta casos mais interessantes do que os meus... — criticou Holmes, asperamente.

— Pelo contrário. Ia dizer que a minha clínica pode bem esperar por mim, um ou dois dias. Estamos atravessando a pior época do ano.

— Excelente. Podemos estudar juntos o problema. Devemos começar por sondar Forbes, pois pode fornecer-nos pormenores importantes para cimentar uma pista...

— Já tem uma pista?

— Várias, mas só podemos provar a sua validade com um novo inquérito. O crime mais difícil de provar é o que não apresenta uma motivação coerente.

— Sim, não se vê motivação imediata... — arrisquei.

— Pelo contrário, Watson. A motivação existe, mas não sabemos quem se aproveita do roubo. Temos de considerar a embaixada francesa, temos a russa e ainda um intermediário interessado em vender os documentos a qualquer delas... E não se esqueça do próprio *Lord Holdhurst*.

— *Lord Holdhurst*! — espantei-me.

— Custa realmente acreditar que um estadista se veja numa situação tão embaraçosa e não pareça lamentar grandemente o desaparecimento dos documentos referentes a esse tratado naval.

— Mas *Lord Holdhurst* tem uma magnífica folha de serviços...

— Tem, mas nunca devemos desprezar uma probabilidade. Convém irmos visitá-lo, hoje mesmo. Gostaria de ouvir o que pensa do caso. Entretanto, já outras investigações minhas estarão em movimento.

— Já?... Desde quando?

— Quando paramos na estação de Woking e você se despedia de Harrison, expedi um telegrama, dirigido a todos os jornais londrinos. Quer ver o texto?

Tirou uma folha do bloco de notas e mostrou-me.

“10 libras de gratificação pelo número do carro que transportou passageiro até perto da porta Ministério Estrangeiro, na Charles Street, às 10 menos um quarto noite 23 Maio. Resposta Baker Street 221 B.”

— Você está convencido de que o ladrão utilizou um carro?

— Se não utilizou, paciência. Se o escritório de Phelps não tem qualquer esconderijo, nem há nenhum nos corredores, é forçoso que o ladrão tenha vindo do exterior. Contudo, cinco minutos depois da sua passagem, já não se viam pegadas no oleado. Isto significa que a umidade das solas se evaporou, o que prova que estavam pouco molhadas e nada enlameadas. Portanto, o ladrão deve ter vindo de carro.

— Sim, é plausível.

— Agora, analise a questão da campanha que considero o pormenor mais estranho do caso. Teria o ladrão feito um gesto de desafio? Ou havia alguém presente que ainda tentou dar o alarme, para impedir o roubo? Ainda se pode admitir o caso de ter puxado o fio, por acidente...

Holmes calou-se, pensativo, e eu, habituado aos seus períodos de meditação, não ousei interrompê-lo.

Chegamos à *Waterloo* às três e vinte. Após um rápido almoço, fomos à *Scotland Yard* onde *Forbes*, que já recebera um telegrama de Holmes, estava à nossa espera.

Era um sujeito baixo, astuto, de expressão severa e modos pouco amáveis.

Foi num tom duro que declarou:

— Tenho ouvido falar dos seus métodos, Sr. Holmes, e sei que se utiliza de todas as informações que a Polícia se esforça para obter, para depois resolver os casos sozinho, lançando o descrédito sobre a nossa Corporação.

— Pelo contrário — retorquiu Holmes. — Em cinquenta e três casos que resolvi, o meu nome só apareceu em quatro, ficando a Polícia com todos os louros nos quarenta e nove restantes. Não o censuro por ignorar este fato, porque sei que ainda é novo como detetive e, portanto, inexperiente, mas aviso-o de que, se quiser progredir nas suas funções, terá de trabalhar comigo e não contra mim.

Mudando de atitude, Forbes cedeu:

— Bem, me agradaria ouvir as suas sugestões, visto que, até agora, não obtive o menor êxito nesse caso.

— Que tem feito?

— Tenho mantido o casal Tangey sob apertada vigilância. O guarda tem uma boa folha de serviços; contudo a mulher parece saber mais do que nos quer dar a entender.

— Tem-na seguido?

— Destacamos uma das nossas agentes para andar nas suas pegadas. A Tangey embriaga-se com grande freqüência, mas apesar de a nossa agente já a ter encontrado bêbada de cair, nada conseguiu arrancar dela.. Fala de dívidas, mas nunca se refere ao roubo.

— Soube que tinham ido cobradores à casa dela.

— Sim, mas a Tangey lhes pagou.

— Como arranjou o dinheiro?

— Não se sabe. Recusa-se a dizer como arranjou maneira de saldar a dívida.

— Que explicação deu a Sra. Tangey para o fato de ter atendido a chamada da campainha, em vez do guarda, quando o Sr. Phelps quis pedir que lhe fizessem café?

— Disse que o marido estava muito cansado e que atendeu a chamada apenas para ajudá-lo.

— Isso concorda com o fato de ele ter sido surpreendido dormindo, pouco mais tarde... Perguntaram à Sra. Tangey por que motivo saiu do ministério, nessa noite, quase correndo? O policial de serviço notou que ela ia cheia de pressa.

— Explicou estar mais atrasada do que de costume e querer chegar em casa, a horas.

— Fez-lhe notar que, embora o senhor e o sr. Phelps tivessem saído do ministério vinte minutos depois de ela sair, chegaram à casa *Ivy Street*, dez minutos antes?

— Justificou-se com a diferença de tempo de percurso entre um ônibus e um carro de praça.

— E a sra. Tangey explicou por que correu para a cozinha, mal entrou em casa?

— Respondeu que era ali que tinha o dinheiro guardado para os cobradores.

— Vê-se que é uma mulher com resposta para tudo. Perguntou-lhe se, no caminho para casa, se encontrou com alguém?.. Ou se viu alguém, na Charles Street, quando saiu do ministério?

— Declarou só ter visto um policial na esquina.

— Não há dúvida, Sr. Forbes, de que o seu inquérito foi completo. Fez mais alguma diligência, além da vigilância ao casal Tangey?

— Investiguei a identidade do funcionário Gorot. Há nove semanas que vem sendo seguido, mas nada conseguimos apurar contra ele.

— Mais alguma coisa?

— Nada. Não se encontram pontas de qualquer meada.

— Pensou numa explicação para o prolongado toque da campainha?

— Não encontrei nenhuma e é desnorteante. Por que alguém teria dado tal alarme?

— Tem razão. É muito estranho. Obrigado pelas informações. Terá notícias minhas, no caso de eu conseguir atirar o ladrão para as suas mãos. Vamos, Watson.

— Para onde agora? — perguntei.

— Vamos falar com *Lord* Holdhurst, provavelmente, futuro Primeiro-Ministro da Inglaterra.

Tivemos a sorte de ainda o encontrarmos nos seus aposentos da *Downing Street*, onde trabalhava como braço direito do Primeiro-Ministro. Mal recebeu o cartão de visita de Holmes, mandou-nos entrar imediatamente. Recebeu-nos com a cortesia que nele já era tradicional e ofereceu-nos dois cadeirões luxuosos, junto da lareira.

A sua figura alta e débil, a expressão concentrada e o cabelo louro, prematuramente embranquecido, também pareciam representar a figura tradicional de um elemento da nobreza que é realmente nobre.

— O seu nome, Sr. Holmes, já é meu conhecido, pois tornou-se famoso. Evidentemente não vou pretender ignorar o objetivo da sua visita, visto que, recentemente, só um caso ocorrido no ministério poderia ter despertado a sua atenção. Posso saber em nome de quem está agindo?

— No do Sr. Phelps.

— O meu infeliz sobrinho! Como deve compreender, o nosso parentesco só serve para dificultar a proteção que eu gostaria de dar-lhe e que ele merece. Na verdade, receio que a sua carreira fique arruinada.

— E se o documento for recuperado?

— Modificaria a situação, muito sensivelmente.

— Desejaria fazer-lhe umas perguntas, *Lord* Holdhurst.

— Terei prazer em prestar-lhe todas as informações possíveis.

— Quando deu, pessoalmente, instruções ao sr. Phelps, podia ter sido ouvido por mais alguém?

— De modo algum.

— Tem certeza absoluta disso, senhor?

— Total.

— Porventura informou alguém de que ia mandar copiar o tratado?

— Nunca referi tal coisa, fosse a quem fosse... embora seja regra fazer-se sempre uma cópia de um documento dessa responsabilidade.

— Mas ninguém soube quando essa cópia seria feita, nem por quem?

— Ninguém poderia sabê-lo.

— Nesse caso, só o senhor e o Sr. Phelps estavam a par do assunto e, se nem um nem outro falaram dele, fosse a quem fosse, a entrada do ladrão no escritório do ministério só pode ter sido acidental.

— Assim parece... o que torna o fato ainda mais estranho.

— Segundo creio, senhor, adviriam conseqüências muito graves, caso alguns artigos do tratado viessem a ser conhecidos no exterior, não é verdade?

A expressão do estadista nublou-se.

— Conseqüências muito graves... sim, Sr. Holmes.

— Já ocorreram?

— Ainda não.

— Quer dizer, senhor, que se o tratado tivesse chegado ao conhecimento do governo francês ou do russo, já os seus serviços estariam informados de qualquer reação?

— Sem dúvida alguma.

— Contudo, já passaram quase dez semanas e os meios oficiais permanecem silenciosos. Parece lícito concluir-se que, por qualquer motivo, o tratado ainda não chegou ao conhecimento de alguma dessas potências, não será assim?

— Assim parece... Mas não podemos supor que o ladrão levou o tratado para emoldurá-lo e dependurá-lo numa parede.

— Pode estar procurando quem lhe ofereça um melhor preço.

— É possível, mas, se esperar muitos meses, o tratado não terá preço algum, pois deixará de ser secreto.

— Eis uma informação valiosa, senhor. Também pode dar-se o caso de o ladrão ter sido vítima de uma doença grave...

— Um ataque de febre cerebral, por exemplo... É isso que quer insinuar? — perguntou o estadista, fitando Holmes perscrutadoramente.

— Não disse isso — corrigiu o meu amigo, sem se perturbar. — Creio, *Lord Holdhurst*, que já lhe tomamos demasiado do seu precioso tempo. Se nos permite, nos retiramos desejando-lhe uma boa tarde.

— Faço votos para que obtenha um completo êxito nas suas investigações, Sr. Holmes, seja quem for o criminoso — proferiu o estadista, quando já na porta fazíamos um gesto de despedida.

Ao sairmos para a *Whiterhall*, o meu amigo comentou:

— Pessoa excelente! Contudo, tem de lutar para manter-se à altura da sua posição. Está longe de ser rico e tem muitas obrigações dispendiosas. Reparou que as botas que usava já tinham as solas remendadas?

Agora, Watson, não quero afastá-lo por mais tempo do seu trabalho na clínica. A não ser que eu receba uma resposta ao anúncio que fiz nos jornais, acerca do carro, nada mais terei a fazer... a não ser pensar. Mas ficarei muito grato, Watson, se amanhã você puder vir comigo a *Woking*, no mesmo trem que tomamos esta manhã.

Na manhã seguinte, nos encontramos como tínhamos combinado, e viajamos juntos para *Woking*. O anúncio não tivera resposta e não se projetara qualquer nova luz sobre o caso. A nossa conversa versou sobre o sistema de medidas antropométricas Bertillon e Holmes manifestou a sua admiração pelo sábio francês.

Fomos encontrar o nosso cliente ainda entregue aos cuidados da sua noiva-enfermeira e pareceu-nos muito melhor que na véspera, chegando a levantar-se do canapé para cumprimentar-nos à entrada.

— Novidades? — perguntou, ansiosamente. Holmes respondeu gravemente:

— Como já receava, o meu relatório ainda é negativo. Falei com Forbes e com o seu tio, *Lord Haldhurst*. Desenvolvi dois tipos de investigação, em sentidos díspares, e espero que algum deles resulte positivo.

— Não desanimou completamente?

— De maneira alguma. A Sta. Harrison interveio, desta vez menos irritante:

— Deus lhe pague! A verdade há de surgir e, até lá, teremos de conservar a coragem e a paciência.

Voltando a sentar-se no canapé, Phelps informou, animadamente:

— Parece termos mais a contar-lhe, Sr. Holmes, do que o senhor nos contou.

— Já esperava isso.

— Ocorreu, aqui, esta noite um incidente que poderia ter tido conseqüências graves.

— Tentativa de assalto?

— Como sabe?... Efetivamente, começo a acreditar que me transformei no alvo inconsciente de uma monstruosa conspiração política. Receio que não só a minha honra esteja em perigo, mas também a minha própria vida. Ora, que eu saiba, não tenho inimigos neste mundo. Contudo, o incidente da noite passada...

Phelps deteve-se, respirando fundo e olhando para Annie Harrison.

— Faça o favor de relatar-me esse incidente — estimulou Holmes.

— Bem... Devo dizer-lhe que, de ontem para hoje, foi a primeira noite que dormi sem a assistência de Annie, nem da enfermeira. Estava tão bem, que decidi dispensá-las desse sacrifício. No entanto, mantive a luz do quarto acesa.

Por volta das duas da manhã, comecei a dormir. Então, subitamente, ouvi um ligeiro ruído, como o de um rato a roer uma tábua. Fiquei à escuta, tentando identificar o ruído, até que este recrudescceu e ouvi um estalido forte, como proveniente de uma peça metálica.

Sentei-me na cama, espantado, pois compreendera que os sons mais fracos se deviam a alguém ter introduzido um instrumento na fenda dos caixilhos, e, o mais forte, à pressão exercida sobre o trinco.

Durante cerca de dez minutos, nada mais se ouviu, como se o assaltante estivesse certificando-se de que não me acordara. Em seguida, ouvi distintamente o ruído da janela sendo aberta suavemente.

No estado de nervos em que me encontro, não suportei a situação por mais tempo. Saltei da cama e abri as persianas da janela. Vi um homem agachado, rente a ela, mas fugiu rapidamente por entre os arbustos do

jardim. Estava envolto numa capa e algo lhe cobria a parte inferior do rosto... e, Sr. Holmes, distingui nitidamente, no momento em que se virava para fugir, o brilho da arma que empunhava... talvez uma faca de lâmina comprida.

— Isto é muito interessante. Que fez em seguida?

— Se estivesse mais forte, teria saltado pela janela para persegui-lo, mas, no estado em que me encontro, achei preferível tocar a campainha e alertar as pessoas da casa. Levou algum tempo a aparecerem, pois a sineta está na cozinha e os criados dormem no piso superior.

Como demorassem, gritei para Joseph, que ainda estava acordado, lendo. Ele ouviu-me e chamou os outros. Ele e o criado saíram para o jardim e descobriram rastros de passagem, entre as canteiros de flores, junto à janela.

Contudo, ultimamente o tempo tem estado tão seco, que consideraram inútil, àquela hora, tentar seguir um rasto na relva.

Joseph, hoje de manhã, descobriu na cerca de madeira que rodeia o jardim uma ponta de tábua lascada, como se alguém a tivesse quebrado ao saltar.

— Já informou a Polícia local?

— Não, Sr. Holmes, pois pensei que seria melhor ouvir primeiro a sua opinião.

Este relato pareceu ter exercido um vivo efeito sobre Sherlock Holmes, que se ergueu e começou a andar pelo quarto, de um lado para o outro.

Conquanto visivelmente perturbado, Phelps riu e comentou — uma desgraça nunca vem só!

Então, Holmes sondou:

— Acha-se em condições, Sr. Phelps, de acompanhar-me numa inspeção em volta da casa?

— Certamente. Até me fará bem apanhar um pouco de sol. Com toda a certeza, Joseph também quererá vir.

— E eu também — declarou a Sta. Harrison, prontamente.

— Lamento dizer-lhe, Srta. Harrison, que a sua presença não será conveniente... — opôs-se Holmes. Vejo-me até constrangido em pedir-lhe que permaneça sentada, precisamente onde está.

Com um gesto de desagrado, Annie Harrison tornou a sentar-se. O irmão veio juntar-se a nós e os quatro saímos para o jardim, contornando a relva que se estendia junto da janela do quarto onde tínhamos estado.

Na realidade viam-se vestígios de pegadas no canteiro de flores, mas lamentavelmente frescos.

Holmes ainda se debruçou sobre elas mas logo se endireitou, encolhendo os ombros.

— Pouco posso concluir a partir destas vagas premissas. Vamos circundar a casa, para tentar averiguar por que motivo o assaltante escolheu precisamente a janela do quarto do Sr. Phelps. As janelas da sala de jantar, bem maiores, seriam mais apropriadas para um assalto.

— Mas não se vêem da estrada — objetou Joseph Harrison.

— É verdade... Mas há aqui uma porta. Parece que deveria merecer do assaltante a sua primeira atenção. Para que serve esta entrada?

— É a porta de serviço. À noite, fica sempre trancada por dentro.

— Compreendo. Já tinham sofrido qualquer assalto anteriormente?

— Nunca tal aconteceu — afirmou Phelps.

— Mas têm pratos ou coisas de muito valor em casa que possam atrair os ladrões?

— Aqui nada temos de especial valor.

Holmes, com as mãos nos bolsos e seu ar negligente, prosseguiu a inspeção ao redor do solar.

A certa altura, Joseph Harrison interveio:

— Há ali um ponto, na cerca, onde se vê que o assaltante a pulou. Venham comigo.

O homem conduziu-nos a um lugar onde a cerca apresentava o topo de uma tábua da grade rachada, com uma lasca de madeira pendente.

Holmes arrancou-a e examinou-a atentamente.

— Isto foi feito há mais tempo, não lhe parece, Sr. Harrison? Note os sinais de corrosão provocados pela umidade.

— Sim... tem razão.

— Daquele outro lado, também não encontramos vestígio algum. Nada mais temos a fazer aqui, pelo que sugiro que voltemos ao quarto para analisar todo o caso.

Percy Phelps, apoiando-se no braço do cunhado, caminhava vagarosamente. Eu seguia ao lado de Holmes que, pelo contrário, apressou o passo de maneira que, quando os outros dois se aproximaram, já estávamos à janela do quarto.

Então, virando-se para Annie, Holmes indicou com veemência:

— É necessário, Srta. Harrison, que se mantenha onde está, até eu lhe dizer que já pode mudar de lugar. Isto é de importância vital.

— Certamente, Sr. Holmes, se assim o exige — respondeu a jovem, estupefata.

— Se eu nada lhe disser durante o resto do dia, não deixe de trancar a porta deste quarto quando for se deitar, e leve a chave consigo.

— Mas este é o quarto que Percy tem ocupado...

— Bem sei. Ele não volta esta noite e não quero que mais ninguém entre aqui. Ficará sozinha, Srta. Harrison, durante todo o dia. O Sr. Phelps irá conosco para Londres.

— E tenho de ficar aqui, fechada?

— Faça-o por ele, Srta. Harrison. Só assim poderá ajudá-lo. Prometa que durante o dia não sairá deste quarto, em circunstância alguma. E, à noite, feche-o à chave antes de ir para o seu.

Annie fez um gesto de assentimento no momento em que Phelps entrava, amparado pelo futuro cunhado.

Este, virando-se para a irmã, perguntou:

— Por que continua aí sentada? Não prefere ir apanhar um pouco de sol? Parece triste!

— Obrigada, Joseph, pelo seu interesse, mas sinto apenas uma ligeira dor de cabeça e não me apetece sair, tanto mais que o quarto está fresco. O sol me faria sentir pior.

— Agora, o que propõe fazer, Sr. Holmes? — indagou Phelps.

— Prosseguir no meu principal inquérito. Seria até conveniente que o senhor nos acompanhasse a Londres.

— Já?

— Logo que possa; digamos, dentro de uma hora.

— Conte comigo, se posso ser-lhe útil; já me sinto mais forte.

— Ainda bem, Sr. Phelps. Tenho certeza de que a sua presença em Londres vai ser muito útil.

— Terei de passar a noite lá?

— Essa é a minha idéia.

— Quer dizer que, se o assaltante da noite passada vier fazer-me nova visita, verificará que o pássaro doente fugiu da gaiola.

— Exatamente.

— E espera obter com isso alguns resultados?... Bem, confio no senhor. Pode dar-me as instruções que entender. Quer que Joseph me acompanhe, para olhar por mim?

— Não será necessário. Como sabe, o nosso amigo comum, Dr. Watson, é um excelente médico e velará por você. Se nos permite, almoçaremos todos aqui no solar. Só depois partiremos, às três, para a cidade.

Tudo correu como Holmes planejava, incluindo a colaboração da srta. Harrison, que se recusava a abandonar o quarto.

Ninguém antevia ainda o objetivo da estratégia de Holmes. Talvez quisesse conservar a jovem longe de Phelps... Mas, por quê? Almoçamos juntos e partimos, pouco depois, para a estação. Mal entramos no trem, espantou-nos com a sua nova decisão, anunciando calmamente que não tinha a intenção de acompanhar-nos.

— Há uns pequenos pormenores que eu gostaria de esclarecer — explicou. — A sua ausência do solar será muito útil para mim. Quanto a você, Watson, ficaria grato se levasse consigo o Sr. Phelps para a Baker Street e lá permanecesse com ele até eu voltar. Como tenho um trem que chega a *Waterloo* às oito, conto tomar o desjejum com vocês.

— Desiste, então, da investigação que íamos efetuar em Londres? — estranhou Phelps.

— Não desisto, mas adio para amanhã. No momento, posso ser mais útil aqui em Woking.

Quando o trem começou a rodar, Phelps gritou-lhe, pela janela:

— Eu lhe agradeceria se avisasse lá em casa que espero regressar amanhã à noite.

— Não tenciono voltar ao solar de Briarbrae — respondeu Holmes, acenando-nos com a mão alegremente enquanto o trem se afastava.

Durante a viagem, Phelps e eu discutimos o assunto, sem que pudéssemos atinar com a razão dessas novas decisões de Holmes.

O meu amigo admitiu:

— Estou convencido de que o seu amigo pretende descobrir qualquer indício sobre o assaltante da noite passada, se é que realmente se trata de um gatuno vulgar. Mas não me parece que o seja.

— Qual é a sua opinião a esse respeito, Phelps?

— Você vai atribuir a minha hipótese ao fato de eu ainda estar com os nervos combalidos, mas, na verdade, acredito piamente que uma terrível intriga política me enredou nas suas tramas, sem que eu saiba o porquê. Por motivos que ultrapassam o meu entendimento, a minha vida está sendo alvo de uma conspiração de agentes políticos. Repare, Watson: por que motivo iria o ladrão escolher exatamente a janela do meu quarto, onde nada há que valha a pena roubar?.. E por que viria armado com aquela enorme faca?

— Tem certeza de que era realmente uma arma branca e não um mero pé-de-cabra para arrombamento?

— Absoluta. Vi distintamente o faiscar da lâmina da faca... ou talvez de um sabre-baioneta, como os que usam os marinheiros da Armada.

— Mas por que raio o estão perseguindo com tal violência?

— É isso que não entendo. Nem sequer cheguei a copiar todo o tratado!

— Nesse caso, partindo do princípio de que Holmes é da mesma opinião, a atitude dele já é admissível. Se caçar o ladrão da noite passada, ficará mais perto de quem roubou o tratado naval. Deve ser o mesmo indivíduo. É absurdo pensar que você tenha atrás de si dois assaltantes diferentes: um que lhe rouba os documentos e outro que pretende assaltá-lo, pronto a tirar-lhe a vida. Talvez Holmes já tenha descoberto a pista...

— Mas ele declarou que não voltaria a Briarbrae... - cortou Phelps, confuso.

— Pois eu, que já o conheço há muito tempo, posso assegurar-lhe que não dará um passo sem um motivo justo e plausível.

Após essas palavras, a nossa conversa foi desviada para outros temas.

Aquele dia fora bastante fatigante para mim. Phelps ainda se achava muito fraco e a sua desgraça tinha-o tornado pessimista. Em vão me esforcei para interessá-lo pela situação no Afeganistão e na Índia e por questões sociais; por tudo, enfim, que pudesse desviar-lhe o espírito da sua desventura.

Contudo, voltava sempre ao mesmo assunto: o que estaria fazendo Holmes? que medidas tomaria *Lord* Holdhurst a seu respeito? que notícias lhe dariam na manhã seguinte?

Ao longo do moroso anoitecer, a sua excitação tornou-se quase insuportável.

— Você, Watson, parece ter uma confiança ilimitada em Holmes, não é assim?

— Já o vi realizar feitos admiráveis — assegurei.

— E resolver um problema tão obscuro como este?
— Certamente. Até casos com menos indícios que o seu.
— Mas com tão grandes interesses em jogo?
— Desconheço detalhes, mas sei que já atuou em benefício de três casas reinantes da Europa, em casos de importância vital.

— Você, Watson, que o conhece bem, não o acha, por vezes, um tanto original? Não sei como lidar com ele. Muda tão repentinamente de decisões...

— Parece mudar, mas apenas nos dá essa ilusão. Quando o faz, tem uma idéia já firmada.

— E acha que ele próprio tem esperança de resolver o meu caso?

— Por enquanto, ainda não me disse nada.

— É mau sinal.

— Pelo contrário. Já tive ocasião de verificar que, quando Holmes ainda não encontrou uma pista prometedora, não pára de falar, dissecando hipóteses. Em contrapartida, quando agarrou uma ponta da meada e se sente seguro, mostra-se taciturno, ou, pelo menos, não se “ abre” acerca do seu plano de ação.

Agora, meu caro Phelps, de nada lhe serve continuar nessa pilha de nervos. É melhor deitar-se, tentar dormir e esperar calmamente o que venha a suceder amanhã..

Consegui finalmente persuadir o meu companheiro a seguir o meu conselho, embora soubesse que, devido à excitação, poucas probabilidades tivesse de dormir repousantemente.

O pior foi que a sua disposição de espírito era contagiosa, visto que eu próprio passei metade da noite em claro, fazendo suposições acerca do problema e formulando centenas de hipóteses, umas mais improváveis que as outras.

Por que teria Holmes exigido que a Srta. Harrison permanecesse o dia inteiro no quarto de Phelps? Por que motivo Holmes não nos informara, antes de estarmos no trem, a sua intenção de ficar em Woking, declarando não ir a Briarbrae?

Quando, já a altas horas, adormeci, sentia-me completamente esgotado e tão desnortado como no princípio.

Eram sete horas da manhã quando acordei. Corri ao quarto de Phelps e encontrei-o pálido e também exausto, após uma noite de insônia. Ao ver-me, a sua primeira pergunta foi:

— O Sr. Holmes já chegou?

— Não deixará de vir, como nos prometeu — tranqüilizei-o —, mas o trem só chega às oito e ainda falta uma hora. Estará aqui pontualmente.

As minhas palavras tinham realmente fundamento, visto que, pouco depois das oito, ouvimos um carro parar à porta. Corremos à janela e vimos o nosso amigo apaar-se e encaminhar-se para a porta. Estava pálido, com uma expressão sombria, e tinha a mão esquerda envolta numa ligadura. Entrou, mas só pouco depois é que subiu a escada.

Apertando-me o braço, Phelps murmurou:

— Tem o aspecto de um homem vencido!

Reconheci que assim era, mas repliquei:

— Provavelmente, a chave do mistério está aqui em Londres.

Phelps não conteve um gemido de desespero.

— Compreendo as dificuldades... Mas estava com tanta esperança neste seu regresso! Que terá acontecido à sua mão?

Quando o meu amigo entrou no quarto, indaguei:

— Você está ferido, Holmes?

— Apenas uma ligeira esfoladela, conseqüência da minha própria estupidez.

Saudou-nos com um aceno de cabeça e acrescentou:

— Este seu caso, Sr. Phelps, foi na verdade um dos mais complexos que já investiguei.

— Receia que esteja além das suas possibilidades?

— Não! Pelo contrário, foi uma experiência admirável!

— Esse curativo insinua violência — observei.

— Não quer contar-nos o que lhe aconteceu?

— Certamente, meu caro Watson, mas só depois do café. Estou faminto. Não se esqueça de que esta manhã vim respirando trinta milhas do ar puro de Surrey. Suponho que não veio qualquer resposta ao meu anúncio, acerca do número do carro. Bem, não posso ter a pretensão de que todas as minhas diligências tenham sempre resultados positivos.

Passamos à sala onde a mesa já estava posta e, no preciso momento em que íamos tocar a campainha para chamar a nossa hospedeira, esta entrou com o chá, o café e o leite. Poucos segundos depois, a Sra. Hudson voltou com as travessas cheias: ovos mexidos, ovos estrelados com *bacon*, marmelada, biscoitos e torradas; também uma terrina coberta.

Dirigimo-nos para a mesa. Holmes estava esfomeado; eu sentia-me curioso e Phelps achava-se no mais sombrio estado de depressão.

— Não há dúvida — elogiou Holmes —, que a Sra. Hudson se portou à altura do momento!

Destampou a terrina que habitualmente continha galinha com molho de *fricassé* e acrescentou, voltando a tampá-la:

— Talvez a sua arte culinária seja um tanto ou quanto limitada, se a compararmos com a francesa, mas não há dúvida de que, como escocesa que é, tem uma excelente idéia do que deve ser um jejum. O que você quer, Watson?

— *Bacon* com ovos.

— Ótimo! E o senhor, Sr. Phelps? Prefere esta galinha ou quer servir-se à vontade, de alimentos sortidos?

— Obrigado — respondeu o meu ex-colega, abatido —, mas sinto-me incapaz de comer seja o que for.

— Deixe disso! Experimente provar desse prato que tem à sua frente.

— Obrigado — repetiu Phelps —, mas não me apetece coisa alguma.

Piscando-me o olho maliciosamente, Holmes sugeriu:

— Já que não quer comer, não faz objeções a que eu lhe peça para servir-me?

Phelps levantou a tampa da terrina, ficou lívido e soltou um grito. Lá dentro, via-se um rolo de papel cinzento.

O jovem agarrou-o com ambas as mãos e pareceu devorá-lo com os olhos. Depois, começou a dançar, como doido, ao redor da sala. Apertava o rolo contra o peito e ria de alegria.

Por fim, ficando exausto, dado o seu estado de fraqueza, caiu numa poltrona e foi necessário dar-lhe de beber um gole de aguardente, para que não desfalecesse.

— Tem razão, meu amigo, tem razão — disse-lhe Holmes, batendo-lhe amigavelmente no ombro. Reconheço que foi asneira minha restituir-lhe os documentos desta maneira... Mas Watson pode confirmar-lhe que não resisto à tentação de um gesto dramático.

Phelps agarrou-lhe a mão e quis beijá-la.

— Deus lhe pague, Sr. Holmes. Salvou a minha honra!

— Sim... mas a minha também estava em jogo. Pode crer que para mim é tão penoso fracassar numa investigação como para você o foi cometer um erro capital numa missão que lhe fora confiada.

Phelps enfiou o precioso documento no bolso interior do casaco e titubeou:

— Eu... Sr. Holmes... sei que não devia interromper o seu desjejum, mas... morro de curiosidade... Como conseguiu descobrir os papéis?... Onde estavam?

Sherlock Holmes acabou de beber uma xícara de café e em seguida atirou-se a um prato de *bacon* com ovos. Quando terminou a refeição levantou-se da mesa, acendeu o cachimbo e foi sentar-se na sua poltrona preferida.

Exalando uma fumaça, começou:

— Primeiro vou dizer-lhe o que fiz e, depois, como o fiz.

Depois de deixá-los na estação, fui dar um passeio encantador, através dos campos de Surrey, até um lugarejo chamado Ripley, onde tomei o meu chá e me abasteci, por cautela, com um pacote de sanduíches, não esquecendo de conferir a minha garrafa de bolso. Deixei-me estar por ali, até o cair da tarde, quando me pus a caminho de Woking. Precisamente ao pôr do sol, cheguei à estrada de Briarbrae e esperei que ficasse deserta... o que não foi difícil, visto que aquelas paragens são pouco freqüentadas. Então, saltei a cerca da sua propriedade.

— O portão estava fechado? — admirou-se Phelps.

— Não, mas tenho um gosto especial em pular cancelas. Postei-me no lugar dos três pinheiros, que é um esconderijo natural de onde se pode avistar tudo, sem se ser visto. Depois, tive de aproximar-me mais do solar e arrastei-me por entre os arbustos, como podem verificar pelo estado lastimoso dos joelhos das minhas calças. Dessa maneira cheguei ao canteiro de azaléias, onde permaneci de cócoras, aguardando os acontecimentos.

A cortina do seu quarto, Sr. Phelps, ainda não estava fechada, de modo que pude ver a Srta. Harrison, sentada à mesa lendo um livro. Eram dez horas e um quarto, quando o fechou e veio cerrar as persianas. Ouvia-a então fechar a porta e, pelo som, fiquei seguro de que tinha dado a volta à chave, como eu lhe recomendara.

— Recomendou-lhe isso?

— Sim. Ontem tomei a liberdade de dar certas instruções à Srta. Harrison; devia fechar a porta à chave e levar esta com ela, quando fosse se deitar. Felizmente, executou à risca todas as minhas recomendações e pode estar certo de que, sem a diligente cooperação da Srta. Harrison, o senhor não teria agora o tratado em suas mãos.

— Querida Annie!... E depois, Sr. Holmes?

— Vi-a apagar a luz no outro aposento e continuei no meu esconderijo da moita de azaléias. Apesar de a noite estar linda, confesso que a vigília foi deveras fatigante. Sentia a mesma ansiedade dos caçadores que, junto a um curso de água, esperam que a presa vá beber. Passou-se imenso tempo. Quase tanto e tão moroso, Watson, como daquela vez em que estivemos no quarto em que solucionamos o caso da Faixa Malhada.

O relógio de uma igreja de Woking ia batendo os quartos de hora. Por vezes, tinha a impressão de que parara. Finalmente, por volta das duas da manhã, ouvi o som de um ferrolho que alguém puxava, suavemente, e o ranger de uma chave na fechadura. Instantes depois, a porta de serviço abriu-se e, à luz da lua, vi surgir na soleira o vulto do sr. Joseph Harrison.

— Joseph?! — exclamou Phelps.

— Exatamente. Estava despido, mas trazia uma manta negra pelos ombros, de maneira que podia cobrir o rosto com ela em caso de necessidade.

Quando chegou à janela do quarto onde você passou a dormir desde que adoeceu, introduziu a lâmina de uma faca comprida pelo espaço entre os caixilhos e puxou o trinco para trás. Abriu a vidraça e, com a faca, levantou o fecho da persiana.

Do meu esconderijo eu via nitidamente o interior do quarto iluminado pelo luar. Dessa maneira, pude acompanhar todos os seus movimentos. Harrison acendeu duas velas que estavam sobre a prateleira da lareira e, em seguida, começou a afastar o canto do tapete, do lado da porta. Depois, baixou-se e levantou um quadrado de madeira. Era a tampa da junta em T que liga o cano de gás do quarto ao da cozinha, que fica embaixo.

Custava-me permanecer na ponta dos pés e foi com esforço que ainda consegui ver o sr. Harrison retirar dali um rolo de papéis, repor a tampa no sobrado e recompor o tapete para ficar como estava antes. Por fim, apagou as velas e veio cair-me nos braços, porque nesse ínterim eu já me postara do lado de fora da janela, à espera dele.

Com a respiração suspensa, Phelps não ousava interromper Holmes, reprimindo qualquer exclamação do assombro que se lia no seu rosto.

Holmes continuou:

— Verifiquei então que Harrison era muito mais violento do que eu pensara. De faca em punho, lançou-se sobre mim com tal ímpeto e raiva que tive de prostrá-lo na relva, por duas vezes, antes de conseguir dominá-lo. Foi nessa altura que feri os nós dos dedos.

Quando terminamos a breve luta, Harrison tinha realmente o aspecto medonho de um assassino... visto que apenas um dos seus olhos estava em condições de ver. Contudo, nesse estado, ouviu as razões que lhe apresentei e, reconsiderando, renunciou à posse dos papéis.

Com os documentos em meu poder, permiti que partisse em liberdade, mas não deixei de telegrafar a Forbes, narrando-lhe todos os pormenores do caso. Se for rápido a atuar, conseguirá caçar o pássaro a tempo. Caso contrário, como suspeito que tenha acontecido, quando chegar lá apenas encontrará o ninho vazio... o que será bem melhor para o Governo, já que um escândalo dessa natureza seria prejudicial a todos. Realmente, parece-me que tanto *Lord* Holdhurst como o senhor, Sr. Phelps, preferirão que esse caso não transpire para além dos meios policiais.

— Santo Deus! — exclamou por fim o nosso cliente, ofegante. — Quer dizer, Sr. Holmes, que durante essas longas semanas de angústia, o tratado roubado esteve sempre dentro do meu próprio quarto?

— Exatamente, ou melhor, dentro do quarto que passara a ser seu, desde que adoecera.

— E Joseph? Afinal, foi um patife... um ladrão!

— Receio que o caráter de Harrison seja mais complicado e mais perigoso do que se possa julgar pela aparência. Pelo que ele me contou esta manhã, sou levado a concluir que sofreu grandes perdas no jogo da Bolsa e que está disposto a fazer o que for para recuperar o que perdeu. Sendo um indivíduo extremamente egoísta e sem escrúpulos, aproveitou a primeira oportunidade que se apresentou, sem considerar a felicidade da irmã, a carreira e honra do futuro cunhado e a sua própria reputação... no caso de insucesso, como se verificou.

Phelps pareceu afundar-se ainda mais na poltrona e gemeu:

— Santo Deus, Sr. Holmes! As suas palavras atordoam-me!

No seu tom didático, Holmes prosseguiu:

— A dificuldade desse caso residiu no fato de haver muitos indícios evidentes, embora insignificantes, que ocultavam os elementos essenciais. De todos os fatos apresentados, tive de selecionar os que considere fundamentais; tive de ordená-los logicamente e reconstituir a intrincada cadeia de acontecimentos.

Eu já começara a suspeitar de Joseph Harrison quando o senhor declarou que, naquela noite, tencionava ir de trem com ele para o solar. Considerei provável que ele tivesse passado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, com a intenção de ir buscá-lo.

Depois, quando soube que alguém tentara ansiosamente entrar no quarto que fora o de Harrison, e onde só ele poderia ter escondido qualquer coisa antes de o senhor passar a dormir lá, vigiado de perto pela Srta. Harrison, as minhas suspeitas tornaram-se quase certezas. E não havia dúvida de que o assaltante estava familiarizado com a topografia e a vida do solar, sabendo que, na sua primeira visita, não estava lá enfermeira alguma.

— Como fui cego!

— Agora, segundo a reconstituição dos fatos que reuni, o caso ocorreu da seguinte maneira: Joseph Harrison entrou no Ministério pela porta da Charles Street. Sabendo o caminho para o seu escritório, dirigiu-se para lá, quando, por acaso, o senhor descera à cabine do porteiro.

Não encontrando ninguém, tocou a campainha. Mas, nesse mesmo instante, viu os documentos que estavam sobre a mesa. Imediatamente compreendeu que o acaso o pusera diante de um segredo de Estado do mais alto valor. Num instante, meteu o tratado no bolso e saiu por onde viera, antes que o senhor chegasse ao patamar da passagem para a Charles Street. Como deve lembrar-se, após o toque da campainha ainda tinham se passado alguns minutos, enquanto o senhor e o guarda estavam na cabine. Esses escassos minutos foram o bastante para que Harrison escapasse para a rua.

Harrison partiu para Woking no primeiro trem, e examinando os documentos compreendeu que poderia obter com eles um enorme lucro. Portanto, resolveu escondê-los num local que considerava absolutamente seguro, com a intenção de, um ou dois dias depois, levá-los à embaixada francesa ou a outra qualquer que lhe pagasse bem por eles.

O azar foi o senhor, Sr. Phelps, ter adoecido gravemente, indo ocupar o quarto que até então tinha sido o dele. Harrison deve ter-se sentido desesperado. Tentou roubá-los, mas essa tentativa malogrou-se em virtude da sua insônia.

Compreendi que Harrison não desistiria de recuperar os documentos. Por isso, proporcionei-lhe a oportunidade desejada. Durante o dia, consegui que a Srta. Harrison não abandonasse o quarto, o que impossibilitava o irmão de fazer qualquer tentativa diurna. Mas quando ele soube que o caminho estava livre, em virtude do Sr. Phelps ter vindo dormir em Londres, decidi assaltar o quarto. Como este estava fechado à chave, só lhe restava repetir a tentativa de entrar nele pela janela. Assim o fez e eu deixei-o retirar os papéis do esconderijo onde os tinha ocultado. Ficou algum pormenor por esclarecer?

— Por que motivo Harrison, já da primeira vez, tentara entrar pela janela e não pela porta? — perguntei.

— Porque para chegar à porta teria de passar pelo corredor onde há sete quartos.. Por outro lado, caso precisasse fugir precipitadamente, seria mais fácil fazê-lo pelo relvado deserto, do que por um corredor onde poderiam aparecer pessoas logo que fosse dado o alarme. Mais alguma pergunta?

Foi a vez de Phelps indagar, após uma hesitação:

— Acha que Harrison tinha intenções assassinas em relação a mim? A faca não seria unicamente um instrumento para forçar a fechadura?

— Receio que Harrison as tivesse, em caso de extrema necessidade — respondeu Holmes encolhendo os ombros. — De qualquer modo, considero-o um sujeito em cuja clemência eu dificilmente confiaria.



O POLEGAR DO ENGENHEIRO

De todos os problemas que têm sido submetidos à investigação do meu amigo Sherlock Holmes, durante os anos da nossa convivência, só em dois fui intermediário para levá-los ao seu conhecimento: o do “Dedo Polegar do Sr. Hatherley” e o da “Loucura do Coronel Warburton”¹. Talvez este último oferecesse campo de ação mais original e amplo para um observador astuto, mas o primeiro foi tão estranho na sua concepção e tão dramático nos seus pormenores que mais merece ser recordado, embora tenha facultado menos oportunidade para os métodos dedutivos de raciocínio que o meu amigo emprega com tão maravilhosos resultados.

Creio que a história já foi contada mais de uma vez nos jornais, mas todas as narrativas perdem grande parte do seu interesse quando sumariamente resumidas em meia coluna de jornal, ao contrário do que sucede com um relato pormenorizado dos acontecimentos, que nos permite seguir cada nova pista e ver o mistério desvendar-se gradualmente. Naquele tempo, as circunstâncias desse caso causaram-me uma profunda impressão, que perdurou mesmo tendo-se passado dois anos.

Foi no verão de 1889, pouco depois do meu casamento, que ocorreram os fatos que vou narrar. Já tinha regressado à profissão civil, deixando Sherlock Holmes sozinho nos apartamentos da *Baker Street*, embora o visitasse com assiduidade e, ocasionalmente, procurasse convencê-lo a deixar os seus hábitos boêmios e ir visitar-nos.

A minha clientela tinha aumentado bastante e, como eu morava perto da estação de *Paddington*, tinha alguns pacientes entre os empregados da estrada de ferro. Curei um desses de uma doença dolorosa e longa, e ele nunca deixou de fazer-me publicidade, mandando-me todos os doentes que conhecia e sobre quem exercia alguma influência.

Um dia, antes das 7 horas da manhã, fui acordado pela criada, que bateu à minha porta anunciando dois homens que tinham chegado de *Paddington* e estavam à minha espera no consultório. Vesti-me apressadamente, porque sabia, por experiência própria, que casos provenientes da estrada de ferro

(¹) Esta novela nunca chegou a ser escrita por Conan Doyle. (N. do T.)

eram quase sempre urgentes. Desci às pressas e encontrei o guarda, meu velho aliado, que saiu da sala de espera e, fechando a porta atrás de si, informou:

— Trouxe-o aqui — segredou, apontando com o dedo por cima do meu ombro —, mas ele está bem.

— Nesse caso, que pretende? — perguntei, porque os seus modos indicavam que havia uma criatura estranha fechada no meu consultório.

— É um cliente — respondeu — que achei melhor trazer pessoalmente: assim não pode escapar. Aqui está ele são e salvo. Agora, Doutor, tenho os meus deveres à minha espera.

Saiu sem dar-me oportunidade de agradecer-lhe.

Entrei no consultório e encontrei um cavalheiro sentado perto da mesa. Estava discretamente vestido com um casaco de casimira e colocara o boné sobre os meus livros.

Era jovem, de uns 25 anos, com um rosto forte, mas muito pálido. Pareceu-me muito agitado, com dificuldade em controlar-se. Além disso, um lenço manchado de sangue envolvia-lhe uma das mãos.

— Sinto acordá-lo tão cedo, Doutor, mas sofri um grave acidente esta noite. Vim no trem da manhã e, ao indagar, em Paddington, onde poderia encontrar um médico, um funcionário amável trouxe-me até aqui. Entreguei o meu cartão à criada, mas vejo que ela o deixou sobre a mesa.

Peguei nele e li: “Vitor Hatherley, engenheiro hidráulico, 16— A. Victoria Street (3º andar)”. Era este o nome, a profissão e a morada do meu cliente dessa manhã.

— Sinto tê-lo feito esperar — respondi, sentando-me na cadeira da biblioteca. — Chegou de uma viagem noturna, o que é uma coisa muito aborrecida.

— Esta minha noite nada teve de monótona — explicou, rindo descontroladamente.

O meu instinto médico despertou com aquela risada.

— Pare com isso! —, exclamei. — Acalme-se. — Dei-lhe um pouco de água. Não adiantou, porque tornou a recair na histeria, dando provas de uma natureza forte que se liberta depois de uma grande tensão.

Daí a pouco voltou ao estado normal, muito cansado e envergonhado.

— Portei-me como um idiota — reconheceu, ofegante.

— Nada disso. Beba.

Despejei um pouco de conhaque na água e o seu rosto retomou à cor natural.

— Agora sinto-me melhor. Talvez o Doutor possa curar o meu dedo ou, mais precisamente, o lugar onde ele existia.

Desatou o lenço, estendeu a mão e, embora habituado a ver coisas dessa natureza, chocou-me olhá-la. Havia quatro dedos salientes e outro amputado, como esponja vermelha: o polegar, que fora cortado na articulação.

— É uma ferida horrível! Deve ter perdido muito sangue — observei.

— Sim. Perdi os sentidos quando isto ocorreu, e creio que fiquei desmaiado durante bastante tempo. Quando voltei a mim e percebi que ainda estava perdendo sangue, amarrei o lenço ao pulso e garrotei-o com um pau.

— Excelente! Você devia ter sido cirurgião.

— Os vasos comunicantes também fazem parte da hidráulica, não é verdade?

— Este corte foi feito com um instrumento muito pesado e cortante — considere, examinando a amputação.

— Com uma machadinha.

— Acidente, suponho?

— Nada disso.

— O quê? Resultou de um ataque?

— Exatamente.

— Isso é horrível!

Lavei, esterilizei e depois ateí a ferida, cobrindo-a de algodão e ligaduras embebidas em ácido bórico. Hatherley não se mexeu, embora mordesse os lábios de vez em quando.

— E agora, sente-se melhor? — sondei, ao terminar.

— Excelente. Com o seu conhaque e as suas ligaduras sinto-me outro homem. Estava excessivamente fraco.

— Talvez seja melhor não falar agora no assunto, para não ficar nervoso.

— Preciso contar a minha história à Polícia, mas, se não fosse a evidência deste ferimento, duvido que acreditassem na minha história. É demasiado extraordinária e quase nada tenho para comprová-la. Mesmo que acreditem, as pistas que posso oferecer são tão vagas que a Justiça não deve poder agir.

— Se há qualquer problema que deseja ver resolvido, recomendo-lhe que vá ter com o meu amigo, Sr. Sherlock Holmes, antes de ir à Polícia.

— Sim. já ouvi falar desse sujeito — respondeu Hatherley.— Gostaria que ele tratasse do assunto, embora tenha que fazer as minhas declarações oficialmente. Pode apresentar-me ao sr. Holmes?

— Até posso ir com o senhor.

— Ficarei imensamente grato!

— Vamos chamar um coche. Estarei pronto num instante. Chegaremos à hora do seu desjejum.

— Não ficarei satisfeito enquanto não tiver contado esse caso.

— Enquanto o meu criado chama um coche, estarei pronto.

Subi rapidamente para dizer à minha mulher aonde ia e, em cinco minutos, estava com ele no carro, seguindo para o apartamento da *Baker Street*.

Sherlock Holmes estava, como eu previa, sentado na saleta, de roupão, lendo a coluna de crimes no *Times* e fumando o habitual cachimbo antes do seu café. Recebeu-nos com o seu modo calmo, mas jovial, mandou trazer mais ovos e presunto frito e convidou-nos para acompanhá-lo na refeição matinal. Ao terminar, fez o nosso amigo reclinar-se no sofá, apoiando-lhe a cabeça num travesseiro, e colocou-lhe ao lado um copo de água com conhaque.

— Nota-se que a sua experiência foi muito extraordinária, Sr. Hatherley — comentou Holmes. — Tenha a bondade de considerar-se em sua casa. Conte-nos o que puder, mas, se ficar cansado, tome um estimulante.

— Muito obrigado, mas já me sinto outro homem depois de o Doutor ter tratado da minha mão, e creio que o seu desjejum completou a cura. Para não lhe roubar muito tempo, contarei já o que me aconteceu.

Holmes estava sentado na sua poltrona, com uma expressão cansada e as pestanas descidas. Sentei-me à sua frente e, em silêncio, ouvimos a estranha história do nosso visitante.

— Sou órfão e solteiro, e moro só num apartamento aqui em Londres. Sou engenheiro hidráulico, e adquiri muita experiência durante os sete anos em que fui praticante na conhecida firma “*Wenner & Mathewson*”, de Greenwich. Há dois anos terminei o estágio e, tendo recebido uma boa herança, pela morte de meu pai, aluguei um escritório na *Victoria Street*.

Suponho que toda pessoa, quando começa a trabalhar independentemente, encontra certas dificuldades. Durante dois anos só tive três consultas e um serviçozinho. Foi só isso que a minha profissão me facultou, além de umas 27,10 libras de rendimento. Todos os dias, das 9 às 16 horas, esperava no escritório, até que comecei a ficar desanimado e pensei que nunca arranjaría trabalhos sérios.

Ontem, à hora em que estava resolvido a sair, o meu escriturário anunciou um cavaleiro que estava à espera para falar-me de um negócio. Deu-me um cartão de visita: “Coronel Lysander Stark”. Tratava-se de um homem muito alto, mas excessivamente magro. O seu rosto era apenas pele e osso. Parecia, no entanto, ser o seu estado normal, e não doença, pois os seus olhos brilhavam e o andar era ligeiro e firme. Vestia-se bem, embora de maneira simples. Devia ter cerca de 40 anos.

— Sr. Hatherley? — perguntou com sotaque alemão. — Foi-me recomendado como sendo pessoa não só eficiente na sua profissão, mas discreto e capaz de guardar um segredo.

Fiz-lhe um gesto, sentindo-me lisonjeado, como aconteceria com qualquer jovem que recebesse tal cumprimento.

— Posso perguntar-lhe quem lhe indicou o meu nome?

— Bem, talvez seja melhor não lhe dizer agora; a mesma pessoa também me contou que é órfão, solteiro e mora sozinho em Londres.

— Está certo — respondi —, mas o senhor irá desculpar-me se lhe digo que não vejo o que isso tenha a ver com as minhas qualidades profissionais, pois imagino que deseja falar comigo sobre um assunto profissional.

— Sem dúvida. Mas vai ver que tudo quanto digo se relaciona com esse ponto. Tenho uma comissão profissional para o senhor, mas é essencial que se guarde silêncio absoluto e isso é mais fácil de esperar-se de um homem só do que daquele que viva no seio da família.

— Se prometo guardar segredo, pode contar que o farei.

Olhou-me severamente, com um olhar suspeito e interrogativo.

— Então promete? — sondou.

— Prometo.

— Silêncio completo e absoluto, antes, durante e depois? Nenhuma referência ao negócio, por fala ou por escrito?

— Já lhe prometi.

— Muito bem.

Levantou-se e, atravessando a sala, abriu a porta. Não havia ninguém no corredor.

— Está bem — tranqüilizou-se —, sei que os escriturários são, por vezes, curiosos quanto aos assuntos dos seus patrões. Agora podemos conversar com segurança.

Puxou a sua cadeira para perto da minha e tornou a olhar-me da mesma maneira inquisitorial.

Um sentimento de repulsa e talvez medo começou a surgir dentro de mim com a estranha atitude daquele magricela. Até o receio de perder um cliente não me impedia de manifestar impaciência.

— Faça o favor de dizer a que trabalho se refere — propus —, já que o tempo é dinheiro.

As minhas palavras tinham saído espontaneamente.

— Gostaria de ganhar 50 guinéus numa noite?

— Esplêndido!

— Digo “numa noite”, mas talvez não leve mais do que uma hora. Quero simplesmente a sua opinião acerca de uma máquina de estamparia hidráulica que se avariou. Se nos mostrar a causa da avaria, nós próprios a consertaremos. Que pensa de um trabalho desta natureza?

— Parece ser leve e o pagamento é bom.

— Precisamente. Queremos que venha ter conosco hoje à noite, no último trem.

— Onde?

— Em Eyford, no Berkshire. É um lugarejo perto dos limites de Oxfordshire, a 7 quilômetros de Reading. Há um trem de *Paddington* que chega lá às 23h15.

— Muito bem!

— Estarei à sua espera num coche.

— Há necessidade disso?

— Sim, o nosso lugarejo fica no campo, a mais de uma légua da estação de Eyford.

— Então não poderei estar lá, antes da meia-noite. Suponho que não há trem de volta. Seria obrigado a permanecer ali toda a noite.

— Sim, mas nós podemos dar-lhe alojamento.

— É desagradável. Não poderia ir a uma hora mais conveniente?

— É preferível que venha tarde. É para recompensá-lo desse inconveniente que vamos pagar-lhe tanto, embora seja jovem, desconhecido e não tenha o

mesmo valor dos chefes da sua profissão. Contudo, se não quer aceitar a nossa proposta, está a tempo de recusar.

Lembrei-me de como me seria útil aquele dinheiro.

— Apraz-me satisfazer os seus desejos. Só gostaria de saber, com mais precisão, o que pretendem de mim.

— Certamente. É natural que a promessa de guardar segredo atice a sua curiosidade. Não quero comprometê-lo sem o esclarecer previamente. O negócio é este. Provavelmente o senhor sabe que o pó de *Fuller* é um produto de grande valor, que na Inglaterra só se encontra em dois ou três lugares.

— Já ouvi falar nisso.

— Há tempos, comprei um pequeno terreno, a uns dez quilômetros de Reading, e senti-me feliz ao descobrir que há uma jazida desse pó num dos meus campos. Ao examiná-la, verifiquei que era pequena, mas que se prolongava noutras jazidas maiores, à direita e à esquerda, pertencentes aos vizinhos dos lados. Essa gente ignora que as suas terras possuem esse minério quase tão valioso como ouro. Naturalmente, era do meu interesse comprar essas terras adjacentes, antes que descobrissem o seu verdadeiro valor. Infelizmente, porém, não possuía capital suficiente. Contei o meu segredo a alguns amigos e eles sugeriram que trabalhássemos secretamente, na nossa própria jazida, de maneira a ganharmos dinheiro para comprar os campos vizinhos.

É o que estamos fazendo, há já algum tempo, e para facilitar as operações, montamos uma prensa hidráulica. Essa máquina avariou-se e desejamos a sua opinião acerca da avaria. Temos guardado segredo porque, uma vez descoberto, apareceriam engenheiros hidráulicos, que logo atrairiam, investigadores, e então os vizinhos alertados já não nos venderiam os prados, malogrando-se os nossos planos. Por isso fi-lo prometer que guardaria segredo quanto à sua viagem a Eyford, hoje à noite. Espero ter explicado bem.

— Perfeitamente. Só não compreendi porque precisam de uma prensa hidráulica para escavar, pois basta extrair o pó, como se tira areia da mina.

— Adotamos um processo particular. Comprimos a terra em tijolos, para poder removê-los sem que se suspeite da sua natureza. Depositei no senhor a minha confiança, Sr. Hatherley, e mostrei-lhe até onde levo essa confiança.

Levantou-se e concluiu:

— Estarei então em Eyford às 23h15.

— Muito bem, lá nos encontraremos.

— E nem uma palavra, seja a quem for.

Então, estendendo-me a mão, que era fria e úmida, saiu apressadamente.

Quando comecei a pensar calmamente no assunto senti-me confuso e ao mesmo tempo satisfeito, porque o pagamento era, pelo menos, dez vezes mais do que eu pediria se me fosse dado fixar o preço, e talvez atrás desse trabalho viessem outros. Contudo, a atitude do meu cliente deixara-me uma impressão desagradável, e as suas explicações não justificavam a necessidade da minha ida lá, à meia-noite.

Contudo, atirei os receios para trás, ofereci-me uma boa ceia, fui a *Paddington* e tomei o trem, sem dizer a ninguém aonde ia.

Em Reading tive de mudar de composição, mas mesmo assim, apanhei o último trem para Eyford, chegando à estaçãozinha mal iluminada depois das 23 horas. Fui o único passageiro a sair e, na plataforma, não havia ninguém senão um bagageiro sonolento com uma lanterna. Quando passei pela cancela vi o coronel Stark esperando, na sombra, do outro lado. Sem uma palavra pegou-me no braço e apressou-me a entrar num coche, cuja porta estava aberta. Fechou as janelas dos dois lados, deu uma pancada leve na madeira fronteira e o cavalo partiu a galope.

— Só um cavalo? — perguntou Holmes.

— Sim, só um.

— Reparou na cor do animal?

— Sim. Vi quando entrei no carro, à luz das lanternas. Era castanho.

— Parecia cansado?

— Não.

— Obrigado. Lamento a interrupção. Queira continuar a sua interessante narrativa.

— Andamos, assim, cerca de uma hora. O coronel Lysander Stark dissera serem apenas sete quilômetros de distância, mas, pelo andamento rápido e o tempo que levamos, devemos ter percorrido aproximadamente doze quilômetros. Guardou silêncio durante todo o tempo, e reparei que, quando eu olhava na sua direção, estava me olhando com grande interesse.

A estrada não parecia ser das melhores, porque o carro dava solavancos terríveis. Experimentei olhar pela janela, mas os vidros eram foscos e só pude ver uma luz fraca, de vez em quando. Arrisquei alguns comentários sobre a monotonia da viagem, mas o coronel respondia-me com monossílabos e a conversa não foi adiante.

Finalmente, os solavancos foram substituídos por um trotar calmo sobre uma estrada de areia e o carro parou. O coronel Lysander Stark apeou-se e seguiu-o. Então, puxou-me para dentro de um alpendre que estava à nossa frente. Entramos logo no vestíbulo e não tive tempo de observar as características da casa. No instante em que atravessei o limiar da porta, esta fechou-se com estrondo e ouvi o rodar do carro que partia.

A casa estava completamente às escuras e o coronel andou à procura de fósforos, falando baixinho. De repente, uma porta na outra extremidade do corredor abriu-se, deixando vir na nossa direção uma longa faixa de luz amarela. Esta aumentou e apareceu uma senhora com um candeeiro na mão, que levantou acima da cabeça. Notei que era bonita e, pelo brilho da fazenda do vestido, percebi que era tecido caro. Disse algumas palavras em língua estrangeira, em tom de pergunta e, quando o meu companheiro lhe respondeu rudemente, por monossílabos, a senhora estremeceu, quase deixando cair o candeeiro. O coronel Stark segredou-lhe qualquer coisa ao ouvido e então, empurrando-a para dentro do quarto de onde saíra, veio direito a mim com o candeeiro.

— Tenha a bondade de esperar aqui, uns minutos — pediu, abrindo a porta.

Era uma saleta sossegada, com mobiliário simples, mesa redonda ao centro, sobre a qual se viam vários livros em alemão. O coronel Stark colocou o candeeiro sobre um órgão, perto da porta.

— Não me demoro — declarou e sumiu-se na escuridão.

Apesar de não entender o alemão, compreendi que dois dos livros tratavam de ciência e os outros de poesia. Depois fui até a janela, desejoso de examinar o local, mas havia uma tábua de carvalho obstruindo a visão. Era uma casa excessivamente silenciosa. Havia um relógio badalando muito alto no corredor, mas, fora disso, estava tudo calmo.

Invadiu-me uma espécie de inquietação. Quem eram aqueles alemães e que estavam fazendo naquele lugar? Achava-me a umas duas léguas de Eyford, mas não sabia se para norte, sul, leste ou oeste. Reading estava também naquela área. Talvez o lugar não fosse tão solitário como eu pensava. Andei de um lado para o outro, cantando baixinho para ganhar coragem e pensando nos 50 guinéus que iria ganhar.

Então, sem ruído, a porta da saleta abriu-se vagarosamente. A senhora surgiu no limiar, com a escuridão do corredor atrás e a luz amarela do candeeiro iluminando-lhe o belo rosto. Percebi que estava amedrontada e a

sua atitude preocupou-me. Ergueu um dedo trêmulo para pedir silêncio e segredou umas palavras em inglês, olhando para trás como um animal assustado.

— Deve ir embora — aconselhou, esforçando-se por falar calmamente. — Deve ir embora. Não fique aqui. Não há nada de bom para você fazer aqui.

— Mas, minha senhora, não posso retirar-me sem ver a máquina.

— Não vale a pena esperar — continuou. — Pode sair pela porta. Não há ninguém.

E, então, vendo que eu sorria e abanava a cabeça, deixou de rodeios e deu um passo em frente, torcendo as mãos:

— Pelo amor de Deus — sussurrou —, saia daqui antes que seja tarde demais.

Contudo, sou teimoso por natureza e mais tentado a prosseguir num empreendimento quando sinto qualquer obstáculo.

Lembrei-me da recompensa prometida e do desconforto da viagem. Por que iria fugir, sem fazer o trabalho e sem receber o dinheiro?

Aquela jovem podia ser louca. Recuperei a coragem e, embora a sua atitude me pusesse nervoso, sacudi a cabeça e disse que ficaria.

Nesse momento, ouviu-se fechar uma porta e os passos de quem descia a escada. A senhora ergueu as mãos, numa atitude de desespero, e sumiu, tão silenciosamente como viera.

Apareceram dois vultos: o coronel Lysander Stark e um homem baixo e gordo, com barbicha, que me foi apresentado como sendo Sr. Ferguson.

— Este é o meu secretário — indicou o coronel. — A propósito, pareceu-me que deixei esta porta fechada ainda agora. Sinto que esteja na corrente de ar.

— Pelo contrário, abri-a porque achei que estava um pouco abafado.

Lançou-me um olhar de suspeita.

— Então é melhor iniciarmos desde já o negócio. O Sr. Ferguson e eu vamos subir para mostrar-lhe a máquina.

— Suponho ser melhor pôr o chapéu.

— Não precisa cobrir-se. A máquina está aqui em casa.

— O quê? O senhor cava o pó de *Fuller* dentro da casa?

— Não, mas é aqui que o comprimimos. A única coisa que queremos que faça é examinar a máquina e dizer-nos onde está a avaria.

Subimos juntos, o coronel na frente com o candeeiro, depois o homem gordo e eu atrás deles. A casa era um verdadeiro labirinto, com corredores, passagens estreitas e escadas em caracol, com portas baixas e os limiares gastos no centro pelas gerações que os haviam pisado.

Não havia tapetes, nem sinal de mobília a não ser no andar térreo. O reboco caía das paredes e a umidade infiltrava-se, provocando manchas verdes e insalubres. Esforcei-me por mostrar uma indiferença que não sentia, pois não me esquecera do aviso da senhora e vigiei atentamente os meus dois companheiros. Ferguson parecia ser um homem calmo e melancólico. Pelo pouco que falou percebi que, pelo menos, não era estrangeiro.

O coronel Lysander Stark abriu uma porta baixa. Era um quarto pequeno e quadrado, onde mal caberíamos os três. Ferguson permaneceu do lado de fora e o coronel fez-me entrar.

— Estamos neste momento dentro de uma prensa hidráulica e seria uma grande infelicidade para nós se alguém se lembrasse de pô-la em movimento. O forro deste pequeno compartimento é o fundo do pistão que desce com o peso de muitas toneladas sobre este piso de metal. Há, lá fora, pequenas colunas laterais de água, que transmitem e multiplicam a força da forma. A máquina trabalha bem, mas encravou e já perdeu um pouco da força. Talvez o senhor, examinando-a, possa dizer-nos como consertá-la.

Peguei na lanterna e examinei a máquina minuciosamente. Era deveras gigantesca e capaz de exercer uma enorme pressão. Quando passei para o lado exterior e desci as alavancas que a controlavam, compreendi logo, pelo som, que havia um pequeno escoamento que permitia uma regurgitação de água por um dos cilindros laterais. Vi que uma das fitas de borracha ao redor da cabeça da barra propulsora havia encolhido tanto que já não servia de nada. Esta, sem dúvida, era a razão da perda de força e expliquei isto aos meus companheiros, que me escutaram com atenção e perguntaram como fazer o conserto. Depois disto, entrei novamente na câmara principal para satisfazer melhor a minha curiosidade.

Aquela história do pó de *Fuller* era mera fantasia, porque seria absurdo supor que aquela poderosa máquina tivesse sido construída para um fim tão inadequado. As paredes eram de madeira, mas o piso era como uma grande tigela de ferro. Baixei-me para verificar o que era, e logo ouvi uma exclamação em alemão. O coronel inquiriu rudemente.

— O que está fazendo?

Senti-me aborrecido por ter sido enganado.

— Estava admirando o pó de *Fuller* — respondi — e poderia aconselhá-lo melhor, se soubesse a verdadeira finalidade da máquina.

Deu um salto para trás, fechou a porta e rodou a chave na fechadura. Corri também para a porta mas a maçaneta não cedeu, apesar dos meus pontapés e empurrões.

— Coronel — gritei. — Deixe-me sair!

E então, subitamente, ouvi um ruído que me apavorou. Era o das alavancas acionadas e o chiar do cilindro. Tinha ligado o motor. A lanterna ainda estava onde eu a havia colocado, para melhor examinar a tigela.

Devido à luz, vi que o teto negro vinha descendo sobre mim, vagarosamente, mas (ninguém o sabia melhor do que eu), com uma força que, dentro de um minuto, poderia esmagar-me, transformando-me numa polpa disforme.

Lancei-me contra a porta, gritando e tentando arrancar a fechadura com as unhas. Implorei ao coronel que me deixasse sair, mas o ruído das alavancas abafou os meus gritos. O teto estava apenas a cerca de meio metro acima da minha cabeça e, com a mão estendida, pude sentir a sua superfície áspera.

Então lembrei-me de que o sofrimento da morte dependeria muito da posição em que estivesse e resolvi deitar-me de bruços. O peso cairia sobre a minha espinha e estremei, ao pensar na horrível fratura. Talvez fosse melhor de outra maneira, portanto virei-me, vendo a sombra fatal descer sobre mim. Já não podia continuar em pé, quando notei uma coisa que me trouxe um raio de esperança ao coração.

Já lhes disse que o chão e o teto eram de ferro, e as paredes de madeira. Quando lançava um último olhar ao redor, notei uma tênue luz amarela, entre duas tábuas, que aumentava quando um painel era puxado para trás. Por um instante, custou-me crer que houvesse ali uma porta que me livrasse da morte. Lancei-me através dela e caí desmaiado do outro lado. O painel fechou-se atrás de mim, mas o ruído da lanterna esmagada e o estrondo das chapas de metal provaram que eu escapara por pouco.

Senti um violento puxão no pulso. Estava deitado sobre as lajes de um corredor estreito, enquanto uma mulher se curvava sobre mim e me puxava com a mão esquerda, tendo uma vela na direita. Era a mesma amiga cujo conselho eu tolaemente rejeitara.

— Venha! Venha! — incitou, ofegante. — Eles não tardam a vir. Não perca tempo. Venha!

Desta vez não desprezei o conselho, levantei-me cambaleante, corri atrás dela, ao longo do corredor. Descemos uma escada em caracol que conduzia a uma passagem larga e, justamente no momento em que ali chegamos, ouvimos o rumor de passos correndo e os gritos de duas vozes. Uma, no andar onde estávamos, e a outra, no andar de baixo. A minha protetora parou e olhou ao redor, como para saber o que fazer. Então abriu uma porta que dava acesso a um quarto, em cuja janela a lua brilhava.

— É a única alternativa! É alta, mas talvez o senhor consiga saltar.

Enquanto falava, surgiu uma luz ao fundo da passagem e vi o corpo magro do coronel Lysander Stark avançar com uma lanterna numa das mãos e uma espécie de machado de açougueiro, na outra. Corri através do quarto, abri a janela e olhei para fora. Como o jardim, à luz da lua, parecia quieto! Mas não quis saltar até saber o que se passaria entre a minha salvadora e o selvagem que me perseguia. Se ele a maltratasse eu voltaria para protegê-la.

Antes que o coronel chegasse à porta e a atravessasse, ela, com os braços, procurou segurá-lo.

— Fritz! Fritz! — gritou, em inglês. — Não se esqueça da sua promessa! Você disse-me que não aconteceria nada. Esse rapaz saberá guardar segredo!

— Você está louca, Elise? — bradou ele, procurando livrar-se da mulher. — Você será a ruína de todos nós. Ele viu demais. Deixe-me passar.

Empurrou-a para um lado e, correndo até a janela, avançou para mim brandindo a arma. Eu estava ainda no peitoril, pendurado pelos dedos, quando ele desferiu a machadada. Senti uma dor mortal, perdi o apoio e caí no jardim.

Estava atordoado com a queda, mas não machucado. Portanto, levantei-me e corri até uns arbustos, porque compreendi não estar ainda livre de perigo. Contudo, enquanto corria, senti tonturas e náuseas. Olhei a mão que latejava dolorosamente e então vi que o dedo polegar havia sido decepado e que o sangue jorrava da ferida. Esforcei-me por amarrar o lenço em torno do dedo, mas senti um zumbido nos ouvidos e, no momento seguinte, caí desfalecido entre as roseiras.

Não sei quanto tempo fiquei assim, mas deve ter sido bastante, porque a lua tinha desaparecido no horizonte e a aurora surgia, quando recuperei os sentidos. A minha roupa estava molhada pelo orvalho e a manga ensopada de sangue. Pus-me de pé, pensando nos meus perseguidores. Mas, quando olhei ao redor, não pude ver a casa, nem o jardim. Estivera deitado numa touceira, ao lado da estrada, e descobri que era a estação onde tinha chegado, na noite anterior.

Se não fosse a mão ferida, tudo o que acontecera durante aquelas terríveis horas poderia ser interpretado como um pesadelo.

Estonteado ainda, entrei na estação e informei-me acerca do trem da manhã. Passaria um dentro de meia hora para Reading. Vi que era o mesmo guarda da noite anterior que ainda estava de serviço. Perguntei-lhe se ouvira falar do coronel Lysander Stark, mas o nome era-lhe desconhecido. Perguntei-

lhe se havia notado um carro que estava à minha espera na noite passada e respondeu-me que não. Quanto a um posto de Polícia, só o encontraria a três quilômetros dali.

Era demasiado longe. Sentia-me tão-fraco que resolvi voltar para a cidade, antes de procurar a Polícia. Cheguei às 6, corri à casa do Doutor e ele teve a bondade de trazer-me aqui. O caso está nas suas mãos e farei exatamente o que o senhor me aconselhar.

Ficamos em silêncio, depois da narrativa. Então, Sherlock Holmes tirou da prateleira um dos volumosos livros em que guardava os seus recortes.

— Aqui está um anúncio que vai interessá-lo — indicou. — Saiu em todos os jornais, há coisa de um ano atrás. Agora ouçam:

“Desaparecido, desde o dia 9 do corrente, Sr. Jeremiah Hayling, com 26 anos de idade, engenheiro hidráulico. Deixou a sua casa, às 22 horas, e nunca mais se soube dele. Estava vestido, etc., etc.”

Suponho que isto significa que foi a última vez que o coronel precisou que a sua máquina fosse consertada.

— Santo Deus! — exclamou o meu cliente. — Isso explica o que a jovem disse.

— Sem dúvida. Está claro que o coronel é um homem insensível e desesperado, resolvido a que nada o detivesse, como aqueles piratas que não deixam ninguém vivo no navio capturado. Agora, cada momento é precioso. Portanto, se se sente recuperado iremos até à *Scotland Yard*, antes de partirmos para Eyford.

Três horas depois estávamos no trem, dirigindo-nos de Reading para a pequena aldeia de Berkshire.

Éramos ao todo cinco: Sherlock Holmes; o engenheiro, o inspetor Bradstreet, da *Scotland Yard*; um detetive e eu.

Bradstreet estendera uma carta militar de artilharia sobre o banco, e com o compasso desenhava um círculo, com centro em Eyford.

— Aqui está. O local encontra-se numa área a 10 quilômetros da vila. O lugar onde precisamos ir deve ficar perto daquela linha.

— Levamos uma hora até chegarmos lá.

— E pense que o carregaram todo aquele caminho de volta, enquanto esteve desmaiado.

— Devem tê-lo feito. Tenho uma idéia confusa de me sentir transportado para qualquer lugar.

— O que não posso compreender — intervim — é por que motivo lhe pouparam a vida, quando o encontraram no jardim. Talvez o homem tivesse cedido aos rogos da senhora.

— Duvido. Nunca vi rosto mais diabólico, na minha vida.

— Depois veremos — resmungou Bradstreet. — Fiz o meu círculo e desejaria saber a que ponto dele devemos ir para encontrar quem procuramos.

— Penso que posso caçá-lo — declarou Holmes.

— Francamente — disse o inspetor. — Você já formou a sua opinião! Veremos quem concorda comigo. Eu digo que é para o sul, porque essa região é menos povoada.

— Eu digo que é para leste — disse o meu cliente.

— Sou pelo oeste — interveio o detetive —, porque é onde se encontram aldeias isoladas.

— Digo para o norte — alvitrei —, porque não há elevações e o nosso amigo disse que não sentiu que o carro subisse.

— Francamente! — exclamou o inspetor, rindo. —, Que grande diversidade de opiniões. Cercamos o próprio círculo. Qual é a sua opinião, Sr. Holmes?

— Estão todos errados.

— Todos, não. É impossível!

— Estão sim. Este é o local.

Colocou o dedo bem no centro do círculo, acrescentando:

— É aqui que os vamos encontrar.

— Mas e a viagem de 12 quilômetros? — perguntou Hatherley.

— Seis para lá e seis para cá. Nada mais simples. O senhor próprio disse que o cavalo não estava cansado quando entrou no carro. Como poderia estar assim, se tivesse caminhado 12 quilômetros por estradas difíceis?

— É um ardil astucioso e muito provável — observou Bradstreet, pensativo. — Não pode haver dúvida, quanto à ocupação desses patifes.

— Nenhuma — apoiou Holmes. — São fabricantes de moeda falsa, em grande escala, e usam a máquina para formar a amálgama que utilizam em vez da prata.

— Já nos avisaram de que há falsários em atividade — disse o inspetor. — Fabricam meias coroas aos milhares. Já temos pista deles até Reading, mas só até lá, porque encobriram o rasto. Agora, com esta extraordinária coincidência, creio que conseguiremos caçá-los.

Mas o inspetor enganou-se, pois aqueles criminosos não estavam destinados a cair nas mãos da Justiça. Quando o trem entrou na estação de Eyford, vimos uma enorme coluna de fumaça subindo por detrás de um bosquezinho, e que pairava como enorme pluma de avestruz sobre a paisagem.

— Um incêndio? — perguntou Bradstreet.

— Sim, senhor — confirmou a chefe da estação.

— Quando começou?

— Ouvi dizer que foi durante a noite, mas aumentou e o local está todo em chamas.

— De quem é a casa?

— Do Dr. Becker.

— E esse Dr. Becker é um alemão, alto e magro, de nariz fino? — inquiriu o engenheiro.

O chefe riu-se:

— Não senhor. O Dr. Becker é inglês e não há homem nesta paróquia que tenha as bolsas tão cheias de dinheiro. Mas mora com ele um cavalheiro estrangeiro que bem precisa de uns bons bifés de Berkshire.

Ainda o chefe não acabara de falar, já íamos a caminho do incêndio. A estrada subia uma colina e, à nossa frente, encontrava-se um grande edifício, expelindo chamas por todas as janelas e aberturas. Viam-se três carros de bombeiros no jardim, que se esforçavam em vão por extinguir o fogo.

— É ali — exclamou Hatherley, nervoso. — Lá está a estrada de areia e lá estão as roseiras onde cá. Foi daquela segunda janela que pulei.

— Bem, pelo menos você vingou-se deles. Não pode haver dúvida de que a sua lâmpada de querosene, ao ser esmagada pela prensa, ateou fogo nas paredes de madeira, mas estavam tão empenhados a persegui-lo, que não deram por isso. Agora, observe bem, para ver se os seus amigos de ontem estão no meio dessa multidão, embora eu pense que já se encontram a cem quilômetros daqui.

Os cálculos de Holmes foram confirmados, porque nunca mais se ouviu falar do alemão, nem da linda jovem, nem do inglês melancólico. Pela manhã daquele mesmo dia, um camponês encontrou uma carroça com diversas pessoas e alguns grandes baús, que seguia velozmente em direção a Reading, mas dali em diante não deixara vestígios. Até Holmes, com toda a sua argúcia, nunca pôde encontrar uma pista.

Os bombeiros acharam muito estranhas algumas das particularidades da casa e ainda mais o fato de encontrarem um dedo polegar humano sobre o peitoril de uma janela do segundo andar. Ao fim da tarde, os seus esforços foram recompensados e extinguiram as chamas, mas o telhado já havia caído e a casa fora reduzida a completa ruína. Exceto alguns cilindros retorcidos e canos de ferro, nada mais ficou da maquinaria.

Grandes lingotes de níquel e lata foram encontrados num alpendre, mas não se acharam moedas, pois, sem dúvida, os falsários tinham-nas levado nos baús a que se referira o camponês.

A maneira como o nosso engenheiro fora levado do jardim para o lugar onde recuperara os sentidos continuaria a ser um mistério, não fosse o que a terra mole nos contou. Fora transportado por duas pessoas, uma das quais tinha pés pequenos, e a outra, pés excepcionalmente grandes.

— É possível que o inglês calmo, sendo menos atrevido e menos sanguinário do que o seu companheiro, tivesse auxiliado a senhora a levar o jovem inconsciente para longe do perigo.

— Bem! — comentou o engenheiro, tristemente, enquanto nos sentávamos no trem de volta a Londres —, Foi um mau negócio para mim! Perdi o polegar, perdi 50 guinéus, e que diabo ganhei?

— Experiência — concluiu Holmes, rindo. — Indiretamente, pode ter muito valor. Basta-lhe narrá-la, para ganhar a fama de ser uma excelente pessoa.



UM ESCÂNDALO NA BOÊMIA

Sherlock Holmes sempre a designou por a mulher. Raras vezes o ouvi mencioná-la de outra maneira. Era da opinião de que Irene Adler eclipsava e se sobrepunha a todas as outras mulheres, e não porque estivesse apaixonado. Todas as emoções, particularmente o amor, incomodavam a sua mentalidade admiravelmente equilibrada e fria. Creia que era a mais perfeita máquina de raciocinar da Criação, mas, como namorado, ficaria numa posição falsa. Nunca falava das emoções sentimentais, a não ser por brincadeira e com desdém. Para um calculista como ele, admitir tais intrusões no seu delicado e ordenado temperamento, seria como admitir um fator de perturbação que poderia criar dúvidas nas suas conclusões. Um grão de areia num instrumento delicado não se tornaria mais deteriorante do que uma emoção forte numa natureza como a sua. Entretanto, para ele, existia uma mulher: Irene Adler, que lhe excitava o cérebro em dúvidas e suposições diversas.

Ultimamente tenho visto Holmes poucas vezes. Casei-me, e, por isso, não podíamos encontrar-nos com a constância precedente. A minha completa felicidade e os interesses caseiros que começam a avolumar-se ao redor do homem que se tornou dono do seu próprio estabelecimento eram bastantes para absorver toda a minha atenção. Enquanto Holmes, que com a sua alma boêmia detestava qualquer espécie de sociedade, continuava nos nossos alojamentos da Baker Street, enterrado no meio dos seus velhos livros, alternando a leitura e os relatos dos anais do crime no mundo inteiro com as experiências químicas. Continuava, como sempre, fortemente atraído pelo estudo da criminologia e ocupava as suas imensas faculdades de observação e raciocínio desvendando os casos que tinham sido abandonados pela Polícia, como indecifráveis. De vez em quando, ouvia-o contar alguns dos seus feitos: como fora chamado a Odessa, no caso do assassinato de Trepoff; dos esclarecimentos que obteve a respeito da tragédia dos irmãos Atkinson, em Trincomalle; e, finalmente, a respeito da missão delicada que desempenhou em favor da família real holandesa. Mas, além dessas notícias da sua atividade, que apenas acompanhei como qualquer leitor dos jornais, pouco mais soube do meu amigo e companheiro.

Uma noite, 20 de março de 1889, regressava de uma visita a um doente (pois voltara a exercer a minha profissão), quando fui obrigado a passar pela Baker Street. Ao passar a porta, que permanece associada ao meu tempo de namoro e aos incidentes do Estudo em Vermelho, senti muita vontade de ver Holmes e saber no que ocupava as suas extraordinárias energias. O apartamento estava iluminado e, olhando para cima, vi a sua silhueta na cortina; andava de um lado para outro, com cabeça baixa e as mãos atrás das costas. Para mim, que conhecia todos os seus gestos e hábitos, aquela atitude indicava que estava de novo a trabalhar. Tinha-se desembaraçado dos papéis e substâncias químicas e estava mergulhado em algum novo problema. Toquei à campainha, e levaram-me para o apartamento que eu também tinha ocupado.

Recebeu-me de modo efusivo. Isso era raro, mas penso que ficou satisfeito ao ver-me. Pouco falou, mas, com um olhar amigável, apontou-me a poltrona, estendeu-me a cigarreira e indicou o bar, ao canto. Depois, colocou-se em frente da lareira e olhou-me com o seu modo introspectivo.

— O casamento fez-lhe bem — apreciou. — Creio, Watson, que você pesa mais sete quilos e meio, desde que o vi da última vez.

— Sete — respondi.

— Deveras? Julguei que fosse um pouco mais. Bem, vejo que está trabalhando de novo como médico, mas não me tinha dito.

— Como é que sabe?

— Como é que sei que tem apanhado muita chuva nestes últimos dias e que tem uma empregada branca e descuidada?

— Meu caro Holmes — espantei-me —, isso é demais. Você teria sido queimado vivo, se tivesse vivido uns séculos atrás. É verdade que fui passear no campo na quinta-feira e regresssei encharcado, mas como já mudei de roupa, não percebo como é que adivinhou. Quanto à Maria Joana, é incorrigível e minha mulher já a despediu, mas, mesmo assim, não sei como o adivinhou.

Riu satisfeito e esfregou as mãos nervosamente.

— É simples. — Vejo que do lado de dentro do seu sapato esquerdo, justamente onde a luz da lareira incide, o couro está marcado com seis cortes paralelos. É claro que os cortes foram feitos por alguém que descuidadamente raspou a beira das solas dos sapatos para remover-lhes a

lama. A partir daí compreenderá as minhas deduções de que esteve fora, com mau tempo, e que tem uma espécie de empregada particularmente desajeitada para limpar sapatos. Quanto à sua profissão, se um cavalheiro aparece cheirando a clorofórmio, com uma mancha de nitrato de prata na ponta do dedo polegar direito e com uma saliência na cartola que mostra onde escondeu o estetoscópio, logo o reconheço como membro ativo da profissão médica.

Não pude deixar de rir da facilidade com que explicou o processo de dedução.

— Nunca conseguirei descobrir os fatos como você consegue, apesar de a minha vista ser tão boa como a sua! — reconheci.

— Perfeitamente — respondeu Holmes, acendendo um cigarro e afundando-se numa poltrona. — Você vê, mas não observa. A distinção é clara. Por exemplo, você tem visto muitas vezes os degraus que sobem do *hall* até este quarto.

— Frequentemente.

— Quantas vezes?

— Bem, algumas centenas de vezes.

— Então quantos são?

— Quantos, não sei.

— Muito bem! Não observou. Todavia tem visto. Aí está a minha vantagem. Eu sei que há dez degraus, porque vi e observei. Desde que você está interessado nesses pequenos problemas e que tem tido a bondade de tomar nota das minhas experiências, talvez sinta interesse em ler isto.

Estendeu-me uma folha de papel grosso, cor-de-rosa, que estava em cima da mesa.

— Veio pelo último correio — indicou. — Queira ler em voz alta.

O bilhete não trazia data nem endereço ou assinatura. Dizia:

“ Virá visitá-lo hoje à noite, às 8 menos 15, um cavalheiro que deseja consultá-lo sobre assunto de grande importância. Os serviços que prestou a uma das casas reais européias demonstram que o senhor é de toda a confiança quanto aos casos importantes. Recebemos essa notícia a seu respeito de toda a parte. Esteja, portanto, no seu apartamento àquela hora, e não se sinta ofendido se a pessoa que o visitar usar máscara”.

É realmente um mistério — considere. — De que pensa você que se trata?— Ainda não sei. É arriscado especular antes de ter mais elementos à mão... Inconscientemente começa-se a torcer os fatos para acomodá-los às teorias, em vez de fazer as teorias coincidirem com os fatos. Mas a nota em si, que deduz dela?

Examinei cuidadosamente a caligrafia e o papel escrito.

— O homem que a escreveu é certamente rico — declarei, procurando imitar o processo utilizado pelo meu amigo. — Não se pode comprar tal papel por menos de 2 xelins e 6 pence o maço. É extraordinariamente espesso.

— Extraordinariamente é a palavra. Não é sequer papel inglês. Coloque-o contra a luz.

Assim fiz, e vi um E maiúsculo com um g minúsculo, um P e um G grandes com um t pequeno, tecidos na textura do papel.

— Que deduz você disto? — perguntou Holmes.

— O nome do fabricante, ou melhor, o seu monograma.

— Nada disso. O G maiúsculo com o t minúsculo significa *Gesellschaft*, que é “companhia” em alemão. É a contração da nossa habitual Cia.; P decerto quer dizer “Papier”. Quanto ao Eg, vamos consultar o nosso Dicionário Geográfico.

E tirou da prateleira um pesado volume castanho.

— Cá estamos, Eglow, Eglonitz, Egria. É um distrito da Boêmia, que fala o alemão, não muito distante de Carlsbad. É notável por ser o lugar da morte de Wallenstein e pelas suas numerosas fábricas de vidro e de papel. Então, que pensa você disto?

— O papel foi fabricado na Boêmia — concluí.

— Precisamente. E o homem que escreveu o bilhete é um alemão. Repare bem na construção da frase: “Recebemos esta notícia a seu respeito de toda a parte”. Um francês ou um russo não escreveria assim. Só um alemão é que usaria essa sintaxe. Falta agora descobrir o que deseja esse alemão que escreveu em papel da Boêmia, e por que prefere usar máscara a mostrar o rosto. Se não me engano, aí vem ele para resolver todas as nossas dúvidas.

Enquanto falava, ouvia-se o som de patas de cavalo e o rolar de rodas contra a calçada, seguido por um rápido toque de campainha.

Holmes assobiou.

— Pelo som, são dois cavalos — indicou, indo olhar pela janela. — Aqui está um belo coche e uma parelha de animais, de 150 guinéus cada. Nesse caso há dinheiro, Watson, mesmo que não haja mais nada.

— Penso que devo ir-me embora, Holmes.

— Nada disso, Doutor. Fique onde está. O caso promete ser interessante. Seria pena perdê-lo.

— Mas o seu cliente...

— Não se incomode com isso. Posso precisar do seu auxílio e talvez ele também precise. Sente-se naquela poltrona, Doutor, e preste a melhor atenção.

Um passo pesado e vagaroso, que se ouvia subir a escada e atravessar o corredor, parou em frente da porta. Depois, soou uma pancada forte e autoritária.

— Entre! — convidou Holmes.

Entrou um homem que não tinha menos de um metro e oitenta de altura, com peito e músculos de um Hércules. Vestia-se com tanto luxo que na Inglaterra seria considerado de mau gosto. As mangas e a frente dupla do casaco eram ornamentadas com largas faixas de astracã, enquanto a capa azul-escuro, que estava atirada sobre os ombros, era forrada de seda cor de fogo e presa ao pescoço por um broche constituído por um berilo flamejante. As botas chegavam até metade das pernas e, enfeitadas no topo com pele castanha, completavam a impressão de uma opulência bárbara. Trazia na mão um chapéu de aba larga, usava uma máscara preta, aparentemente colocada naquele momento, porque a mão ainda a segurava quando entrou. A julgar pela parte inferior do rosto, com lábios grossos e queixo longo e reto, demonstrava ter um caráter resoluto.

— O senhor recebeu o meu bilhete? — perguntou em voz ríspida, com sotaque fortemente alemão. — Anunciei esta visita.

Olhou para nós dois, como que hesitando a qual devia dirigir-se.

— Tenha a bondade de sentar-se — disse Holmes. — Este é o meu amigo e colega, Dr. Watson, que às vezes colabora comigo. Com quem tenho a honra de falar?

— Pode chamar-me Conde Von Kramm, da Boêmia. Presumo que este cavalheiro é homem honrado e discreto, em quem poderei confiar num caso de extrema importância. Se não for, preferiria falar-lhe a sós.

Levantei-me para sair, porém Holmes pegou-me pela mão e empurrou-me de novo para a poltrona.

— Pode dizer perante este senhor tudo quanto tem a dizer-me.

O conde encolheu os largos ombros.

— Então preciso começar por impor a ambos o maior silêncio a este respeito durante dois anos; depois o assunto já não terá importância. Atualmente não é exagero afirmar ser tão importante que pode influenciar a história atual da Europa.

— Prometo — disse Holmes.

— Eu também.

— É favor desculparem esta máscara — continuou o nosso estranho visitante. — A Augusta pessoa que me emprega deseja que o seu agente não seja conhecido pelo senhor, e tenho de confessar que o título que há pouco usei não é o meu.

— Isso eu já sabia — sublinhou Holmes.

— As circunstâncias são de grande delicadeza e é preciso toda a precaução para abafar o que podia tornar-se um grande escândalo e comprometer seriamente uma das famílias reinantes da Europa. Para falar claramente, o assunto implica a grande Casa de Ormstein, reis hereditários da Boêmia.

— Já o percebi — murmurou Holmes, enfiando-se mais para dentro da poltrona e fechando os olhos.

O nosso visitante olhou com surpresa para aquele homem, aparentemente indolente, que decerto lhe fora descrito como sendo o agente mais enérgico da Europa. Holmes abriu os olhos e olhou impaciente para o seu gigantesco cliente.

— Se Vossa Majestade condescendesse em dizer qual é o seu caso — sugeriu —, poderia ajudá-lo melhor.

O homem ergueu-se da cadeira e andou de um lado para o outro na sala, deveras agitado. Então, com um movimento de desespero, arrancou a máscara do rosto e atirou-a ao chão.

— Tem razão! — exclamou. — Sou o rei. Por que tento ocultá-lo?

— Ainda Vossa Majestade não tinha falado e eu já sabia que a pessoa com quem conversava era Wilhelm Gottsreich Sigismund von Ormstein, grão-duque de Casell-Felstein, o rei hereditário da Boêmia.

— Mas o senhor deve compreender que não estou habituado a tratar de negócios pessoalmente. Todavia, o assunto é tão delicado que não pude confiá-lo a um agente para não me colocar em seu poder. Vim incógnito de Praga, especialmente para consultá-lo.

— Estou à sua disposição — declarou Holmes, fechando de novo os olhos.

— Os fatos são estes: há uns cinco anos, durante uma longa estada em Varsóvia, travei relações com a conhecida aventureira Irene Adler. O nome com certeza é-lhe familiar.

— Tenha a bondade de procurar o nome dela no meu fichário, Doutor — murmurou Holmes, sem abrir os olhos.

Durante muitos anos ele adotara o sistema de arquivar todos os assuntos relativos às pessoas e aos acontecimentos, e assim encontrei a biografia de Irene Adler, entre a de um rabino hebreu e a de um comandante de esquadra que havia escrito uma monografia sobre os peixes dos mares profundos.

— Deixe-me ver — pediu Holmes. — Hum! Nasceu em New Jersey no ano de 1858. Contralto! *La Scala*? Prima-dona imperial. Ópera de Varsóvia! Retirou-se do palco! Mora em Londres, é isso mesmo! Compreendo que Vossa Majestade ficou comprometido com essa jovem, escreveu-lhe algumas cartas e agora deseja reavê-las, não é verdade?

— Exatamente! Mas como...

— Houve casamento clandestino?

— Não.

— Nenhum papel legal ou certificado?

— Nenhum.

— Então não compreendo. Caso essa jovem queira apresentar as cartas para uma extorsão ou qualquer outro propósito, como é que pode ela provar a autenticidade das mesmas?

— Pela caligrafia.

— Ora! Pode acusar-se de falsificação.

— O meu papel de cartas particular.

— Poderia dizer que é roubado.

— E o meu selo privado?

— Imitação.

— E a minha fotografia...

— Comprada.

— Estamos os dois na fotografia.

— Isso já é grave. Realmente Vossa Majestade cometeu uma grande imprudência.

— Estava completamente louco por ela!

— Vossa Majestade comprometeu-se seriamente.

— Naquela época, era apenas o herdeiro presuntivo. Era jovem, mas agora tenho trinta anos.

— Precisa recuperar tudo.

— Já se tentou, sem êxito.

— Vossa Majestade precisa comprar a fotografia.

— Ela não a vende.

— Procure roubá-la.

— Experimentou-se isso cinco vezes. Em duas ocasiões, vasculharam a sua casa. Uma vez desviamos-lhe a bagagem, quando viajava. Tudo sem resultado.

Holmes riu-se:

— É realmente um problema divertido!

— Mas muito sério para mim — replicou o rei, reprovadoramente.

— Muito. Mas que tenciona ela fazer com a fotografia?

— Arruinar-me.

— Como?

— Estou para casar-me.

— Já me constou.

— Com Clotilde Lothman von Saxe-Meningen, segunda filha do rei da Escandinávia. Talvez o senhor conheça os princípios severos da família da minha noiva. Ela própria é a delicadeza personificada. Qualquer sombra de dúvida a meu respeito acabaria com tudo.

— E Irene Adler?

— Ameaça mandar-lhe a fotografia. E fará isso. O senhor não a conhece; tem uma alma de aço. É a mais bela das mulheres, mas com a mentalidade dos homens mais resolutos. Para que eu não me case com outra mulher, é capaz de tudo.

— Vossa Majestade tem certeza de que ela ainda não mandou a fotografia?

— Tenho certeza.

— Por quê?

— Porque me afirmou que a mandaria no dia em que o noivado fosse proclamado publicamente. Isso será na próxima segunda-feira.

— Nesse caso ainda temos três dias. É bom, porque tenho um ou dois assuntos importantes a tratar presentemente. Com certeza, Vossa Majestade ficará em Londres, por enquanto...

— Certamente. Estarei no “Langham Hotel”, sob o nome de Conde Von Kramm.

— Eu me comunicarei por carta, informando o curso do caso.

— Ficarei à espera, ansiosamente.

— Quanto às despesas?

— O senhor tem “carta branca”.

— Inteiramente?

— Digo-lhe que daria uma das províncias do meu reino para reaver aquela fotografia.

— E para as despesas de momento?

O rei tirou de sob a capa uma bolsa de camurça, atirou-a para cima da mesa.

— Aí estão 300 libras em ouro e 700 libras em notas. Holmes assinou um recibo, numa folha de papel do seu bloco de notas entregou ao rei.

— E o endereço de *mademoiselle*? — perguntou.

— Vila Briony, Serpentine Avenue, St. John’s Wood. Holmes tomou nota.

— Mais uma pergunta. A sua fotografia era de pose?

— Sim.

— Então, boa noite, Majestade. Espero que em breve tenhamos boas notícias para dar-lhe. E boa noite, Watson — acrescentou, enquanto o coche rodava rua abaixo. — Faça o favor de vir aqui amanhã às três horas da tarde, pois gostaria de conversar com você sobre este assunto.

Precisamente às três horas do dia seguinte, já estava eu na *Baker Street*, mas Holmes ainda não voltara. A proprietária informou-me que ele saíra

logo depois das oito. Sentei-me à lareira, com a intenção de aguardá-lo o tempo que fosse necessário. Tinha um profundo interesse no caso, porque a posição elevada do cliente proporcionava uma característica deveras invulgar.

Dava-me sempre prazer estudar o sistema e seguir os métodos com que o meu amigo desenredava os mais intrincados mistérios. Tão habituado estava ao seu invariável sucesso que a possibilidade de ele falhar nunca me passou pela cabeça.

Eram quase dezesseis horas, quando um indivíduo mal barbeado, de aspecto ébrio, maltrapilho, com o rosto inchado e as roupas imundas, entrou no apartamento. Embora habituado à maneira maravilhosa como o meu amigo se disfarçava, tive de olhar três vezes antes de ter a certeza de que era ele. Com um aceno de cabeça entrou no quarto para emergir cinco minutos depois, vestido respeitavelmente, com o habitual casaco de casimira. Enfiando as mãos nos bolsos, estendeu as pernas diante do fogo e desatou a rir.

— Realmente — preambulou, mas engasgou-se; desatou às gargalhadas, até que foi obrigado a encostar-se na cadeira, exausto de tanto rir.

— Que foi que lhe deu? — espantei-me.

— Afianço-lhe que nunca poderá adivinhar como passei a manhã e o que acabei de fazer.

— Suponho que andou a espreitar os hábitos e talvez a casa da Srta. Irene Adler.

— Certo, mas o resultado foi interessante. Vou contar-lhe. — Saí de casa, pouco depois das oito, vestido de cocheiro, à procura de serviço. Há uma espécie de maçonaria entre os cocheiros. Fingindo ser um deles, consegue-se saber tudo quanto desejamos. Encontrei a *Vila Briony*. É uma casinha encantadora, com uma horta nos fundos. Tem fechadura moderna na porta. Ao lado direito fica a vasta sala de estar, bem mobiliada, com janelas grandes que chegam quase ao chão, e que qualquer criança poderia abrir com facilidade. Nos fundos não há nada de extraordinário, a não ser que, de cima da cocheira, pode-se chegar à janela do corredor. Dei uma volta ao redor da casa e examinei-a bem, mas sem notar nada de interessante. Desci a rua e vi uma fila de cocheiras, numa viela para onde dá um dos muros do jardim. Ajudei os cocheiros a escovar e limpar os cavalos, e recebi

de gratificação dois *pence*, um copo de cerveja, duas pitadas de tabaco e todas as informações de que precisava a respeito da Srta. Adler, para não falar de meia dúzia de pessoas das vizinhanças que não me interessavam mas cujas biografias fui obrigado a ouvir.

— E com referência a Irene Adler? — perguntei.

— Já fez perder a cabeça a muitos homens. É a pessoa mais delicada do mundo, segundo dizem todos os cocheiros de Serpentina. Vive sossegadamente, cantando em concertos; passeia de carro todos os dias às 17 horas e volta às 19 em ponto para o jantar. Só tem um visitante masculino, mas as suas visitas são freqüentes. É moreno, simpático e arrojado; vai visitá-la uma ou duas vezes por dia. Chama-se Godofredo Norton e é advogado. Veja como é conveniente ter um cocheiro por confidente. Transportaram-no dúzias de vezes das cocheiras de Serpentina para a casa dele e sabiam tudo a seu respeito. Depois de ter ouvido o que tinham a contar, voltei a passear perto da *Vila Briony* e a arquitetar o meu plano de campanha.

Esse Godofredo Norton é, evidentemente, um fator importante no caso. É advogado. Que relações haverá entre eles? Será ela uma cliente, amiga ou apenas companheira? Se fosse cliente teria muito provavelmente, lhe dado a fotografia para guardar, mas só neste caso. Conforme as circunstâncias, eu continuaria o meu trabalho na *Vila Briony*, ou transferiria a minha atenção para os alojamentos do cavalheiro. Sinto que estou a cansá-lo com estes detalhes, mas tenho de expor-lhe as minhas dificuldades, para você poder compreender a situação.

— Estou prestando atenção — afirmei.

— Ainda estava pensando nisto tudo quando chegou um carro descoberto à residência, e dele saltou um jovem. Era atraente, moreno, nariz aquilino e usava bigode: evidentemente, o homem de quem me haviam falado. Parecia estar com muita pressa, pois gritou para o cocheiro que esperasse, passou apressadamente perto da empregada que lhe abria a porta, com ar de pessoa familiarizada na casa.

Permaneceu lá dentro cerca de meia hora, e pude vê-lo através da janela da sala, andando, gesticulando e falando com grande excitação. A ela, eu não vi. Pouco depois, o homem saiu, parecendo ainda mais apressado e, quando saltou para o carro, tirou do bolso um relógio de ouro e gritou:

— Depressa, passe primeiro pela joalheria “*Gross & Hankey*”, na *Regent Street* e, depois, pela igreja de Santa Mônica, na *Edgware Road*. Meia libra se o fizer em vinte minutos.

Fiquei pensando se não faria bem em segui-los, quando começou a subir a viela um coche vistoso, cujo cocheiro ainda não havia abotoado o paletó, tinha a gravata torta, e as correias dos animais estavam mal colocadas e não afiveladas. Mal o carro parou, Irene Adler correu da porta da casa para dentro dele. Só pude vê-la um instante, mas era linda: a espécie de mulher por quem um homem é capaz de dar a vida.

— Para a igreja de Santa Mônica, John — indicou —, e meia libra se lá chegar em vinte minutos.

Isto era bom demais de se perder, Watson. Estava indeciso se devia segui-la, saltando para a traseira do carro, quando passou outro. O cocheiro hesitou em aceitar-me como passageiro, tão feio e maltrapilho eu estava. Mas antes que pudesse recusar, pulei para dentro e gritei:

— Para a igreja de Santa Mônica, e meia libra, se lá chegar em vinte minutos.

Faltavam vinte e cinco minutos para o meio-dia e era fácil perceber o que ia acontecer.

O meu cocheiro voou e não me lembro de jamais ter viajado tão depressa, mas mesmo assim os outros já tinham chegado; os cavalos do coche e do carro estavam cobertos de suor em frente à porta da igreja. Não havia outras pessoas além daquelas que eu seguira. O vigário, vestido com a sobrepeliz de eclesiástico, parecia discutir com eles. Estavam os três em frente do altar e eu fui andando vagarosamente pela nave, como qualquer vadio que tivesse entrado por acaso. De repente, para minha surpresa, viraram-se para mim e Godofredo Norton correu na minha direção.

— Graças a Deus! — exultou. — Você servirá. Venha comigo.

— Para quê? — perguntei.

— Venha, homem. São só três minutos; do contrário não será legal.

Fui meio empurrado até o altar e dei por mim murmurando frases que me eram proferidas aos ouvidos. Assistia, praticamente, ao casamento de Irene Adler, solteira, e de Godofredo Norton, solteiro. Acabou-se tudo num instante e, de um lado, estava o jovem agradecendo-me e, de outro, a jovem, enquanto o vigário sorria na minha frente. Foi esta a posição mais absurda em que jamais me achei!

Parece-me que havia qualquer irregularidade quanto à licença de casamento, e que o clérigo se recusara a casá-los, caso não houvesse testemunha. A minha chegada, naquele momento, evitou a desagradável situação de o

noivo ter de sair à procura de uma testemunha. O rapaz deu-me uma libra que vou usar, presa à minha corrente do relógio, como lembrança da insólita ocorrência.

— Isso constitui uma inesperada alteração dos fatos — comentei.

— Sim. Parecia que o casal podia partir imediatamente e, portanto, precisava agir prontamente. No entanto, à porta da igreja separaram-se, indo ele para o tribunal e ela para casa.

— Vou passear pelo parque, como sempre, às 17 horas — disse-lhe Irene, quando ia saindo.

Não ouvi mais nada. Foram cada um para o seu lado e eu vim reorganizar os meus planos.”

— Quais são?

— Para começar, um pouco de carne fria e um copo de cerveja. Estive demasiado ocupado para lembrar-me de comer e é possível que esteja ainda mais ocupado à tarde. A propósito, Doutor, vou precisar da sua cooperação.

— Terei muito prazer.

— Não se importa de desrespeitar as leis?

— Absolutamente nada.

— Nem de arriscar-se a ser preso?

— Não, num caso justo.

— O caso é excelente!

— Então estou ao seu dispor.

— Tinha a certeza de que poderia contar com você.

— Mas que quer que eu faça?

— Depois de a Sra. Turner trazer a bandeja, explico-lhe tudo.

— Agora — disse ele, enquanto se virava para comer a simples refeição que a hospedeira lhe trouxera —, preciso falar enquanto como, porque temos pouco tempo. São quase 17 horas e, dentro de duas, já devemos estar em ação. Srta. Irene, isto é, Senhora, volta sempre do seu passeio às 19 horas; temos de estar na Vila *Briony* à espera dela.

— E depois?

— Deixe isso por minha conta. Há só um ponto em que preciso insistir. Você não deve interferir, seja qual for o resultado. Compreende?

— Tenho de ficar neutro?

— Não fará absolutamente nada. Talvez surjam alguns aborrecimentos, mas não se meta; hão de acabar por levar-me para dentro de casa. Quatro ou cinco minutos depois, abrirão a janela da sala e você deve colocar-se rente a ela.

— Está bem.

— Fique olhando para mim, porque poderá ver-me, lá de fora.

— Muito bem!

— Quando eu levantar a mão, assim, atirárá para dentro aquilo que vou entregar-lhe e, ao mesmo tempo, dará o alarme de “fogo”. Entendido?

— Perfeitamente.

— Não é nada de alarmante — sossegou-me ele, tirando do bolso um objeto em forma de charuto —, é simplesmente um rojão vulgar, desses que os canalizadores usam. O seu trabalho é apenas este. Quando gritar “fogo”, várias pessoas repetirão o grito. Seguirá então até o fim da rua, onde irei ter com você dentro de dez minutos. Expus bem tudo?

— Permaneço neutro e aproximo-me da janela olhando para você e, ao ver o sinal, lanço lá para dentro este objeto, dou alarme de incêndio e vou esperá-lo na esquina da rua.

— Justamente.

— Pode contar comigo.

— Excelente. Creio que já são horas de preparar-me para a minha ação.

Desapareceu no quarto e, poucos minutos depois, voltou vestido de sacerdote. O chapéu preto de aba larga, as amplas calças, a gravata branca, o sorriso simpático e benevolente caracterizavam-no impecavelmente. Não bastava a Holmes trocar de roupa; a sua expressão, o seu modo, a sua própria alma pareciam transformar-se em cada novo papel que representava. O palco perdeu um excelente ator, assim como a ciência perdeu um excelente investigador, quando se tornou especialista em criminologia.

Eram dezoito horas e trinta, quando partimos de *Baker Street*, e faltavam ainda dez minutos para a hora marcada quando chegamos à Serpentina Avenue. Já escurecera e os lampiões das ruas começavam a acender-se enquanto passávamos em frente da Vila *Briony*, à espera da sua moradora.

Era uma casa igual à que eu tinha imaginado pela descrição sucinta que Holmes havia dado, mas o local não era tão isolado como eu esperava. Pelo contrário, por ser uma rua pequena com vizinhança sossegada, achei-a

demasiado animada. Havia um grupo de homens pobremente vestidos fumando e rindo numa esquina; um amolador de facas com a sua maquina; dois guardas namorando uma criada e diversos jovens bem vestidos que caminhavam descuidadamente, de charuto na boca.

— Como vê — considerou Holmes, enquanto passávamos em frente da casa —, este casamento simplifica um pouco o caso. Agora a fotografia torna-se uma arma de dois gumes. É provável que ela tenha de esconder a fotografia, pois se for vista por Godofredo Norton este é capaz de aborrecer-se. Agora, a questão é: onde encontraremos a fotografia?

Ela não deve trazê-la consigo porque é uma ampliação demasiado grande para ser escondida na roupa de uma mulher. E também sabe que o rei é capaz de armar-lhe uma emboscada e mandar examinar tudo o que leva. De fato, já fizeram isso por duas vezes. Portanto sabemos que não a traz consigo.

— Mas onde diabo a deixa?

— Entregue ao seu banqueiro ou a um advogado. Há essa dupla possibilidade. Mas creio que não se trata de um nem de outro. As mulheres são muito dissimuladas e têm uma forma particular de guardar segredos. Por que iria entregar a fotografia a outra pessoa? É bastante competente para guardá-la e nem ela própria pode calcular a influência política ou indireta que pode ser exercida para subornar qualquer homem. Além disso, não se esqueça de que resolvera utilizar-se da fotografia dentro de poucos dias. Deve estar onde lhe possa deitar a mão facilmente. Deve estar na sua própria casa.

— Mas já tentaram roubá-la duas vezes.

— Que importa! Não souberam procurar.

— Mas como vai você desencantá-la?

— Não vou.

— Nesse caso, que pretende fazer?

— Vou induzi-la a mostrar-me onde está.

— Recusará, certamente.

— Não lhe será possível. Mas, escute, ouço o rodar do carro que a traz. Agora, Watson, cumpra as minhas indicações.

Enquanto falava, a luz das lanternas do carro viraram a curva da avenida. Ao parar, um dos ociosos da esquina avançou para abrir a porta, à espera de

receber uma gorjeta, mas foi empurrado por outro dos vagabundos que corra no mesmo instante, com a mesma intenção. Travou-se luta, aumentada pelos dois guardas, que apoiaram um dos brigões, e pelo amolador, que resolveu apoiar o outro. Houve uma cacetada e, num instante, a dama, que descera da carro, estava no centro de um círculo de homens que lutavam uns contra os outros a soco e a cacetada. Holmes correu em direção da jovem para protegê-la; mas, justamente na altura em que chegou perto dela, deu um grito e caiu, com sangue a escorrer pela face.

A queda foi devido a terem os guardas corrido numa direção e os contedores na outra, enquanto um número de pessoas bem vestidas, que tinham presenciado a luta sem se intrometerem, se aproximaram para ajudar a senhora e o padre ferido.

Irene Adler, como ainda lhe chamarei, tinha subido apressada os degraus, porém uma vez lá em cima, com a sua figura esbelta em silhueta contra as luzes do átrio, perguntou:

— Está muito ferido o pobre homem?

— Está morto — gritaram vários dos presentes.

— Não. Ainda está vivo — bradou outro —, mas morrerá antes que possa chegar a um hospital.

— É um padre corajoso — comentou uma mulher.

— Teriam roubado o relógio e a bolsa da senhora, não fosse ele. Ah! Já respira!

— Mas não pode ficar deitado na rua. Podemos levá-la para dentro, senhora?

— Certamente. Tragam-no para a sala de estar, onde há um sofá confortável. Por aqui, façam favor.

Vagarosa e solenemente, levaram Holmes para dentro da Vila *Briony* e deitaram-no na sala, num sofá, enquanto eu, do meu lugar perto da janela, observava os acontecimentos.

Acenderam-se os candelabros, mas as cortinas continuavam abertas, e pude ver Holmes deitado no sofá. Não sei se ele teve vergonha da farsa, mas senti-me constrangido ao ver aquela criatura, contra quem conspirávamos, ajudar o homem ferido com tanta bondade. Contudo, peguei no foguete que trazia debaixo da capa.

Holmes erguera-se no sofá, e vi-o fazer um sinal como se precisasse de mais ar. Uma criada atravessou a sala correndo e abriu a janela. No mesmo instante vi-o levantar a mão e, a este sinal, atirei o foguete para dentro da sala, gritando “fogo”! Logo a multidão de espectadores, elegantes e mal vestidos, cavalheiros, cocheiros e criadas, uniram as vozes, berrando: “Fogo”! Rolos de fumaça ondulavam pela sala e para fora da janela. Depois ouvi a voz de Holmes dizendo que se tratava de um alarme falso. Esgueirando-me através da multidão, fui até a esquina da rua e, dez minutos depois, alegrei-me ao sentir Holmes pegar-me no braço. Caminhamos depressa e em silêncio por alguns minutos, até que entramos numa rua calma, em direção à *Edgeware Road*.

— Fez tudo certo, Doutor, — apreciou. Não podia ter sido melhor.

— Tem a fotografia?

— Já sei onde está.

— Como conseguiu descobri-la?

— Ela mostrou-me, como eu lhe disse que faria.

— Não compreendo.

— Não faço mistério. Foi simples. Com certeza percebeu que todos os que lá estavam eram meus cúmplices. Foram todos contratados para a ocasião.

— Calculei isso.

— Quando o barulho começou, eu tinha um pouco de tinta vermelha na mão. Corri para a frente e cá, bati no rosto com a mão e me transformei num pobre ferido. É um velho truque.

— Também percebi isso.

— Levaram-me para dentro e Irene não podia deixar de consenti-lo, não é verdade? Fui para aquela sala onde suspeitei que estava a fotografia. Deitaram-me no sofá, reclamei por ar, abriram a janela e você teve a sua oportunidade.

— Como é que a minha intervenção o ajudou?

— Era importante. Quando uma mulher pensa que a casa está incendiando, corre instintivamente para salvar o objeto mais precioso que possui. É um impulso perfeitamente irresistível e, mais de uma vez, tenho-me aproveitado disso. No caso do escândalo de Darlington foi de grande utilidade, e também me serviu no problema do castelo de Arnsworth. A mulher casada corre

em auxílio do filhinho, a solteira pega na caixa de jóias. Para mim, a nossa cliente de hoje nada tinha que estimesse mais do que aquilo que procuramos. Tentaria salvá-lo. O alarme foi muito bem feito. A fumaça e os gritos foram suficientes para enervar um cérebro de aço. Irene reagiu formidavelmente. A fotografia está num armariozinho atrás de um painel, bem acima do cordão da campainha, à direita. Percebi que ia retirá-la, mas, quando gritei que era alarme falso, a repôs no armário, olhou para o foguete queimado, saiu da sala e não a vi mais. Levantei-me e, pedindo desculpas, deixei a casa e hesitei sobre se devia retirar imediatamente a fotografia, mas o cocheiro tinha entrado e, como me olhava fixamente, pareceu-me melhor aguardar outra oportunidade. A precipitação podia arruinar tudo.

— E agora?

— A nossa investigação está praticamente terminada. Farei ali uma visita com o rei e com você, se é que quer acompanhar-nos. Seremos introduzidos na sala de estar para aguardarmos a senhora, mas é possível que quando entrar já não nos encontre, nem à fotografia. Será uma satisfação para Sua Majestade recuperá-la por suas próprias mãos.

— A que horas fará essa visita?

— Às oito da manhã. Ela ainda não terá levantado e, assim, teremos o campo livre. Além disso, precisamos não perder tempo, porque esse casamento pode modificar completamente a vida dela e os seus hábitos. Vou já telegrafar ao rei.

Chegamos à *Baker Street*, e Holmes procurava a chave no bolso quando alguém que passava saudou:

— Boa noite, Sr. Sherlock Holmes.

Estavam várias pessoas no passeio, mas a saudação parecia vir de um rapazinho com uma capa, que passava apressadamente.

— Eu já ouvi essa voz — comentou Holmes, perscrutando a escuridão da rua. Quem terá sido?

Nessa manhã, estávamos tomando o nosso café com torradas, quando entrou apressadamente o rei da Boêmia.

— O senhor conseguiu resolver o caso? — indagou, segurando os ombros de Holmes e fitando-o ansioso.

— Ainda não.

— Mas tem esperanças?

— Tenho.

— Então vamos, estou impaciente por partir.

— Precisamos de um carro.

— Não, o meu carro está à espera.

— Isso simplifica a situação.

Descemos, e mais uma vez fomos à Vila *Briony*.

— Irene Adler está casada — anunciou Holmes.

— Quando casou?

— Ontem.

— Mas... com quem?

— Com um advogado inglês chamado Norton.

— Mas ela não o amava!

— Espero que sim.

— Por quê?

— Porque, com isso, pouparemos, no futuro, muitos dissabores a Vossa Majestade. Se a esposa ama o marido, não ama Vossa Majestade e, assim, não há razão para intervir nos seus planos.

— Isso é verdade. Contudo, teria gostado que ela fosse da minha raça e posição. Que elegante rainha viria a ser!

— Prosseguimos em silêncio, até que paramos na Serpentina Avenue. A porta da Vila *Briony* estava aberta e uma senhora idosa encontrava-se nos degraus. Fitou-nos quando descemos do carro e em voz sarcástica perguntou:

— Sr. Sherlock Holmes, segundo creio?

— Sim, sou Holmes — respondeu o meu companheiro, surpreso.

— Deveras! A minha patroa disse que talvez o senhor lhe viesse fazer uma visita. Foi-se embora com o marido hoje de manhã, no trem das 5h15 de *Charing Cross*, para o continente.

— O quê? Quer dizer com isso que ela deixou a Inglaterra? — exclamou Holmes surpreso e desapontado.

— Sim e nunca mais voltará.

— E os papéis? — perguntou o rei. — Está tudo perdido!

— Vamos ver.

Holmes entrou bruscamente na casa e dirigiu-se à sala, seguido pelo rei e por mim. A mobília estava em desordem, as gavetas abertas como se a senhora as tivesse esvaziado para fugir. Holmes foi direto à corda da campainha e abriu a portinha do painel, enfiou a mão e dela retirou um retrato e uma carta. O retrato era de Irene Adler, com um vestido de gala, e a carta estava endereçada a “*Sherlock Holmes, para ser entregue quando procurada por ele*”. O meu amigo abriu e lemos juntos. Tinha a data da meia-noite do dia anterior.

“Meu caro Sherlock Holmes,

Você realmente representou muito bem a farsa e enganou-me completamente; até depois do alarme de “fogo” não tive a menor suspeita. Mas quando percebi que havia traído a mim própria, comecei a pensar. Eu tinha sido avisada, em tempos, contra o senhor e sabia que, se o rei empregasse qualquer agente, iria certamente escolher o senhor. Deram-me o seu endereço. Apesar de tudo, o senhor fez com que eu me traísse, descobrindo o que queria saber. Mesmo depois de ter suspeitas, achei difícil recear um velho clérigo. Mas não se esqueça de que também sou atriz experiente. Roupas masculinas não é novidade para mim e, muitas vezes, me aproveito da liberdade que ela me proporciona. Mande o cocheiro John vigiá-lo, subi para o quarto, vesti roupa masculina e desci logo após o senhor ter saído.

Segui-o até a sua porta, para ter a certeza de que eu era verdadeiramente objeto de interesse para Sherlock Holmes. Aí, um tanto imprudentemente, saudei-o com um “boa noite” e fui até o tribunal ver o meu marido. Ambos achamos que a melhor coisa a fazer seria fugirmos, já que tínhamos tão formidável antagonista. Por isso, ao chegar aqui, encontrará o ninho vazio. Quanto à fotografia, o seu cliente pode ficar descansado. Sou amada e adorada por um homem muito melhor do que ele. O rei pode fazer o que quiser, que não será incomodado por uma pessoa que ele injuriou cruelmente. Guardarei a fotografia, apenas para minha segurança e para conservar uma arma que sempre poderá salvaguardar-me de qualquer cilada que ele tente armar no futuro. Deixo outra fotografia, pois talvez ele queira possuí-la. Creia-me, Sr. Sherlock Holmes, muito sinceramente

Irene Norton, *née* Adler”

— Que mulher! Ah! Que mulher! — gritou o rei da Boêmia, quando acabamos de ler. — Eu não lhes disse que era esperta e decidida? Pena é que não fosse da minha posição!

— A dedução que tiro disto tudo é que ela parece ser de um nível muito diferente do de Vossa Majestade, observou Holmes friamente. — Sinto não ter podido dar aos seus negócios uma conclusão mais satisfatória.

— Pelo contrário, meu caro senhor — replicou o rei —, nada podia ter corrido melhor. Sei que a palavra de Irene é inviolável. A fotografia está agora tão segura como se tivesse sido atirada ao fogo.

— Regozijo-me com essa opinião de Vossa Majestade.

— Devo-lhe muito, Sr. Holmes. Diga-me como poderei recompensá-lo. Este anel — disse, tirando do dedo um anel de esmeraldas que colocou na palma da mão.

— Vossa Majestade tem uma coisa a que eu daria mais valor ainda — disse Holmes.

— Diga o que é.

— Esta fotografia.

— A fotografia de Irene! — exclamou. — Com certeza, se tem apreço nisso.

— Agradeço a Vossa Majestade. Nada mais há a dizer sobre o assunto. Tenho a honra de desejar-lhe muito bom dia.

Curvou-se e, sem reparar na mão que o rei lhe estendia, saiu comigo em direção ao nosso apartamento.

Eis como o reino da Boêmia foi ameaçado por um grande escândalo e os melhores planos de Sherlock Holmes foram frustrados pela sagacidade de uma mulher. Sempre zombara da esperteza feminina, mas ultimamente, não o ouvi dizer mais nada. E quando se refere àquele retrato, menciona-o sempre sob o título honroso de *a mulher*.



